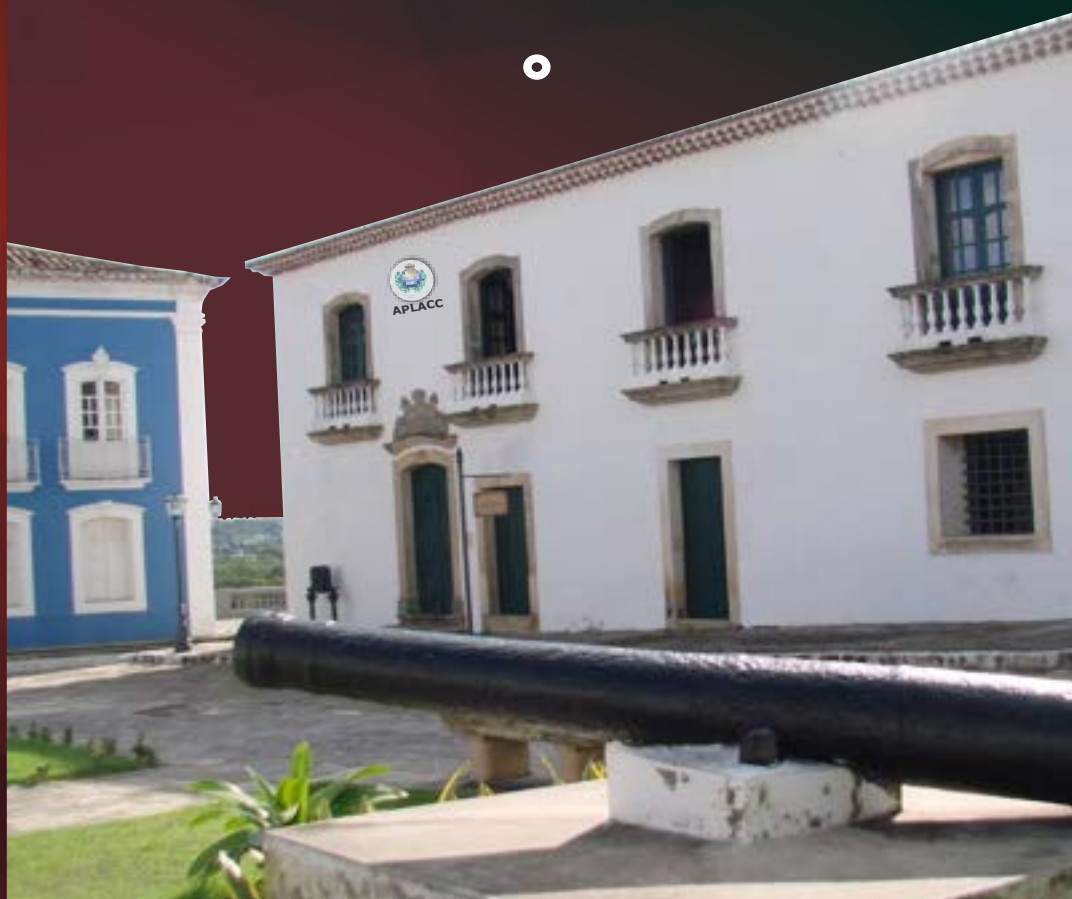


# ANTOLOGIA DE CONTOS SELECIONADOS



EDIÇÕES APLACC  
2022





APLACC

**ANTOLOGIA  
DE CONTOS  
SELECIONADOS**

**EDIÇÕES APLACC  
2022**

## **Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciências - APLACC**

Presidente: Moezio de Vasconcellos Costa Santos

1º Presidente: Francisco Araújo Filho

2º Presidente: Clébio Correia Araújo

Editora: Márcia Brito Nery Alves

Curador de Conteúdo Digital: Carley Rodrigues Alves

### Antologia de Contos Selecionados

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem prévia autorização das Edições APLACC.

Distribuição Gratuita.

### Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciências - APLACC

Coordenação Edições APLACC – CEAP

Praça Barão de Penedo, 19 - Centro Histórico

Penedo - AL, 57200-000

[aplacc.org.br](http://aplacc.org.br)

e-book

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

Coordenação de Biblioteca. Seção de Catalogação.

---

Antologia de Poesias Selecionadas [recurso eletrônico]. Alves, Márcia Brito Nery (org.)

- Penedo,AL : Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciências. Edições APLACC, 2022

Versão E-book.

Modo de acesso: [aplacc.org.br](http://aplacc.org.br)

1. Poesia, Brasil. I. Alves, Márcia Brito Nery (org.)

CDU 869.0(81)

---

ISBN 978-85-907088-5-8

# *SUMÁRIO*

|                                |     |
|--------------------------------|-----|
| <i>Apresentação</i>            | 4   |
| THIAGO BARROZO                 | 5   |
| ARTHUR DE AQUINO PONTUAL       | 12  |
| JOSÉ CARLOS VAZ                | 20  |
| RENATA CALIXTO MARTINS         | 24  |
| CIDA QUELÉ                     | 27  |
| KÁTIA MICHELLE RODRIGUES VIDAL | 39  |
| RENAN BARROS DA SILVA          | 44  |
| CYNTHIA ESPINOSA               | 52  |
| F. FERREIRA                    | 55  |
| PAULO PERAZZOLI                | 68  |
| ANDERSON ALMEIDA NOGUEIRA      | 80  |
| RAFAEL BERTOZZO DUARTE         | 87  |
| ABNIZA PONTES DE BARROS LEAL   | 101 |
| RENATO TAVARES PEREIRA         | 110 |
| AMILTON ALVES                  | 117 |
| MARCELO REIS DOS SANTOS        | 126 |
| RUDIMAR NUNES FRAGA            | 138 |
| CLÁUDIO D'AMORIM               | 149 |
| WIANA KELL                     | 153 |
| RAIMUNDO JOSÉ DE SALES JÚNIOR  | 158 |
| LUA NÊ                         | 163 |
| AYALA GURGEL                   | 166 |

# *APRESENTAÇÃO*

A Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciências - APLACC - é uma instituição que tem como finalidade precípua promover a cultura e a literatura brasileira. Contamos com reconhecimento nacional e internacional que é fruto das inúmeras parcerias que construímos ao longo de nossos 57 anos de existência.

Dentre nossas atividades culturais, destaca-se o Concurso Literário da APLACC. Ao longo das edições do Concurso Cidade do Penedo de Poesia e Conto, recebemos textos literários oriundos de participantes de todos os estados da federação e de diversos países dos quatro continentes.

A obra Antologia de Contos Seleccionados organizada pela Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciências - APLACC, reafirma o seu papel institucional de difundir a cultura nacional e a literatura brasileira, reconhecendo, valorizando e promovendo não apenas o livro e a leitura, mas também os autores que nos brindam e nos encantam com suas histórias.

Todos os textos que compõem a Antologia de Contos Seleccionados foram submetidos por seus autores ao VIII Concurso Literário Cidade do Penedo de Poesia e Conto e receberam menção honrosa por parte da Comissão Avaliadora da APLACC.

Boa leitura !

Márcia Brito Nery Alves  
Edições APLACC

# THIAGO BARROZO

Thiago Barrozo é jornalista, editor para América Latina dos jornais ingleses Mergermarket e Policy and Regulatory Report (PaRR). Possui publicações em diversos veículos, tais como: Financial Times, Forbes, O Globo, BandNews e Revista Brasileiros.

Fale com o autor: [thiagobarrozo319@gmail.com](mailto:thiagobarrozo319@gmail.com)

## UM MORTO CONSCIENTE

Lázaro do Nascimento não acreditava na ressurreição da carne. Imaginava que depois de morto fosse despertar num lugar diferente. Uma fortaleza de luz acima das nuvens ou um campo verdejante com espíritos de túnica branca perambulando por todos os lados. Conseguia até imaginar um purgatório escuro, à la Dante, repleto de almas aflitas trocando cotoveladas, gritando: “Estamos aqui por engano!” O que Lázaro não imaginava em hipótese alguma é que depois de morto, às vésperas de completar 53 anos de idade, ele acordaria pontualmente às sete horas da manhã para desligar o despertador em cima do criado-mudo.

Foi na frente do espelho do banheiro que Lázaro descobriu que estava morto. Os lábios pareciam mais pálidos que o normal; as bochechas continuavam enormes, flácidas, mas não tinham mais o viço de antes; os olhos, opacos e rígidos, já eram de defunto. Lázaro respirou fundo e largou a gilete e o creme de barbear em cima da pia, desistiu de fazer a barba. Já estava morto mesmo. Além do mais, os pelos brancos no queixo e nas costeletas lhe davam um ar de homem vivido, por mais paradoxal que seja. Apagou a luz do banheiro e voltou ao quarto. Sentou-se no pé da cama.

Apesar da ingrata surpresa, não podia reclamar. Morreu sem sentir um pinga de dor. Bateu as botas dormindo, o sonho da maioria das pessoas, só lhe custava acreditar que fosse possível acordar morto. Era isso o que o deixava mais intrigado. Pegou o celular e telefonou para a secretária. Não iria trabalhar hoje. Nem morto. Explicou que estava com dor de barriga e não deu mais detalhes. Se arrependeu assim que desligou o telefone, imaginando as piadinhas que o sócio faria por causa da sua “diarreia fatal”. Paciência. Agora Inês é morta - e ele também.

Lázaro geralmente acordava morto de fome, preparava um omelete de presunto e batia uma vitamina de goiaba no liquidificador. Hoje, no entanto, acordou morto e sem fome. Desceu até a sala, sentou-se no sofá e ligou a televisão. Queria ver as notícias no dia da sua morte. Depois de acompanhar dois casos de homicídio e o estupro de uma

senhora de 82 anos com Alzheimer, achou melhor desligar a tevê e pensar na vida. Uma coisa em particular o preocupava: ele ainda não tinha, literalmente, onde cair morto.

Pegou o celular outra vez e ligou para o melhor amigo. Disse que era uma emergência. Primeiro, falou que não estava bem; em seguida, voltou atrás e disse que na verdade estava até que muito bem. Por fim, concluiu que não sentia nada e por isso não sabia se estava, ou não, se sentindo bem. O amigo achou estranho, mas prometeu chegar em menos de cinco minutos.

Lázaro aproveitou o meio-tempo e foi trocar de roupa. Tirou o pijama de flanela e despejou um frasco inteiro de Carolina Herrera pelo corpo. Borrifou perfume em todas as células que encontrou pela frente. Nos orifícios também. Sem exceção. Não queria feder igual a um peixe podre quando começasse a se decompor. Vestiu uma camisa de algodão egípcio e uma calça de linho creme. Roupas leves que ajudariam a esconder o corpo mole e avantajado.

Não queria deixar a pele à mostra.

Passou um cafezinho e contou ao amigo tim-tim por tim-tim o que havia acontecido. Falou com calma, escolhendo cuidadosamente as palavras. Pediu ao amigo que não tivesse medo, fez questão de ressaltar que era um morto bonzinho: nunca puxou nem nunca pretendia puxar o pé de ninguém. Só queria um lugar calmo e confortável para descansar. Um refúgio silencioso à sete palmos do chão. Antes, porém, teria que comprar duas coisas: um jazigo e um caixão. Mais tarde cuidaria do epitáfio e da coroa de flores. Planejava um velório simples, sem muitas pessoas. Só os mais chegados. Era por isso que havia chamado o amigo. Precisava da ajuda dele para organizar os últimos detalhes da sua despedida.

Lázaro não provou o café. Lavou e secou a louça para ninguém pensar que era um defunto folgado. Em seguida, subiu com o amigo até o escritório. Deletou alguns arquivos no computador e pegou a pilha de boletos em cima da mesa. Conta de luz, de água, da NET, da Cruz Vermelha... juntou todos os boletos e rasgou um por um, deliciosamente. Nasceu e morreu órfão; não tinha filhos nem herança para deixar. Ninguém sairia prejudicado, a não ser o próprio sistema.



Foi o ápice de emoção que sentiu em todo pós-vida.

Como sempre, o trânsito estava de matar. Lázaro e o amigo levaram uma hora e meia para chegar ao Cemitério da Vila Formosa. O maior da América Latina. Mais de 780 mil metros quadrados e 1,5 milhão de pessoas enterradas. Com certeza encontraria um espaço ali para chamar de seu. De preferência, debaixo de um limoeiro ou outra árvore frutífera. Precisou morrer com algumas notas de cem para convencer um coveiro e dois funcionários da administração a arrumar um jazigo que não ficasse no meio de um barranco. Apesar de neófito no mundo dos mortos, Lázaro logo compreendeu que nada, nem mesmo a morte, consegue escapar da burocracia e da corrupção. Se contentou com um jazigo largo, perto de um pé de arruda murcho.

Escolher o caixão foi ainda mais difícil. Primeiro, porque Lázaro não fazia a menor ideia de que caixão e urna mortuária pudessem ser duas coisas distintas. Segundo, porque existem milhares de modelos de caixão, a depender do detalhe: tipo de madeira, acabamento, pintura... Lázaro passou quase duas horas examinando e testando a futura casa. Deitou-se em pelo menos trinta caixões. O gerente fez questão de deixá-lo à vontade, explicou os prós e contras de cada modelo, e voltou e mexer no computador. Por fim, tirando a exigência de tampo antirruído e madeira antimoho, Lázaro baseou a escolha quase que impulsivamente num pôster colorido que viu na entrada da funerária. O homem da foto, um morto quase tão gordo e calvo quanto ele, parecia incrivelmente à vontade num Morpheus MZX-L42 Plus Size. Sorria e esticava o polegar roliço para fora do caixão.

Mas a grande sacada mesmo veio com a almofadinha para os pés. Vira e mexe Lázaro sentia uma dor aguda no calcanhar esquerdo, como se alguém enfiasse uma agulha de costura bem na curva do pé. As pontadas ficavam ainda piores quando ele dormia de barriga para cima - ou seja, que nem defunto. Era assim desde a adolescência. O osso do calcanhar cresceu mais que o resto do corpo. Esporão do calcâneo. O problema é que agora que estava morto, Lázaro não tinha escolha. Teria de dormir nessa posição para sempre. Por isso, achou melhor se prevenir e comprar uma almofadinha de veludo. Se não estivesse morto, teria ficado orgulhoso de si mesmo.

Missão cumprida. Agora não seria mais enterrado como indigente. Tinha um caixão antimofa, um jazigo perto de um pé de arruda, e uma almofadinha de veludo para amortecer o calcanhar. Lázaro agradeceu ao amigo pela paciência. Aquilo, sim, era prova de amizade. Se um dia ressuscitasse ou nascesse de novo, morreria por ele se fosse necessário. O amigo retribuiu o carinho e se despediu (do encontro e da vida) com um abraço apertado: Até breve! Quer dizer, melhor não!

Assim que o amigo foi embora, Lázaro percebeu que não sabia o que fazer para matar o tempo. Pensou em telefonar para a terceira ex-mulher, a única com quem matinha o mínimo de civilidade, mas isso daria um trevo na cabeça dela. Ainda mais quando a coitada descobrisse que ele tinha morrido. Melhor não... Pensou então em aproveitar o pós-vida, as horas que, sabe se lá porquê, ainda tinha de lambuja. Encher a cara, ir a um puteiro, xingar as pessoas que jogam bituca na calçada, atear fogo na casa do sócio. Mas nada disso fazia sentido. Estava morto e morto que é morto não faz esse tipo de coisa. Além do mais, estava desanimado. Não gostou de nenhuma ideia. Seu cérebro já tinha ido para o beleléu. Pelo menos uma parte do seu corpo havia alcançado o descanso eterno. Passou a mão no queixo e decidiu ir para casa. Ostornozelos estavam ficando rígidos. As panturrilhas também. Logo mais seriam as coxas e o resto do corpo. A morte estava lhe pegando pelas pernas.

Encostou no ponto de ônibus ao lado da funerária para se proteger do sol e chamou um Uber. Três minutos de distância. Tempo suficiente para fingir de se fingir de morto, e ignorar o senhor manco e albino que lhe perguntou as horas. Não queria ser mal-educado com o velho, ainda mais um velho manquitola, cor de algodão doce, mas cadáver que se preza não fala. Só quando é inevitável. Lázaro resistiu à tentação; não disse um “a” quando o velho repetiu a pergunta. Silêncio de defunto. Antes de entrar no carro, soltou o relógio de couro do pulso direito e o entregou ao velho.

Chegou em casa duas horas depois. Se ainda não estivesse morto, cometeria haraquiri ali mesmo, na cozinha, com a faca de cortar legumes. Não conseguia pensar em nada mais insuportável que o trânsito, a forma mais lenta e eficiente de matar alguém numa cidade

como São Paulo. Pegou o saco de lixo perto do fogão e o colocou na calçada, encostado no poste. O lixeiro passaria mais tarde. Voltou para dentro de casa e ligou a tevê. Deixou o corpo moribundo tombar no sofá da sala. Estava morto de cansaço.

Assistiu a um misto de assalto-homicídio-estupro-e-perseguição policial e um trechinho da novela das seis. Novela de época. Década de 1920. As mulheres de chapéu, luva e sombrinha; os homens, de terno e bigode fino. Não aguentou nem trinta minutos na frente da tevê. Finalmente havia descoberto algo tão insuportável quanto o trânsito. Desligou a televisão e foi até o escritório. Tinha esquecido do epitáfio. Bolaria alguma coisa e deixaria a frase escrita num bilhete, no bolso da calça. Não era nenhum Washington Olivetto, mas, às vezes, tinha umas tiradas boas. Não foi o caso dessa vez. Entrou na internet e descobriu um site maravilhoso: [www.epitafio.com.br](http://www.epitafio.com.br). Primeiro lugar no Google. Recorreria ao plágio. Que o outro morto o processasse se não gostasse da ideia. Ficou entre duas mensagens: Assassinado por imbecis de ambos os sexos, que Nelson Rodrigues quis ver escrito na própria lápide, e Eu avisei que estava doente, que um tal de William H. Hahn deixou gravado no mármore em cima de sua sepultura. Escolheu a segunda.

Agora, precisava escolher o traje de despedida. Abriu o closet e tirou um terno de gabardine preto do cabide. Pegou a camisa branca pendurada ao lado e uma gravata vermelho marsala na primeira gaveta do armário. Tomou outro banho de Carolina Herrera e se vestiu. Achou melhor adiantar o processo. Não queria dar trabalho a quem viesse encontrá-lo morto na cama. Foi para a frente do espelho e admirou por alguns segundos o reflexo redondo e elegante que lhe admirava de volta. Era um belo presunto.

Trocou o espelho do closet pelo espelhinho do gabinete do banheiro. Observou o rosto pela última vez: os pelos rebeldes no queixo, as olheiras arroxeadas, o olhar de peixe morto. Estava longe de ser uma obra de Michelangelo, mas também não era a figura deformada do quadro pendurado perto da janela do quarto (O Grito, de Edvard Munch). A bem da verdade, foi dono de um rosto neutro e assumidamente bochechudo. Poderia ter sido melhor? Claro que sim.

Mas também poderia ter sido muito pior. Pegou o copo de vidro em cima da pia e abriu a torneira até encher dois dedos d'água. Em seguida, puxou o vidrinho do gabinete e pegou o frasco de Rivotril na última prateleira. Contou quinze gotas no copo d'água antes de parar, abruptamente. Foi quando se deu conta: não precisava mais disso. Esvaziou o copo na pia, guardou o remédio no lugar e apagou a luz do banheiro. Deitou na cama e deu um longo suspiro. Fechou os olhos. Se tudo desse certo, amanhã de manhã acordaria morto\*.

\*A Síndrome de Cotard é um transtorno psíquico sério. Se você morreu, ou acha que está morto, procure um psiquiatra.

# ARTHUR DE AQUINO PONTUAL

Arthur de Aquino Pontual cursou História na UFRJ, mas trabalha entre a navegação de cabotagem e longo curso há quase dez anos. É na solidão do mar que escreve sobre a vida a bordo e seus acontecimentos peculiares; além de poesias, prosas poéticas, contos e outros pensamentos destilados da vida rude no mar, buscando traduzir pela escrita a multiplicidade de silêncios a que chamamos mente humana.

Fale com o autor: [arthurqueescreve@gmail.com](mailto:arthurqueescreve@gmail.com)

## A MANGUEIRA E A SAMAÚMA

Havia nos arredores de um pequeno povoado, um ancião que morava sozinho em uma simples cabana. Todos sabiam que naquela cabana vivia um senhor de modos gentis, mas que preferia levar sua vida destacado do resto da sociedade. Alguns rumores o diziam um estranho, outros um sábio. O fato é que praticamente todas as histórias a respeito do morador da cabana eram muito mais fruto do ouvir dizer que do testemunho ocular. O que se sabia – e fazia aumentar a aura de mistério que pairava sobre aquela figura – é que era cego. Alguns diziam que havia nascido já com essa condição. Outros, que havia sido mutilado em uma querela de vingança. Havia quem dissesse que ele próprio havia furado seus olhos em uma ocasião de melancolia. Pouco se tinha certeza sobre o homem. Por isso mesmo ele era assunto constante naquele povoado que tanto carecia do novo. As crianças temiam o eremita, pois ele era usado pelas mães como chantagem educacional. “Menino, toma jeito! Vou acabar levando você pro cego da cabana!”.

Certa feita, uma jovem mãe caminhava exausta em direção ao povoado. Carregava no colo seu rebento, ainda muito miúdo. Desejava apenas um lugar onde pudesse criar o filho e houvesse o necessário para a sobrevivência. Seu rosto abatido pela dificuldade de uma vida onde carecia já o básico fazia com que aparentasse o dobro de sua idade. A falta do necessário já havia a tornado uma senhora. Desidratada e desnutrida, caiu de joelhos enquanto o sol que nascia ofuscava sua vista pela última vez. Ela, porém, havia expirado muito próximo à cabana daquele senhor que, ao ouvir um choro de criança logo nas primeiras horas da manhã; pôs-se a caminhar naquela direção, pensando receber alguma visita.

Tendo percebido a situação que se apresentava, o velho entendeu que aquela criança lhe havia sido entregue pela vida. Sabia que ninguém haveria de vir buscar um herdeiro de nada, descendente de ninguém, justamente naquele não-lugar onde morava logo ele: um não se sabe quem. À sombra de uma mangueira contígua a sua morada, tratou de cavar uma cova onde descansariam os restos do sofrimento da mãe

daquele filho que agora era seu. Levantou as palmas das mãos e a fronte ao céu e agradeceu. “Obrigado pelo dia no qual perdi a visão. Obrigado por meus antigos olhos tão sujos de mundo haverem sido trocados por esses outros tão transbordantes de pureza, tão desconhecedores de maldades, tão ávidos de amanhã. Que seja eu digno da felicidade que me foi entregue.”

O tempo avançava e o menino crescia feliz ao lado do pai. Se alimentavam do que a terra dava, bebiam do rio que passava ao lado do casebre. Não tinham nenhum bem além de seu teto e um catre cada um. No entanto, nada lhes faltava.

- Papai, o senhor não é triste por não poder ver?

- E como poderia, meu filho? Não tenho os pássaros que não deixam um único dia de me avisarem que a manhã está iniciando? As cigarras a dizerem que o sol está caindo? Os sapos a anunciarem que já é noite? Tenho a terra a me alimentar, o rio a me dar de beber e comer. E deixei de ser cego quando você me foi dado de presente. Do que me queixaria se sou um homem de necessidades modestas e disponho de todo tempo quanto há na vida? A verdade é que a visão talvez me impedisse de enxergar o mundo pela maneira que hoje o experimento. Somente um escravo que se orgulha de sua condição detesta a liberdade que nem imaginava poder ter.

O cego transbordava de felicidade por ter ganhado de presente uma outra vida para educar. Eram olhos que ele poderia ensinar a ver o mundo da maneira que somente a solidão poderia mostrar. Demonstrava ao menino os conhecimentos que adquirira durante toda sua vida, sempre com uma ternura espiritual maior que qualquer ligação consanguínea. Devolvia ao mundo o amor que a natureza lhe dedicara.

- Pai. Às vezes sinto falta de minha mãe. Não conheço outras pessoas, mas sei que o comum da vida é se ter uma mãe. Penso em como ela devia ser, e algumas vezes isso me causa angústia. Mas tenho esperança em encontrá-la um dia. É isso a saudade?

- A diferença entre saudade e esperança é sua morada no tempo. A saudade é a fotografia que se sente de uma lembrança. É o que fica por detrás dos olhos do presente. Mais ainda que próximo; dentro. E por

isso mesmo inalcançável. Saudade é o passado dizendo que não pode vir até nós, mas que fica cheio de felicidade de nos ouvir chamando. A infância vive o que a juventude chama de memórias. Somente a idade adulta percebe que sempre foram saudades. A grande trapça da vida é esconder de nós que protagonizávamos gigantescas saudades em todos os presentes que se iam. Por isso, até mesmo a palavra adeus mora dentro das letras da saudade. E é quando entendemos isso que nos tornamos inventores de esperanças; essas saudades ainda em estágio embrionário. Quanta saudade mora dentro de uma esperança? E quantas esperanças se unem para ir buscar uma saudade? A esperança é isso. Uma saudade que a gente precisa que more no futuro. Mas não pense que sua mãe está longe de ti. Como você sabe, ela foi enterrada onde fica a mangueira que nos alimenta. Ela morreu privada de alimento, mas em sua morte garantiu que você não passaria por isso. Ela foi o nutriente da árvore que te faz ficar de pé. Ela é a semente que faz a árvore crescer silenciosa, vagarosa, mas nunca preguiçosa, pois a mãe nunca dá seu trabalho em relação ao filho como terminado. Outra semente nasce dentro do fruto, doce e perfumado. Lá de dentro; vive na altura, sem nunca deixar de mirar a terra. Mal se sabe que a semente detesta sua polpa. Se embeleza e perfuma para que logo um venha e a dispa de suas carnes. A sina da semente é tornar-se árvore para fazer brotar nas suas filhas, nada mais que uma eterna saudade da terra. Ame a terra como amasse sua mãe; pois que por motivo de sua vida, tornaram-se a mesma força.

- Aprendo contigo diariamente, pai. Mas há coisas que só posso imaginar. Por exemplo. Às vezes me pego pensando sobre como seria a voz de minha mãe. Hoje ela já seria mais velha, e sua voz já teria começado a escassear. Seria assim rouca como é a sua, talvez?

- Filho, conforme vamos envelhecendo, nossas vozes vão se enchendo de despresenças. Mesmo a sua já não é completamente diferente de quando aqui chegaste? É que somos uma soma do que há em nós e nos que passam por nossas vidas. Quando falamos, tantos outros passam também por nossas vozes. Não é rouquidão o que há na voz dos velhos; mas o microintervalo que compõe a música da ausência de todos os que se foram antes deles. Fazem isso os mortos não por vingança. É o



modo de atravessarem a vida para mostrar que do lado que estão, os vivos também enchem suas vozes de lacunas.

A infância do menino ia escasseando. Sua vitalidade de homem começava a nascer, à medida que a idade do pai avançava. O amor entre pai e filho nunca conheceu intervalo de crescimento. O pai ficava sempre mais feliz ao ver que seu filho aprendia o amor pelo mundo da maneira mais sublime possível.

- Meu filho; de tudo o que há no mundo, basta que aprenda o amor. Olhe ao seu redor e verá o amor concretizado em cada coisa. Já te falei sobre sua mãe ter se tornado terra e árvore. Veja como todos os elementos são criados para o amor. O céu chora por não poder vir ter com a terra. Batendo no chão, sua lágrima cumpre esse trabalho. É só assim que nascem as árvores, como renasceu também sua mãe. Não são as árvores o rebento da emoção dos elementos? O momento no qual a terra volta a tocar o céu? Onde há amor maior que no farfalhar da copa de uma árvore que é uma única voz saindo da garganta de dois elementos - a terra e o ar -? A árvore é o corpo todo da terra esperando o afago do céu. A folha seca que voa é o céu tirando a terra para dançar. Essa mangueira - sua mãe - é filha dessa terra com esse céu. E você, meu querido, é herdeiro de todo esse amor. Quão ingrato seria eu se me revoltasse por ser cego, se tenho a oportunidade de testemunhar o milagre que é você. A felicidade da minha vida é poder ser o tradutor desse amor que a você foi dado.

- Longe de mim pensar que há revolta em sua cegueira, pai. Mas eu nunca soube o que fez o senhor ter perdido a visão. O que aconteceu?

- Eu passei a vida buscando aprender sobre como o mundo funciona. E foi sempre a luz o assunto que mais consumiu minha curiosidade. Pois é somente a luz que torna toda a vida possível. Mais que isso. É o equilíbrio entre a luz e sua ausência. Fiquei cego quando estudava sobre a luz. Um dia o sol saltou por sobre a terra, como todos os outros dias. Sempre observei maravilhado esse movimento. Mas minha atenção queria saber para além da paisagem. Então sentei-me ao chão e passei a tarde a fitar a sombra, e como ela crescia conforme o sol se deitava para dormir. A sombra me disse em segredo que queria também ser luz; e não podendo, rastejava pelo chão pra afagar o calor que o sol deixava de

lembrança. Naquele momento, desejei que o sol tivesse ouvido. E antes que ele fosse dormir, perguntei à sombra “pois então, por que caminhas na direção contrária à do sol?”. E a sombra sussurrou com sua voz repleta de ausências: “é o caminho mais curto para encontra-lo do outro lado do mundo. Assim, sempre é hoje para nós dois.”. Procurando o sol novamente, percebi que ele já havia ido embora...e fez-se um eterno amanhã em minha esperança. Dias depois aconteceu um eclipse. Era a única oportunidade da sombra e o sol se encontrarem. Por isso a natureza proíbe a todos que vejam esse fenômeno, premiando quem o faz com a cegueira. Eu havia aprendido sobre a luz. Faltava-me a escuridão. É nela que se tateia a substância das coisas. É como se sente melhor os sabores e perfumes do mundo. Escolhi olhar para o eclipse, pois sabia que quando não pudesse ver mais ninguém, estaria sempre sozinho, e por isso todos os meus pensamentos e frases seriam oração. Viveria, pois, na sempiterna companhia de Deus.

- Pois então o senhor escolheu ficar cego?

- Encontre uma semente que diga que não valeu a pena ser consumida para que fosse erguida a árvore! A semente ensina que é na aniquilação que reside e se realiza toda sua potência, pois a morte é apenas uma ilusão coletiva dos vivos. Não é o mesmo entre si e sua mãe? Não é por isso que você mesmo vive? Não é a minha cegueira que te ensina a vida? Não é você o melhor produto de minha escolha? Como todas as outras pessoas, eu tinha a meu alcance o mundo das impressões. Minha decisão me trouxe a possibilidade de conhecer, de fato. E a certeza de ter feito bem é que seus olhos me foram presenteados na velhice, e sua pureza refletiu o amor que tenho pelo mundo. Você, meu filho, foi a forma do mundo me dizer que me ama em minha própria língua. Onde poderá haver homem mais feliz? Aquele que sente saudade da semente estando diante da árvore não está em sua perfeita razão. Basta que se contemple a árvore em silêncio. Pois como o tempo é o alicerce da saudade, o silêncio é o alicerce da intenção. O silêncio não precisa ser poliglota. Contem todos os idiomas, pois é pré-verbal. Silêncio; essa fase metacomunicativa da intenção e do entendimento. A saudade não é o silêncio da presença? Por isso o tempo caminha de mãos dadas com o silêncio. Ambos se olhando mutuamente sem confienciarem que um

mora no coração do outro. Você já é um homem, meu filho. Quando eu me for, pode ser que você saia pelo mundo para conhecer tudo o que eu não pude te mostrar, cheio de limitações que sou. Caso um dia se veja rodeado de saudades ou tristezas, saiba que isso é da natureza humana. Pode até anoitecer seu pensamento, mas que seja sempre primavera em seu querer. É ele quem perfuma mesmo a flor que ainda há de brotar. Já sinto meu corpo dar sinais de extinção. E agora é comum que meu pensamento remeta à minha infância. A chuva vinha sempre plantar futuros em mim. E enquanto eu crescia, era a voz dos adultos que importava menos. Acriançavam-se enquanto eu amanhãzava. Ciclo de soberba, o novo achando-se sinônimo de melhor. Agora a mesma chuva lava todos os meus ontens já para debaixo da terra. Não é mais da nuvem que vem a minha certeza. O conhecimento de mim já mora no chão, antes mesmo do meu corpo. A rouquidão é esse saber que enche de vazios a voz dos velhos. É que já não conseguimos mais chorar pelos olhos. O tremular da voz de um velho é lágrima chovida garganta afora. Pois alguém há de encher as nuvens para a próxima geração.

O velho perdia as forças. Seu filho o segurou pelos braços, mas o pai pedia que o deitasse ali mesmo, ao lado da cabana onde haviam dividido suas vidas. Respirando com dificuldade, o ancião fez sinal para que o filho aproximasse o ouvido de sua boca. O jovem ouvia com atenção o que seriam as últimas palavras de seu companheiro. “Minha vida não foi criada por mim; foi a mim concedida. Mas cheguei à conclusão de que eu fora seu legítimo dono, pois saio dela no momento que melhor me aprouve. Ai de mim não tivera feito dela o que eu quis. Ainda que me fosse embora na hora que achei oportuna, nunca haveria de ter sido minha. Você está pronto. Obrigado por ter estado comigo, meu filho.”

Segurando as mãos sem movimentos do pai; o filho olhou para a mangueira, e depois para o céu. Foi quando percebeu como que escorregando pelo ar, algo como um chumaço de um algodão muito fino contendo um ponto preto entre as fibras. Era uma semente de samaúma que vinha parar justamente entre aquelas quatro mãos. O destino final de seu pai era tornar-se a mais imponente das árvores da Amazônia. Com os olhos em frêmito, sua palavra se liquefez. Eis a lágrima que seria a primeira gota a fazer brotar a eternidade de seu

velho pai. “Uma samaúma! Não poderia ser diferente.”.

Após ter plantado seu pai, o homem atravessou o rio para conhecer o mundo. Chegando na margem oposta, viu dois meninos disputando qual dava o salto mais bonito para a água. Foi quando um deles comentou que dali a pouco começaria a chover, pois havia muitas nuvens no céu.

- Moço, o senhor sabe por que existem nuvens? – O homem sorriu, flexionou os joelhos enquanto olhava nos olhos das crianças e respondeu com doçura.

- As nuvens são rios de amor que flutuam para lavar as almas a caminho de Deus. Quando eu era do seu tamanho, pensava que Deus colocava as nuvens no céu para que nós não pudéssemos vê-lo. Mas depois que choveu, percebi que estava só lavando o mundo para que pudesse ele mesmo nos enxergar melhor.

As crianças sorriram cheias de vida. O homem pôs-se novamente de pé e seguiu seu caminho. Sabia que poderia enveredar por qualquer lugar. E que se um dia voltasse à sua cabana, a mãe e o pai o estariam esperando.

# JOSÉ CARLOS VAZ

Filho de imigrantes portugueses, vive em São Paulo. Professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Atualmente, trabalha em livro sobre a obra do escritor Breno Caldeira.

Fale com o autor: [vaz@vaz.blog.br](mailto:vaz@vaz.blog.br)

## A POBREZA DAS COISAS DE UM CÃO

### I

A funcionária colocou em uma sacola de supermercado as poucas coisas do cão. O cobertor, uns paninhos e a roupa, meio sujos. A coleira e a guia. Os brinquedos preferidos, para ali trazidos em tentativa de aliviar-lhe o tédio dos dias de sua agonia: um bichinho de plástico e um pedaço de corda de roer. A lata ainda fechada de ração para cães doentes foi deixada na sala onde passara seus últimos momentos. Outro cão a comeria, sempre havia um assim, naquele lugar de esperanças e choros.

Aproximou-se do casal que encaminhava os trâmites finais de pagamento e da destinação do corpo do animal com o outro atendente da clínica, que estava atrás do balcão. Os dois, os olhos ainda em lágrimas, pareciam entorpecidos. A mulher, olhando para o chão, muda. As frases que o homem falava saíam a contragosto, palavras miúdas e frases mínimas: pago tudo de uma vez; não; obrigado. Respondeu com a mesma economia, quando viu chegar a sacola com os pertences do cão morto: deixe por aí, dê para quem precise.

A funcionária, em cujo avental rosa lia-se Leonor, bordado em azul, respondeu que tinha para onde levar, que ficassem tranquilos pois as coisas de seu cachorro teriam um bom destino. Tocou de leve o ombro da mulher, que emocionou-se mais e, finalmente, falou algo. Duas ou três frases banais de sinceros e repetidos agradecimentos, mas voltou rápido ao mutismo. O homem continuava em parcimônia verbal. Logo foram embora, deixando para trás toda a pobreza das coisas de seu cão.

### II

Ao chegar em casa, Leonor seguiu o ritual que já se estabelecera. Em cada objeto que trouxe na sacola colou uma pequena etiqueta adesiva, onde escreveu o nome do cão que morrera. Depois, colocou os objetos na estante ao lado da janela, a mesma estante onde deixa o jarro de

cerâmica que abriga as cinzas de outro cão, o que foi seu, mas morreu há tempos. Agora vive só, no pequeno apartamento de um único cômodo, com a espartana mobília que consegue ter. Naquele quarto tão simples, a estante parece um luxo, ainda que seja uma peça ordinária, comprada à prestação em uma loja de mobiliário popular.

Como o espaço é pequeno, o móvel obstrui uma parte da janela. Sobra algum espaço para que Leonor se debruce sobre ela por uns minutos, depois de chegar do trabalho e depositar ali os objetos que porventura tenha trazido, devidamente etiquetados. Depois, começa a cuidar dos afazeres domésticos: lava o uniforme da clínica veterinária; varre a poeira renitente, vinda dos carros e ônibus que passam sem sossego sob seus pés (já não há mais o cão a dormir embaixo da cama, e há mais poeira a se varrer por lá); com uma meia velha de excessivos remendos limpa a estante onde já rareia espaço para os objetos deixados pelos cães; remove o pó que se gruda às mãos e prepara a marmita de amanhã e seu modesto jantar, que junta um ovo ou um pedaço de frango a alguma verdura e um pouco de arroz.

Da janela, vê os prédios do outro lado da avenida, os carros e transeuntes lá embaixo e, um pouco à esquerda, a torre da igreja aonde nunca vai, nem se importa com isso. Foi ali apenas uma vez, mas o padre recusou-se a celebrar uma missa em intenção de seu cão recém-falecido. Não têm alma, os bichos, assim justificou a negativa, voltando rápido a baixar a cabeça sobre o papel com seja lá o que fosse que escrevia.

### III

Quando seu cão morreu, havia quatro anos que trabalhava na clínica. Em muitos inícios de noite, debruçada na janela, seu pensamento oscila entre o sonho e a lembrança. Então, vê-se novamente naquele dia. O cão, debilitado, sem conseguir ficar em pé por muito tempo, ainda encontrava forças para lambe os tijolos da parede. Os olhos, embranquiçados e sem a mesma vivacidade, mas ainda se comunicando. Mesmo sem forças, o apetite ansioso mantido até o fim. A jovem estagiária, defrontando-se pela primeira vez com a morte de

um animal sob seus cuidados, chorava tanto quanto ela. Nenhuma das duas conseguiu trabalhar naquele dia. Das coisas dele, apenas a coleira vermelha voltou para casa, e foi ao lado dela que pôs o jarro, na prateleira central da estante, então vazia. O resto jogou fora, sem pensar muito, na época.

O patrão foi generoso. Tratou do animal com atenção e não lhe cobrou nada. Ainda perguntou se queria sepultá-lo no cemitério canino. Ela disse que não, não podia pagar e não queria dar mais despesa, nem queria seu bicho largado na terra, os vermes comendo o que fora seu amigo. O patrão, então, conversou com o gerente do crematório de animais e entregou para Leonor, depois de alguns dias, as cinzas do cão naquele jarro.

O cachorro chegou à família quando ela tinha doze anos. Ao deixar os pais e irmãos, aos dezoito, trocou tudo por uma aposta malograda, mas levou o cão consigo. Poucos meses depois, o ventre dilacerado e o coração esvaziado, chegou àquele apartamento minúsculo com o animal. Faz cinco anos que ele se foi.



# RENATA CALIXTO MARTINS

Nascida em Fortaleza, no dia 25 de janeiro de 1989. Servidora pública estadual. Mestranda em Ciberdelinquência pela Universidad de la Rioja (Espanha) e estudante de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá. Especialista em Direito Penal e Processo Penal pela Universidade de Fortaleza e em Direito Digital e Proteção de Dados pela Escola Brasileira de Direito. Formada em Direito pela Universidade Federal do Ceará. Escritora e dançarina amadora. Escreve poesias desde o ano de 2003, com obras publicadas no jornal local “O Povo”, na coletânea do “Prêmio Celito Medeiros 2004” e no suplemento do número 8 da Revista SerEsta, dentre outros. No ano de 2022, escreveu seu primeiro conto. Produziu também obras jurídicas, com artigos publicados no sítio eletrônico “JusNavigandi” (ano 2012), na Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará (2013) e no livro Direito Processual Civil Moderno (2013), da editora CRV.

## MARCELA

Ela se olhava no espelho, enquanto suas mãos enrugadas alisavam alguns fios de cabelo branco. O tempo passara, e ela nem percebera. Tentava entender como a beleza da sua juventude esvaíra-se tão rápido...

O barulho do vento entrando pela janela a despertou do seu breve devaneio. Era início de inverno, e o céu já escurecia, parecendo acompanhar o ritmo das sombras que agora pairavam sobre a sua existência. Seu olhar agora percorria toda a luxuosa casa que, com tanto esforço, adquirira, mas que agora mostrava ser demasiadamente grande. Começou a se perguntar se havia feito as escolhas certas...

Aprendera com seus pais que nada viria fácil. Exatamente por isso, abdicara de muitas coisas para conseguir a vida que desejava ter. Durante muitos anos, trocava o dia pela noite, trabalhava, estudava e quase não tinha momentos de descanso. Os convites dos amigos, ela recusava quase todos. Família, praticamente não tinha; havia muito, a maioria dos parentes lhe virou as costas por ela não ter aceitado o novo companheiro da mãe. Apenas os poucos amigos mais próximos eram a sua base de apoio, mas sequer tinha certeza se ainda poderia contar com eles, ou se haviam aprendido a lidar com a sua ausência. Talvez o preço que tinha pagado por tudo aquilo tenha sido grande demais...

O sentimento de culpa agora lhe invadia por inteiro, mais forte do que nunca. Lembrou-se de que nem ao menos tinha realizado o último desejo do avô: recebera um telefonema do seu “velho” – como o chamava –, que, inexplicavelmente, queria lhe dar um abraço. Até parecia sentir o que lhe iria ocorrer, ou quem sabe apenas se sentia sozinho. Os idosos, sabe como é, normalmente são muito carentes. Ela prometera que o visitaria, mas só poderia ir após cinco dias. Estava muito ocupada, e aquele abraço, definitivamente, não era urgente, poderia acontecer a qualquer hora. Seus compromissos eram mais importantes; precisava cumprir prazos, realizar trabalhos, atender clientes... “Um abraço, que besteira. No sábado eu vou”, pensou ela. Entretanto, esse dia nunca chegaria. Seu “velho” infartou no dia anterior. Ela nunca casara. Desistira do grande amor da sua

vida por ouvir os conselhos da mãe. “Se fosse para eu escolher o meu genro, eu jamais escolheria ele. Esse rapaz é feio e pobre. Você merece coisa melhor, minha filha”. Mãe é mãe, e sabe de tudo. Praga de mãe pega. Homem tem aos montes. Ela encontraria alguém que estivesse à sua altura... Ou não. Seu coração não se abriu para mais ninguém além daquele que fazia tudo por ela. Decepcionado e frustrado, mas respeitando a decisão de sua amada, ele se fora, e dele ela nunca mais teve notícias.

Com seus lentos passos, andava pela casa, e agora buscava encontrar o sentido de tudo aquilo. Eram somente paredes e móveis, que jamais a escutariam ou lhe dariam qualquer palavra de consolo ou apoio. Tentava procurar conforto dentro de si, quando lembrou que havia marcado com um grande amigo para tomar um café no dia seguinte. Quase como que instantaneamente, aquilo amenizou seu sofrimento. Saberia que teria um ombro amigo no qual ela pudesse descansar a cabeça e os pensamentos.

Entrou em seu quarto para pegar o presente de aniversário do amigo, que ainda não tivera oportunidade de entregar. Pegou o telefone e discou o número dele, para confirmar o encontro. Do outro lado da linha, uma voz a interrompera: “Que bom que você ligou. Eu já ia te ligar para avisar o que aconteceu. Jorge passou muito mal. Não sei o que houve. Desde ontem estava com muita dor de cabeça; entrou no banheiro para tomar banho, depois o encontrei desmaiado no quarto. Está no hospital, em coma induzido. Estava muito agitado; não anda, não ouve, não fala. As perspectivas não são boas”.

Marcela ficou em choque. O telefone escorregou da sua mão e danificou-se um pouco ao cair no chão. Havia falado com o amigo há uma semana... Ele estava com a saúde perfeita, e sem sinal de qualquer doença que fosse... Confusa e transtornada, ela engoliu em seco. O mar que havia em seu nome agora provocava, em seu íntimo, ondas gigantes de medo, tristeza e remorso.

Sentou-se no sofá da casa para se acalmar, e chorou copiosamente. Encostou a cabeça na almofada e acabou adormecendo, após tanto chorar.

No dia seguinte, ela não mais acordou.

# CIDA QUELÉ

Cida Quelé filha de Bernadete Tenório e Manoel Quelé (in memoriam); mãe de dois poetas, escritora, professora, pernambucana por adoção. cursou Letras e Especialização na UPE, é professora e atua como Tutora no Curso de Licenciatura em Letras da UPE/UAB e como Coordenadora de Biblioteca.

Desde 2018 participa de antologias e coletâneas de crônicas, poemas, cartas, microcontos e contos. É membro efetivo da UBE/Núcleo Arapiraca/AL. Publicou o livro de microcontos 80 Pontinhos (Simbiose, 2022). O seu conto Um Porto Seguro foi o ganhador do Prêmio Strix de 2020.

Fale com o autor: [macida.quele@gmail.com](mailto:macida.quele@gmail.com)

## TEMPO CERTO PARA AMAR

Acordei com um cheiro forte e insuportável tanto quanto os sons de bips e zumbidos repetitivos que cresciam em ondas em minha cabeça, aumentando a dor. Tentei abrir os olhos enquanto direcionava o olhar para o lado em que os sons eram mais fortes. Vi uma máquina e percebi que dela saiam fios que estavam conectados em mim. Senti o medo se alastrando pelo meu corpo. Vi uma mulher de branco, sorrindo enquanto falava algo que não consegui decifrar. Tentei falar, mas percebi que havia algo em minha boca. E antes que eu conseguisse me comunicar, ela saiu.

Respirei fundo e comecei um processo dolorido de tentativas de me movimentar. Por isso não percebi quando a mulher retornou acompanhada de um grupo de pessoas com roupas brancas e olhares ansiosos. Um deles se aproximou e falou comigo: “Olá, se estiver me ouvindo pisque os olhos.” Obedeci e fui aplaudida pela alva plateia. E a partir daí, a maratona de testes, exames, conversas, fisioterapias e outros procedimentos tiveram início e continuaram por muito tempo.

Foram tempos difíceis, pois tudo o que eu fui, tive, vivi e senti se perderam juntamente com a minha bolsa, que foi levada do local do atropelamento, por alguém que decidiu se apropriar dos meus pertences, por achar que eu estava morta. Acordei do coma depois de mais de um mês, sem saber nada sobre mim.

Apesar do meu caso ter sido divulgado nos meios de comunicação local, ninguém apareceu para reivindicar a “mulher sem memória”, e aquilo começou a me angustiar, tendo em vista que não teria para onde ir após a minha alta, que se aproximava. Quando fui transferida para a enfermaria, passei a ajudar outras pacientes internadas em pequenas ações diárias e aos poucos, transformei-me na “amiga presente” que também ouvia os desabafos, enquanto as ajudava a tomar banho ou a trocar os lençóis da cama.

Fui ganhando a simpatia não só das pacientes, mas também da equipe médica e da enfermagem, ao ponto de ganhar algumas roupas e calçados usados. Tudo isso sem parar com os meus tratamentos médicos em busca do restabelecimento da minha memória, porém sem

forçar muito, pois quando isso acontecia, eu tinha fortes dores de cabeça, que me deixavam abatida tanto física quanto psicologicamente. Certa manhã, acordei com uma sensação estranha, havia sonhado pela primeira vez com o rosto estranho de uma mulher jovem que me olhava e dava uma gargalhada forte, me fazendo acordar assustada. Aquele sonho se tornou recorrente, quanto mais eu tentava entendê-lo, mais sofria, pois minhas dores de cabeça também passaram a ser frequentes, levando-me a ter que fazer uma nova bateria de exames, para identificar se havia ocorrido alguma mudança de ordem física em meu caso. Entretanto, tudo permanecia inalterado.

Vivi assim por uns meses, não sei ao certo quanto tempo, pois a minha vitalidade e energia foram desaparecendo, e eu fiquei a beira de uma depressão forte. Eu era uma mulher madura, provavelmente mais de quarenta anos, com marcas de cesariana, o que indicava que tive filho; com marca de uma aliança na mão esquerda, o que indicava que fui casada, mãos bem cuidadas; em um hospital público de Belo Horizonte, cidade da qual tenho a impressão que nada conheço. E foi assim, nessa confusão mental em que eu me encontrava que conheci Dr. Pedro, meu novo psiquiatra, que assumiria o meu tratamento.

Apesar dele ter uma beleza estonteante, de cara eu senti uma antipatia gratuita por ele, que me pareceu ser recíproca, visto que ele, ao contrário das demais pessoas daquele hospital, não se mostrou muito receptivo nem muito paciente comigo.

- Bom dia, sou Pedro, a partir de hoje eu estarei substituindo o Dr. Romeu, gostaria que você me dissesse o seu nome.

- Bom dia, Dr. Pedro. Se o senhor não sabe, eu estou com amnésia, por isso não sei o meu nome.

- Claro que sei. Consta aqui na sua ficha.

- Então porque pergunta se já sabe? Retruquei impaciente.

- Porque achei que quatro meses depois você já teria um nome. Ou as pessoas lhe chamam de “mulher sem nome”?

Aquilo me irritou profundamente e me fez engolir em seco para não chorar ali diante dele.

- Sim. É assim que me chamam... E, apesar do enorme esforço, senti lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto, enquanto, para disfarçar,

abaixava a cabeça.

Algo em meu gesto o fez repensar a sua postura e usar um tom de voz mais profissional:

- Pois bem. O fato de você não lembrar o seu nome, não a impede de escolher um novo nome. Pense em algum nome que lhe agrada e o escolha para ser o seu pseudônimo até que você se lembre do seu nome real.

E foi assim que me transformei em Rachel e decidi que nunca mais aquele doutor antipático iria me ver chorando. Semanalmente nos encontrávamos para sessões de análise e quando dei por mim, estávamos falando sobre livros e descobri que eu tinha sido uma leitora voraz, cujos conhecimentos de literatura me fizeram pensar na possibilidade de ter sido uma professora.

Um forte vínculo foi me unindo a Pedro, era assim que ele preferia que eu o chamasse, por isso não achei estranho quando ele me convidou para darmos um passeio por “Beagá” numa manhã, que era a sua folga, pois quando eu me mostrei indecisa, ele me explicou que seria mais um passo no meu tratamento. Preocupada com a roupa que usaria, pois o meu guarda-roupa era bem limitado, fui logo falando, meio envergonhada:

- Não sei se terei uma roupa adequada para sair do hospital, pois todas as roupas que tenho foram doações feitas pelas minhas novas amigas.

- Se isso a preocupa, podemos dar um jeito. Não crie obstáculos desnecessários. Será para o seu bem...

Após esta afirmativa tão incisiva, só me restou aceitar e, no dia seguinte, lá estava eu na sala de recepção do hospital, usando uma calça jeans folgada, um tênis e um moletom colorido, que definitivamente nada tinham de elegante, mas que eram as peças melhores e mais quentinhas que eu tinha. Pedro me olhou discretamente enquanto dava bom dia e saí da segurança do hospital pela primeira vez. Apesar da linda manhã de sol que fazia, havia um ventinho frio, que me fez agradecer por ter escolhido aquele figurino nada elegante, porém muito confortável, pensei enquanto me encaminhava para o estacionamento do hospital.

Pouco conversamos, pois ele estava com a atenção voltada para o

trânsito, e eu ocupada em reparar cada canto, cada rua, empolgada. Percebendo a minha curiosidade, ele começou a me mostrar os principais pontos por onde passávamos, até que paramos no estacionamento de um shopping. Sem me dar nenhuma explicação, ele me ajudou a descer.

Entramos, e quase fui atropelada por um grupo de adolescentes barulhentos, o que levou Pedro a colocar o braço em meus ombros, numa tentativa de me proteger. Senti um arrepio estranho com aquele contato, fiquei desconcertada, enquanto ele me guiava até uma loja muito bonita, cuja decoração me fez perceber que se tratava de algo chique e caro, que jamais entraria se não estivesse acompanhada por ele.

- Querido, que surpresa agradável!! Mamãe está bravíssima com o seu sumiço... Foi falando uma moça elegante, enquanto o abraçava com certa intimidade, sem se dar conta da minha presença.

Pedro, porém, afastou-se um pouco e me apresentou:

- Cecília, esta é Rachel, uma amiga que precisa da sua ajuda. Quero que você a ajude a escolher algumas coisas bonitas e adequadas para ela...

- Como vai Cecília? Acho que houve um mal entendido aqui. Nós não combinamos nada disso, Pedro. Eu não posso escolher nada aqui...

- Mas por quê? Não gostou das coisas que tem na minha loja? Garanto que você vai adorar quando eu lhe mostrar umas peças que acabei de receber.

- Não... não é isso... é que...

Pedro me segurou pelos ombros, me fez olhar para ele e me disse:

- Confie em mim. Vai dar tudo certo. Vou deixá-la aqui, enquanto vou ao banco. Divirtam-se, meninas. E foi saindo, me deixando sem saber o que fazer.

Cecília, ao contrário, sabia muito bem o que fazer, pediu ajuda a uma vendedora e eu me vi cercada de roupas, sapatos, bolsas e acessórios lindos demais. De repente senti-me feliz, despreocupada, provando tudo o que ela me mostrava, descartando coisas que não faziam meu estilo, sem perceber que eu estava recordando que tinha um estilo.

Depois de tantas provas e escolhas, comecei a me preocupar, teria que escolher uma roupa completa, porém não teria como pagar. Procurei



escolher as peças mais simples, pois a intenção era escolher uma roupa adequada para um passeio. Com este pensamento, saí do provador no mesmo momento em que Pedro chegava e pude sentir o olhar de aprovação dele.

Cecília já estava com itens de maquiagem e acessórios separados para serem colocados em minha nova bolsa e me fez sentar para que ela aplicasse uma leve maquiagem e soltasse o meu cabelo, que caiu numa cascata em meus ombros. Ao olhar-me no espelho, vi uma nova mulher, confiante, elegante e bonita. Sim. Eu era bonita.

Ainda neste estado de espírito, despedi-me de Cecília, agradecendo pelo carinho e atenção e saímos da loja. Já na porta, Pedro, sob o pretexto de ter esquecido algo, voltou e disse algo a Cecília, e depois saímos para almoçar num restaurante tranquilo que havia ali no próprio shopping.

Já era quase noite, quando Pedro me deixou no hospital. Enquanto eu lhe agradecia por aquele dia perfeito, ele desceu do carro e me entregou uma bolsa de viagem com as outras peças que eu havia provado e descartado, além da roupa que eu usava quando saímos. Não me dando tempo a não ser de agradecer toda a generosidade dele e me propor a pagar tudo assim que eu tivesse como.

E a partir daquele dia eu vi surgir em mim uma nova mulher, mais confiante e menos angustiada por não conseguir lembrar o meu passado. Descobri que Cecília era irmã de Pedro e nos tornamos amigas. Aprendi a ir de ônibus até a sua loja, sempre me dispondo a ajudá-la em algumas tarefas. A minha vida foi tomando um novo rumo. Recebi o convite da administração do hospital para ser auxiliar de serviços gerais, passando a receber um salário pelas atividades que já desempenhava apenas pelo prazer de ser útil.

Semanalmente encontrava-me com Pedro, para sessões de terapia no consultório ou em algum passeio curto por lugares interessantes de Belo Horizonte. A princípio achei estranho, porém decidi não questionar e deixei fluir aquela amizade.

Incentivada por ele, comprei um celular para que eu tivesse mais autonomia quando quisesse me comunicar com os meus novos amigos e também para que eu pudesse participar de uma rede social. As minhas

fotos de lugares e objetos começaram a me render “curtidas”, comentários de admiração e vários seguidores a cada dia. Ao criar o meu perfil, aceitei todos os convites que iam chegando, dos conhecidos e dos desconhecidos, pois via nessa ferramenta uma oportunidade de ser “encontrada” por alguém do meu passado, cujas lembranças se perderam, restando apenas o rosto e a gargalhada maldosa de uma mulher que vez ou outra invadia os meus sonhos.

Criei uma sessão em que postava pequenos textos sobre a minha vida, sobre a amnésia e isso foi me dando mais seguidores, pessoas de todos os lugares começaram a se interessar pela minha história, compartilhando as minhas postagens e me tornando uma figura conhecida, pois eu parecia personagem de filme da “sessão da tarde”.

Apesar disso, segui com minha rotina de trabalhos durante a semana no hospital, onde ainda morava, e aos sábados e domingos passei a trabalhar com Cecília em sua loja. Fui me adaptando ao que a vida me oferecia, tentando ser feliz dentro desta nova realidade. Nada eu conseguia lembrar, mas acrescentei ao quebra cabeça do meu passado o fato de ter um sotaque que poderia ser de qualquer lugar do nordeste. E isso não fazia sentido, o que eu estaria fazendo sozinha em Belo Horizonte?

Lembro-me claramente daquela manhã de sábado em que me arrumei feliz para ir trabalhar. Como de costume saí pelos jardins, sem passar pelo balcão de entrada, cumprimentando a todos os conhecidos que ia encontrando pelo caminho. Quando escutei que alguém na portaria me chamava, fui voltando tranquilamente, pois eu tinha muito tempo até a hora em que o shopping abriria.

Estranhei a expressão de angústia de Ana, a recepcionista da manhã, à medida que eu ia me aproximando.

- Rachel, este senhor está a sua espera.

Enquanto ela falava, o homem foi se virando lentamente e me encarou com um sorriso nos lábios enquanto dizia:

- Oi, Helena, sou eu...

Naquele momento senti como se tivesse levado um soco forte no estômago, as minhas forças fugiram e eu teria caído, se não tivesse sido amparada por alguém.

Algum tempo depois acordei na sala do consultório de Pedro, que aferia a minha pressão enquanto chamava meu nome. Totalmente desperta, mas ainda meio zozna, perguntei a ele o que houve e ele me retornou a pergunta. Nesse momento me dei conta de quem sou e de quem estava na recepção a minha procura: Mateus, meu marido. Não pude mais conter as lágrimas, todo o meu passado veio à tona, provocando uma forte dor de cabeça em mim. Fui medicada por Pedro e adormeci, acordando apenas algumas horas depois.

Àquela altura, todos os meus amigos do hospital já estavam sabendo quem eu era e quem tinha vindo me procurar. E quando Pedro perguntou se eu gostaria de lhe falar sobre minha vida antes que ele chamasse o meu marido para conversarmos, eu não me fiz de rogada, contei tudo o que me fez ir sozinha numa viagem à Belo Horizonte.

Mateus e eu estávamos casados há vinte anos, tínhamos um casal de gêmeos universitários e, ao chegar em casa mais cedo de uma viagem para um congresso da faculdade na qual eu ensinava, eu o flagrei com uma amante em nossa cama. Ele tentou negar as evidências, pedindo desculpas, porém a amante abriu o jogo e, depois de uma gargalhada sonora, me disse que eles se amavam, que estavam juntos há mais de cinco anos, esperando apenas os meus filhos se formarem para ele se separar de mim e assumir o caso com ela.

Saí de casa transtornada, levando as malas e bolsas que havia há pouco deixado na sala, esquecendo o meu celular na mesa do hall. Peguei um táxi que passava e fui para um hotel naquela noite. No dia seguinte, fui cedinho para o aeroporto e comprei passagem para Belo Horizonte, o primeiro voo que sairia naquele dia. Antes liguei para os meus filhos que moravam em outra cidade e lhes disse que ficaria fora por mais uns dias, pois iria para outro congresso da faculdade.

Ao chegar aqui, procurei um hotel pequeno, para não correr o risco de me encontrar com alguém conhecido, tomei um banho e dormi, acordando tarde no dia seguinte. Depois de me arrumar, tomei café e decidi sair para caminhar sem destino. Jamais imaginaria que eu sofreria um acidente e teria amnésia.

Pedro me informou que meu marido ainda estava na recepção me esperando. E ofereceu a sala dele para que conversássemos. Eu

concordei e, poucos minutos depois, fiquei frente a frente com Mateus e me dei conta do quanto ele estava envelhecido e magro. Meio sem jeito, como se fôssemos completos estranhos, ficamos a nos olhar.

- A moça da recepção me contou tudo o que aconteceu com você durante esses meses... Você está bem?

- Sim e nossos filhos, como estão? Eles vieram com você? Eu preciso falar com eles...

-Acalme-se, o Dr. Pedro me falou que você não deve se agitar, poderá fazer mal para você... Júlia e Bernardo estão bem. Eles não vieram comigo. Eles nem sabem que eu viria a sua procura mais uma vez. Eu não queria provocar mais tristezas e decepções se fosse mais uma informação falsa. Mas eu já disse a eles que a encontrei e que você está bem.

E continuou:

- Depois que você saiu daquele jeito, deixando o celular, eu fiquei esperando você entrar em contato e comecei a lhe procurar em todos os lugares que imaginei que você pudesse estar. Até que percebi que não seria tão fácil lhe achar e fui falar com os nossos filhos, contei tudo, e eles me disseram que você havia ligado para eles. E começamos a nossa maratona de busca. Contratei um detetive particular, que não conseguiu descobrir nada e passamos a viver a dor por não saber onde você estava.

- Meu Deus! Imagino como eles devem ter sofrido imaginando mil coisas que poderiam ter acontecido comigo.

- Todos nós sofremos demais por não sabermos notícias suas. Até que esta semana, um aluno meu, me mandou um print de uma postagem sua. E eu tive a certeza que você estava viva. Investiguei e descobri que você trabalhava neste hospital e vim no primeiro voo que eu consegui. Graças a Deus que você não morreu.

Olhando para ele, enquanto falava, fui me lembrando da última cena que tinha dele em minha mente: nu, em nossa cama, ao lado de uma periguetete com idade para ser filha dele e tive vontade de rir. Rir da cena e rir de mim mesma. Como pude ser tão idiota a ponto de sofrer tanto e me desnortear por causa desse infeliz infiel?

E quando me dei conta, estava de fato rindo, um riso frouxo e

estridente, que repercutia na sala, deixando-o sem graça, enquanto ele me encarava. Quando, por fim, consegui parar, olhei bem profundamente para ele e disse:

- Para você teria sido melhor se eu tivesse morrido... Como está a sua perigete agora? Você já a levou para morar com você em nossa casa?

- Helena, me perdoe. Eu não tenho mais nada com ela. Eu nem sei por que tinha um caso com ela. Eu descobri que te amo. Somente você me completa. Eu não sei viver sem você. Minha vida transformou-se um enorme vazio sem você...

- Que pena! Dá até vontade de chorar ao ouvir uma declaração tão linda e sincera!!

- Não fale assim, Helena, você sabe o quanto eu odeio quando você é irônica. Por favor, me perdoe. Eu vim lhe buscar, eu te amo muito.

Naquele momento, aquelas palavras me soaram tão distantes e estranhas, que somente me provocaram tristeza.

- Que pena, Mateus, eu não te amo mais. Eu não vou voltar com você. Você pode voltar para “sua casa”, eu ficarei aqui. Apenas peço a você que me passe o número do telefone dos nossos filhos para eu falar com eles.

- Pelo amor de Deus, Helena!! Não brinque comigo, eu...

- Eu quero o divórcio! Fui cortando o que ele falaria.

- Você está fora de si... foram muitas emoções no mesmo dia... você não sabe o que está falando... o nosso amor é mais forte do que qualquer traiçõzinha sem fundamento, por favor, me perdoe.

- Não adianta falar mais nada. Peço que você me entenda. Eu não era feliz com você. Talvez lá no fundo eu desconfiasse das suas histórias sempre bem contadinhas, para explicar tantas saídas e viagens. E eu vivia por um fio. Sempre achando que iria encontrar você com alguém. Sempre lhe vigiando. Sempre sofrendo às escondidas. Eu não sabia o que era ser feliz. Apesar de estar com amnésia, eu consegui ser feliz aqui. Eu consegui me fortalecer e me livrar da minha dependência que tinha de você. Seja feliz com quem você quiser. Eu não me preocupo mais se você vai ou se fica. Por favor, me dê apenas os números dos meninos para eu falar com eles.

Com as mãos trêmulas, ele pegou um cartão dele e anotou os números

dos nossos filhos. Depois, me olhou triste, segurou as minhas mãos e me pediu para que eu pensasse um pouco mais, pois ele ficaria na cidade até a segunda-feira. E saiu dizendo:

- Amanhã eu passo aqui para saber se você está melhor e a sua decisão final.

- Eu já decidi. Vá com Deus.

Depois que ele saiu, Pedro entrou e ficou me olhando com um olhar que indicava a curiosidade que ele estava sentindo, mas que fingia não estar.

- E então, agora devo lhe chamar de Helena ou continuo chamando-a de Rachel? E sorriu para mim, me fazendo entender que não importava como ele me chamaria, desde que ele me chamasse. Eu sempre iria.

- Você escolhe. Eu tenho cara de Rachel ou de Helena? E sorri timidamente para ele.

- Estou feliz por você ter sido descoberta, por lembrar o seu passado e poder voltar para a sua família, com o seu marido...

- Eu não vou voltar com ele. Eu decidi ficar aqui mais um pouco. Eu vou ligar para os meus filhos virem aqui me ver, para passarmos o Natal e as férias juntos...

Senti uma mudança no olhar de Pedro e vi um sorriso discreto começando a se formar.

- Posso perguntar o motivo?

- Eu descobri que, apesar de tudo, eu fui muito feliz aqui, com você, quer dizer, com todos vocês, nessas experiências novas. Eu só preciso ver os meus filhos o mais rápido possível e depois me organizar. Talvez eu tenha que voltar para Recife, para tirar os meus documentos e organizar toda a parte burocrática da minha aposentadoria da faculdade, da minha conta bancária e do meu divórcio. Quero ser uma mulher livre e...

Fui surpreendida pelo abraço de Pedro que, agora com um largo sorriso, me perguntou:

- E nessa sua nova vida, por acaso teria espaço para mim? Ou você quer ser uma mulher totalmente livre? Eu não consigo me imaginar longe de você. Aliás, eu tive que me conter todo esse tempo, para não lhe deixar mais confusa e atrapalhar a sua recuperação. Mas agora eu preciso lhe

pedir: dê-me uma chance de ficar ao seu lado? Deixe-me ser o seu namorado nessa sua nova fase? Eu...

Não deixei que ele terminasse, com lágrimas de emoção, fiquei na ponta dos pés e o beijei com toda a emoção reprimida dos últimos meses. E pude sentir a felicidade de estar nos braços de um homem que me ama e soube me respeitar, esperando o tempo certo para me expor o seu amor.

# KÁTIA MICHELLE RODRIGUES VIDAL

Mãe solo, contista e microcontista, leitora desde sempre, médica psiquiatra, pós graduada em Psiquiatra Clínica, trabalho em saúde pública, poliglota, dançarina de dança do ventre, pole dancer, viajante.

Fale com o autor: [katia1996rodrigues@gmail.com](mailto:katia1996rodrigues@gmail.com)



## WANDERLEI

Eu não sei ao certo qual é a minha idade. Pelo menos faz uns três anos que pertenço ao Wanderlei. Creio que na noite em que nos ele me encontrou eu ganhei uma vida de verdade: casa, comida, calor e carinho. O carinho do Wanderlei. Todo o carinho dele.

Chovia e eu sentia frio e fome. O homem caminhava sozinho, assim como eu. Ele estalou os dedos:

- Vem! – era a voz do Wanderlei.

Aproximei-me, ele afagou a minha cabeça molhada, bem entre as minhas orelhas, e eu lambi as suas mãos. Havia tanta ternura naquelas mãos, naquela voz e naqueles olhos. Os olhos de Wanderlei têm a cor do mar calmo. Sim, eu conheço o mar. Um dia ele me levou para conhecer o mar e o mar tinha a cor de seus olhos. Mas isso foi depois. A ternura nas mãos, na voz e nos olhos daquele homem fez com que eu nunca mais desejasse sair dali, do alcance dele, de perto dele.

Eu o segui e ele me ofereceu o abrigo da casa que passou a ser a minha casa também. Todo o carinho do mundo mora na nossa casa e no aconchego do meu dono.

O Wanderlei trabalha dia sim, dia não e às vezes ele me leva consigo. Ele trabalha num lugar grande, imenso, todo cinza e rodeado por muros altos com ferros pontudos e espetados. Há muitos portões também. Homens como ele andam por toda a parte e vigiam outros homens. Esses últimos passam a maior parte do tempo atrás de grades ou perambulando num pátio feio, sem árvores, com alguns bancos e com um chão de cimento duro e cinza. Tudo é cinza no trabalho do Wanderlei.

Uma vez por semana esse pátio se enche de gente que vem visitar os homens que vivem atrás das grades. Somente nesses dias eu gosto de ficar no pátio cinza, feio e sem árvores. Cheio de gente ele até fica um pouco menos feio e ganha algum colorido. Nesses dias eu ganho afagos e comida. Há sempre quem me ofereça uma salsicha, um pedaço de presunto ou um bocado de pão besuntado de margarina. Nesses dias o pátio é um lugar alegre e bom de estar. Somente nesses dias. Eu durmo num colchão macio que fica aos pés da cama do Wanderlei,

tenho até um cobertor. Nunca me falta nem comida e nem água. Os homens atrás das grades, dormem amontoados e trancados em lugares pequenos, apertados, sujos e sufocantes. Dois homens no mesmo colchão e quando não há colchão eles dormem em cima de pedaços de papelão. No frio nem sempre eles têm cobertor, se aquecem amontoando mais ainda seus corpos: o calor do corpo de um aquece o corpo do outro. A comida deles às vezes tem cheiro de azedo. Comida cheirosa só mesmo nos dias em que o pátio cinza ganha cores e se enche de gente diferente.

O Wanderlei fuma. Todos naquele lugar fumam. Há sempre fumaça no ar, o que torna tudo muito mais cinza e bem mais escuro. Cigarro é moeda de troca, é o dinheiro que circula entre aqueles homens. Naquele lugar quase tudo é negociado com cigarros, mas há coisas que são acertadas aos cochichos e com dinheiro de verdade.

No dia em que o Zé chegou, o Waderlei fumou mais, todos fumaram mais. Quando o Zé chegou, eu lembro, não há como eu não lembrar, houve um grande alvoroço entre os homens: os de trás das grades e os homens como o Wanderlei.

Escutei dizerem que o Zé fizera coisas com umas crianças e que agora iriam fazer essas mesmas coisas com ele que era para ele aprender.

- Com criança não se mexe, bandido não perdoa esse tipo de cabra! – ouvi o Pernambuco, um dos homens atrás das grades, dizendo.

O Pernambuco é bom e sempre me dá ossos de frango nos dias em que o pátio cinza deixa de ser cinza e se enche de gente e de cor. Eu gosto dele quase do mesmo jeito que eu gosto do Wanderlei. As mãos do Pernambuco são grandes, grossas e pesadas mas ganham suavidade e leveza ao acariciarem a minha cabeça enquanto eu mastigo os ossos que ele me dá.

- Manda esse cabra aqui, Wanderlei!

O Pernambuco e os outros homens atrás das grades berravam e pediam o Zé. Batiam nas grades com canecas de lata e com pedaços de pau. O barulho feria os meus ouvidos e eu comecei a sentir medo daqueles homens, até mesmo do Pernambuco.

O Wanderlei levou o Zé para uma sala pequena e eu os segui. Meu dono nem percebeu que eu os seguia. Naquele cubículo éramos eu, o

Wanderlei, o Zé e mais dois homens que usavam roupas iguais às roupas do Wanderlei. Todos eles fumavam, menos o Zé.

Um dos homens distribuiu toalhas de banho para os outros homens, menos para o Zé. Cada um envolveu as toalhas em pedaços compridos de madeira, tão compridos quanto eu. Um outro mandou o Zé tirar a roupa.

O Zé tirou a camisa encardida e fedida de suor. Eu podia sentir o cheiro azedo daquele suor brotando em gotas grossas da pele do Zé. Eu podia sentir o cheiro ruim do ar que saía daquela boca aberta e calada que era a boca do Zé. Eu podia sentir o arrepio de cada pelo do Zé, bem como o pavor em seus olhos esbugalhados.

- Tira tudo! – era a voz do Wanderlei.

As mãos do Zé tremiam e suavam enquanto arriavam a calça. Os joelhos bateram um no outro. Ele se desequilibrou e caiu. Levantou já sem a calça. Aqueles olhos esbugalhados me olharam e me pediram socorro. Lati e me encolhi num canto.

- Tira tudo! – era a voz do Wanderlei.

As mãos trêmulas do Zé tiraram a cueca e a deixaram ao lado dos seus pés descaços e sujos. Dos olhos arregalados que me olharam pedindo socorro brotavam lágrimas agora. A boca escancarada do Zé finalmente falou “A gente resolve isso de outro jeito”.

- Cala essa boca, desgraçado! – era a voz do Wanderlei.

Os três homens levaram o Zé para um dos cantos da sala e bateram nele com os paus envolvidos por toalhas.

O homem se encolheu e os outros continuaram a pancadaria.

O Wanderlei berrava e olhava o Zé com os olhos crispados enquanto batia nele junto com os outros homens.

Onde a ternura daquelas mãos que estalaram para mim os dedos numa noite de chuva? Onde a ternura daquela voz que me disse “Vem!” numa noite de chuva? O mar nos olhos de Wanderlei era agora revoltado e perigoso. Onde a calma azulada? O Zé fez algo terrivelmente odioso para o Wanderlei se comportar assim.

As mãos suadas do Wanderlei conduziram o corpo vergado e nu do Zé até aos homens atrás das grades. Seus berros aumentaram de volume. O barulho aumentava o meu medo.

Vi o Zé sendo engolido pela massa de homens que berravam cada vez mais alto.

O Wanderlei estalou os dedos:

- Vem!

A voz era novamente terna, assim como novamente ternas eram as mãos e os olhos cor de mar.

Wanderlei acendeu um cigarro e deixamos de ver o que acontecia atrás daquelas grades.

RENAN BARROS DA SILVA

Fale com o autor: [barros.renan001@hotmail.com](mailto:barros.renan001@hotmail.com)

## O MARCENEIRO

Lá está ele, despercebido e deprimido, em sua marcenaria escura pela noite e pelas janelas que não são limpas há um bom tempo. Já não sabe o que pode fazer de sua vida daqui para frente. Não consegue acreditar que o trabalho de que gosta tanto, que seu pai o ensinou desde pequeno, tornou-se algo completamente obsoleto desde quando uma fábrica de móveis foi inaugurada perto de casa. Preocupado, seu Alfredo passa as mãos em seus cabelos cinzas, deslizando os dedos pelo queixo e pelo peito retraídos em busca de um livramento das angústias e do rancor que sente por Jorge.

Sua esposa, Cristina, chama-o para jantar, interrompendo as sensações que não conseguem ser despercebidas pelos olhos atentos de sua companheira eterna.

— O que há com você, homem? Está com essa cara amarrada desde quando acordou — diz ao mesmo tempo em que coloca a comida no prato para o marido.

— Não é nada... Talvez seja só fome... — responde Alfredo.

— Papai, você está preocupado com o seu trabalho de novo? — indaga Júlia, a filha que acabou de completar seus dez anos, sendo a única que ainda demonstra um ar de jovialidade na casa.

— Não, minha querida. Não há motivo para preocupação. — E mostra seu marcante sorriso desalinhado, tentando disfarçar que o aluguel da casa deverá ser pago no dia seguinte.

— Fiz o seu prato preferido: panquecas de carne. Aproveita que está uma delícia; aproveita mesmo, porque, com o que estamos ganhando, comer carne é luxo — completa Cristina.

Olhando para o prato a sua frente, Alfredo inicia a cerimônia de todos os dias: uma breve oração para agradecer o alimento diário. O som dos talheres, juntamente com as histórias de sua filha sobre o dia dela na escola, animam-no um pouco. Júlia conta que tirou um dez na prova de matemática, que a comida da escola não estava a seu agrado e sua voz, assim como uma pomba assustada, torna-se cada vez mais distante dos ouvidos de seu Alfredo, que apenas olha para uma parte rachada do piso velho.

Distraída pela filha, Cristina se dá conta dos devaneios de seu marido apenas quando faz uma pergunta para ele, que parece ser retórica:

— Alfredo? — torna a voz menos abafada aos ouvidos do homem — Você ouviu o que eu disse?

— Claro, você disse que... Nossa, eu estava com a palavra na ponta da língua...

— A mamãe perguntou se você concorda que eu durma na casa da Amanda, papai. A mãe dela disse que vai fazer uma festa do pijama para a gente e que vai chamar mais duas amigas nossas... E aí, posso ir?

— Qual Amanda, filha do Jorge?

— Sim, papai. É a única Amanda que eu conheço...

— Se os pais delas concordarem, tudo bem.

Cristina olha de lado para o marido enquanto termina de comer seu último pedaço de panqueca. Sabe que a pergunta singela revela a malquerença recente de Alfredo por Jorge, pois o marido acredita ter sido “trocado pela praticidade”.

Levantando-se, recolhe os pratos de todos e pede para que Júlia se apronte para ir deitar. E cumprindo mais uma tradição, que é a que mais ama fazer todos os dias, Alfredo dá um abraço bem apertado em Júlia. Ele vê em sua filha a materialização do amor à vida, um sexto sentido que o faz querer continuar em seu caminho por mais tortuoso que seja. Já a sós com o marido, Cristina aproveita para saber o real motivo da preocupação de Alfredo.

— Vamos, Alfredo. Desembucha, o que você tem?

— Ora, o Jorge larga de mão o nosso negócio, nem me fala nada, agora fica aí pagando de bom moço, fazendo agrado à nossa criança!

— Mas, meu bem, a ideia dessa festa foi da mãe da Amanda e não do Jorge. Olha, sei que isso não é motivo de sua desatenção. Vi que desde hoje cedo você está aí quieto no seu canto, tentando esconder os seus sentimentos como os tapumes da construção daqui do lado escondem a obra que está sendo feita. Diga, é por causa do Jorge ter conseguido uma proposta de emprego melhor que você está assim?

— Também, mas não é isso o ponto da coisa... É que eu estou com medo.

— Medo de quê?

— De ficar desempregado. Essas mudanças das coisas, do trabalho e de

sei lá mais o quê, que toda hora passa na televisão, está fazendo o meu serviço acumular. E essa maldita fábrica que abriu aqui do lado também é o motivo disso. Ninguém mais gosta de comprar um produto de verdade, uma coisa bem-feita pela mão de um homem dedicado. Todo mundo quer tudo rápido, tudo colorido, tudo na hora. E as pessoas que querem continuar no próprio ofício? Continuar fazendo aquilo que sabem fazer? Até ano passado, todo mundo aqui do bairro vinha até mim ou ao Jorge para pedir uma mobília nova de madeira boa, nem que fosse um banquinho. Mas agora, está tudo ali parado acumulando poeira. E o Jorge? Soube da notícia que essa tal fábrica está contratando, sendo que ainda nem terminou de ser construída, e mudou de ofício sem pensar duas vezes. Essa droga de fábrica está roubando todo mundo que comprava mobília de mim.

Cristina, calada, acaricia o braço dele. Também se preocupa com os fatos que o marido trouxe à tona. Desde que a fábrica de móveis abriu, percebe que a compra do mês é reduzida e que as contas da casa passam por um processo de sorteio para que sejam pagas. Tudo se mostra incoerente desde que perderam os clientes que eram fiéis até certo momento. Afinal, por que comprar algo caro e demorado, sendo que posso comprar algo barato e que fica pronto rapidinho? Indaga Cristina dentro de si. Mas não põe para fora o seu pensamento porque tem medo de que seu companheiro a compreenda erroneamente. Reconhece que a marcenaria é tudo o que Alfredo sabe fazer, tanto é que a cadeira em que estão sentados, a mesa em que jantaram, a cabeceira da cama em que eles dormem e a estante da sala de estar foram feitas pelas mãos ágeis e calejadas de seu marido.

— Olha, meu bem, eu não quero defender ninguém. Mas acho que Jorge também teve o mesmo medo que você. Ele só queria uma renda mais fixa... Não acha que você poderia dar uma chance a isso também, de poder trabalhar nessa fábrica? Isso não seria negar o que você sempre fez, seria apenas um ato de reinvenção, digamos assim.

— Não, Cristina! — brada o marceneiro, levantando-se da cadeira. — Já tenho quarenta e cinco anos e consegui manter esta casa e a nossa família com madeira, com farpa no dedo. Não posso usar a minha habilidade para enriquecer a outro! Isso não seria sensato.



— Ah, é! Isso não seria sensato? Então ficar com o aluguel atrasado é sensato? Ficar sem pagar as contas é sensato? Estamos passando por dificuldade por causa de seu orgulho! Você sabe muito bem que eu não posso trabalhar fora porque tenho artrite, que piora a cada dia que passa. Então está na hora de deixar esse orgulho todo de lado e começar a agir. Ora, já estamos em 2000! Novo ano, novo século... Não é isso o que dizem por aí?

— Cristina, acha que é simples assim? Que é só chegar na porta daquela porcaria sugadora de trabalhadores que eu vou ter emprego? Faça-me favor, não é tão simples como você pensa.

— É simples, sim senhor. Todos estão dizendo que o pessoal dessa fábrica não exige muita coisa para poder trabalhar lá. E pense bem, Alfredo, pois você é o melhor marceneiro dessa região! Com certeza vai se dar muito bem nessa fábrica nova.

Alfredo se mostra sério ao ouvir as palavras de Cristina. Apesar de duras, são a mais pura verdade — completamente desprovidos! E apesar de Cristina se esforçar para ajudar nas despesas de casa, já não consegue empenhar-se quanto gostaria. As costuras de que tanto gosta tiveram de ser deixadas de lado, já que quer suas mãos menos doloridas e mais bonitas. E mesmo se continuasse a usar sua máquina de costura, a renda que ganharia não ajudaria a tampar os buracos dos gastos mensais.

O marceneiro retira-se imediatamente e vai para a garagem, que também é a sua marcenaria. Sente o cheiro de madeira nova, de um eucalipto que ainda está descascando para fazer uma mesa de estudos para Júlia. Ao ligar a luz, a serragem e as lascas grandes de madeira para todo o lado obrigam-no a organizar e ventilar o ambiente, mas o desânimo é mais forte que sua vontade de limpeza.

Enquanto descasca o pedaço longo de eucalipto, põe-se a refletir e a olhar para as cadeiras envernizadas e empacadas num canto por ninguém as querer. Num súbito, decide que na manhã seguinte, após pagar o aluguel com o que resta de sua miúda economia, irá seguir o conselho da esposa, pois não quer mais sentir-se incapaz por não poder comprar os presentes que Júlia lhe pede — mimos específicos, mas que não fazem rombos grandes nos bolsos.

Certa vez, Júlia pediu um par de sapatos novos para ir a uma festa da escola, todavia a carteira de Alfredo mostrou-se inválida por sempre andar vazia. Entretanto, isso não foi um empecilho para que o velho par de sapatos pretos de couro da filha fossem repaginados depois de duas engraxadas.

O eucalipto já está descascado e o marceneiro vai até o quarto de Júlia para dar um beijo de boa-noite. Vê que ela dorme e contenta-se apenas por observá-la quieta em plena paz de espírito. Indo para o próprio quarto, também percebe que Cristina já se pôs para descansar — pelo menos é o que pensa, já que não compreende os olhos abertos da eterna esposa. Mesmo assim, abraça-a, encostando a sua cabeça nos cabelos curtos da mulher, pedindo com a voz baixa para desejar-lhe sorte no dia seguinte.

E assim acontece: chegando na fábrica, o nome da madeireira que roubou os seus clientes em letras graúdas provoca-o: “Carvalho e Co. A madeira certa para a mobília certa”.

— Não tem jeito, a modernização chegou — diz baixo ao pensar alto.

O marceneiro se senta numa cadeira da sala de um dos supervisores da indústria e conta da sua experiência de trabalho, que seu ofício é a marcenaria desde os quinze anos, mas que precisa de um novo ramo, visto que com a virada do século as coisas estão seguindo a tendência de transformações detestáveis — entretanto deixa esse detalhe de lado.

E para sua surpresa e para a alegria de Cristina, Alfredo é contratado depois de dois dias da entrevista.

Em seu primeiro dia, depara-se com uma agitação que nunca presenciou. Consegue entender melhor aquilo que não enxergou durante a sua conversa com um dos supervisores da fábrica: o barulho das descascadoras de toras, das fresadoras fazendo um corte preciso nas tábuas, das carretas que chegam com mais soberbos troncos e dos caminhões-baú que levam os produtos prontos para o varejo. Tudo isso faz com que as pessoas gritem para que a comunicação seja ouvida e transforma os protetores de ouvido em amigos. Tudo para a existência da Carvalho e Co., a indústria que ainda não está completamente construída, mas que mesmo assim emprega boa parte da cidade.

Encontra Jorge em meio ao todo vai-e-vem — em algum momento teria

de fazer isso, já que o encarregado ordenou para que ambos trabalhem juntos novamente. Entretanto, o chefe desconhece os atritos que a amizade dos dois passa e não sabe que eles ainda não se viram depois de Jorge parar entre os Carvalhos.

— Decidiu mudar de ramo, foi? — indaga Jorge, tentando ser simpático ao dar as boas-vindas ao Alfredo.

— Eu fui obrigado, quem decidiu isso foi você.

— Olha, Alfredo, entendo que sente raiva de mim por eu ter saído do nosso negócio. Mas agora podemos ter a oportunidade de consertar isso, já que vamos trabalhar juntos de novo.

— Saído? Você ABANDONOU a nossa marcenaria! Veio correndo para cá só porque pagam mais. Porém, tem que vender a vida aqui trabalhando direto e reto como um zumbi, vendendo a esse povo um trabalho que não têm nem ideia de como é feito.

— Aqui não é lugar para discutirmos, Alfredo. Eu quero deixar claro as minhas desculpas, está bem?

— Como faço para usar essas coisas aí? — O homem muda de assunto ao se referir às máquinas que cortam em segundos um pedaço de madeira que ele leva uma semana para cortar.

Na verdade, os aparelhos deixam-no fascinado; nunca teve oportunidade de usá-los na vida — só usufruiu da chance de observar alguns equipamentos semelhantes em uma vitrine de um depósito.

— Bem, é simples... — diz Jorge, um tanto sem graça — Você precisa de muita cautela para não se cortar. — Faz uma demonstração com um pedaço não muito grande de eucalipto numa mesa que contém uma serra circular na ponta.

Ao tentar fazer igual a Jorge, Alfredo sai-se bem; e foi assim no decorrer das semanas, dos meses e dos anos. Já a amizade com Jorge foi quase restabelecida, só não completamente retomada por causa do rancor de Alfredo.

E o marceneiro continua com a marcenaria, fazendo-a de passatempo, de cura para os seus sentimentos feridos. Já o motivo de sua relutância contenta-se apenas com o emprego na indústria de móveis.

Em mais um dia de trabalho, Alfredo pega as tábuas de cedro e faz riscos nas madeiras para que virem a tampa de uma mesa de sala de

estar. O corte que faz numa marcação é interrompido — a serra circular que fica na ponta da mesa trava. Esquece-se de uma regra crucial: desligar todos os aparelhos elétricos antes de realizar alguma manutenção. Um cedro anterior é o que faz tudo parar e, antes que consiga tirar o braço junto da madeira velha, o aparelho cortante destrava.

De repente, o vermelho escuro tinge as serragens e o grito amedrontador de Alfredo não é impedido pelos ruídos da fábrica. Seu braço direito ainda está preso à serra, que está ligada e cada vez mais frenética a cada segundo de grito que o marceneiro solta.

Jorge, que havia saído para ir ao banheiro, retorna e depara-se com a cena repulsiva. Não pensa duas vezes e desliga tudo, aquietando a serra medonha e sobrepujando os gemidos do amigo que tem a mão dominante já dilacerada. Ao passo que os outros funcionários chegam — por curiosidade e não com o intuito genuíno de ajudar —, Jorge exclama para que uma ambulância seja chamada imediatamente.

Não demora muito e os sons avermelhados são ouvidos por todos, aumentando ainda mais a inquietação do primeiro acidente na Carvalho e Co.

E o que Cristina e Jorge imaginam é confirmado pelo médico de Alfredo: nunca mais ele poderá trabalhar como marceneiro.

As lágrimas encharcam o pobre coração que os anos deixaram rígido; uma dor única, como se Júlia tivesse morrido. Olha para o braço direito enfaixado até a metade, já ausente o instrumento dado aos homens para trabalharem com plenitude. Tudo o que seu pai ensinara foi arrancado pela serra da Carvalho e Co., a indústria madeireira que prometeu empregar os desempregados, mas que tirou de sua vida o gozo de realizar o ofício que sempre amou.

# CYNTHIA ESPINOSA

Cynthia Crhistyne Ribeiro Espinosa, graduada em Pedagogia e pós-graduada em Cenários e Metodologias de Ensino a Distância e em Literatura Brasileira no Contexto da Literatura Universal.

Servidora pública efetiva do Poder Executivo Estadual atuando na área de educação corporativa desde 2007. Membro da Academia de Letras e Artes de Anicuns.

Fale com o autor: [cynthia.cre@uol.com.br](mailto:cynthia.cre@uol.com.br)

## COMIGO NÃO, VIOLÃO!

Fevereiro de 2021, comprei um violão!

Quando pensei em comprar o dito cujo, não me parecia ser esse bicho de sete cabeças aprender a tocá-lo, afinal existem apenas sete notas musicais. Notas essas que eu já conhecia ou pelo menos achava. E digo isso porque pouco tempo atrás (na verdade, teeeempos atrás) fiz algumas aulas de piano e até hoje sei onde ficam as tais sete notas nele. Mais DO que aprender a tocar um instrumento musical, o que eu REalmente queria era aprender a tocar violão. Acho mó chique quem toca.

Já viram o Milton tocar? Parece tão FÁCil, tão simples. Tinha certeza abSOLuta que aprenderia a tocar violão sem ter que me matricuLAr em nenhuma aula, apenas com força de vontade e asSIstindo alguns vídeos.

Entrei então de cabeça nos vídeos do Youtube convicta de que aprenderia a tocar em poucos meses, afinal não dizem por aí que quem tem força de vontade tem tudo? Foram horas e horas assistindo aulas dos mais variados “métodos” de como aprender a tocar violão.

Confesso que não aprendi ainda sequer os acordes básicos pois meu cérebro e meus dedos, desconectados, não conseguem falar a mesma língua. Já ouviram um japonês e um russo conversando? É mais ou menos assim o diálogo entre eles. Uma verdadeira Torre de Babel.

Para piorar a situação, descobri que além das notas teria que conhecer cifras, escalas, acordes, melodias, harmonias, tablaturas, ritmos, tons e tudo isso sem falar nos verdadeiros hieróglifos violinísticos como G4(#5), G7, Am, C#, D#, D7+, F9+ C°, F#°, F#m7/D# ou de e|---5-----4p3-----2-----1p0-----|.

Só Deus na causa pra traduzir isso.

Já ouviu alguma vez na vida falar em “Acorde de quarto grau sustenido meio diminuto?” Nem eu. Mas li isso em alguma apostila de algum dos cursos que andei vendo e é óbvio que vou mostrar aqui a representação disso: #IVm7(b5). Sim, isso é uma acorde de quarto grau sustenido meio diminuto.

Aí você me pergunta: Para que serve isso? Eu só posso te responder que

certamente é pra acabar com os pequis do Goiás, porque outra serventia até agora eu não descobri.

Fazendo uma abstração aqui, estou para o violão tal qual estou para matemática, afinal conheço as quatro operações básicas tanto quanto conheço as sete notas musicais. Com a diferença de que, na matemática, ainda posso usar a calculadora. E paro por aqui a abstração.

O danado do violão está bem aqui do meu lado. Um lindo violão eletroacústico Giannini Start, modelo NF-14 CEQ, cordas de nylon e conectores de saída Jack, acabamento de verniz brilhante, com capa e tudo. Ah e ainda comprei junto afinador e aquelas palhetas coloridas lindas que acho que servem para substituir os dedos ao tocar.

Ele olha para mim, eu olho para ele e assim ficamos flertando um com o outro tipo um amor platônico. Mas comigo não violão, não me venha com suas artimanhas sórdidas de sedução, não tenho vocação para amores não correspondidos.

Talvez a música, neste caso o violão, não seja pra mim, afinal nem tudo é pra todo mundo. E quem nasceu para vintém, nunca chega a ser tostão (em se tratando de música óbvio).

Mas que eu tenho um violão, eu tenho. E ele é lindo! Posso usá-lo para postar fotos nas redes sociais, afinal ninguém precisa saber que nossa relação é tão platônica assim.

Fake News? É, pode ser. Mas como foto não tem som...

# F. FERREIRA

Filha de nordestino, natural de Rondônia, formada em Filosofia, F. Ferreira sempre amou escrever, mas as dificuldades da vida a afastou do seu sonho. Com o advento da pandemia a autora iniciou sua jornada e começou a transcrever as histórias que sempre imaginou em sua mente.

Fale com o autor: [fabiula.ferreira.oficial@gmail.com](mailto:fabiula.ferreira.oficial@gmail.com)



## A INDÚSTRIA DA VIDA

O ano é dois mil duzentos e cinquenta e dois, a tecnologia está avançando em níveis consideráveis, mas não com todo o potencial que poderia ter graças á grupos conservadores que atrapalham pesquisas, fundamentados em ideais religiosos e financiados por políticos e organizações que se beneficiam deste atraso tecnológico.

No entanto, a empresa Kaleidos, nos estados Unidos, tem uma pesquisa avançada em genética que corre em segredo absoluto, com financiamentos internacionais, porém esta pesquisa se fosse a público poderia trazer grande hostilização e controvérsia por estes grupos e até pelo meio científico, pois ela traz grandes questionamentos éticos sobre até onde a tecnologia e a ciência pode ir. Ao mesmo tempo é obvio o lucro financeiro que a empresa pode receber se iniciar oficialmente este projeto, mas trazer apenas com apelo comercial poderia ser algo negativo, a empresa resolveu contratar o maior profissional de marketing existente para encontrar uma forma de divulgar essa nova tecnologia e ser aceita por todos, ou pelo menos pela grande maioria.

O nome dele é Augusto Prata, um brasileiro genial, que fez grandes campanhas nacionais e internacionais, seu nome é atrelado à genialidade, assim como a causas sociais e admiráveis, coisas que usa á seu favor para conseguir mais lucro em suas campanhas e ser conhecido como o homem que limpa as imagens de empresas cruéis, convencendo a todos com seu sorriso branco na medida certa para parecer limpo, mas não tão branco para parecer um rico esnobe. Um homem que usa uma cruz no pescoço, mas visita todas as religiões e posta mensagem em suas redes sociais de respeito á todas as pessoas, enquanto em seu intimo adoraria que a humanidade se dissipasse. O homem que anda de carro ecológico, para agradar ambientalistas, mas seu carro é tão caro e luxuoso quanto um capitalista deseja, o homem que usa ternos de cortes elegantes e marcas de luxo, marcas que ele gerencia o marketing e fazem estes ternos de tecidos reciclados, claro que cobrando dez vezes mais do que deveriam. Enfim ele é o home que respeita as minorias e as mulheres, mas é o loiro de olho azul, filho de um juiz corrupto com uma empresária do ramo de exportação, o

homem que é tido como humilde por usar roupas de cortes simples e cores sóbrias quando não está trabalhando, mas que uma camisa não custa menos que dez mil reais.

Quando Augusto recebeu o pedido da empresa Kaleidos para encontrar uma forma de vender sua nova pesquisa ele estava vendo o jornal e viu na tela de sua televisão a resposta para o que a empresa precisava.

A resposta vinha da família de José, um homem simples que trabalhava de eletricitista em uma grande empresa há quase quinze anos, emprego que ele já estava cansado, mas não poderia largar porque financeiramente seria inviável, pois dele vinha mais da metade do sustento de sua família. Ele é casado há quase trinta anos com Teresa, uma boa mulher, muito religiosa, mas nada que atrapalhe a vida. Ela era diarista autônoma, nem sempre tinha trabalho, mas sempre estava preparada caso a chamassem, acordando cedo, preparando a comida que será o almoço de José e de seus dois filhos, Antônio e Isabella, que ainda moravam com eles e trabalhavam fora para ajudar na casa e nos próprios objetivos. Teresa e José eram hostis um com o outro, mas eram como estranhos muitas vezes, fazendo vidas separadas, tanto no horário de trabalho, como no descanso, onde ele via a televisão com seu filho ou jogava sinuca no bar da esquina e ela ia à igreja, lia seus romances ou fazia seu crochê enquanto olha a filha estudando de forma dedicada.

Antônio tinha quase trinta anos, foi o filho que motivou o casamento apressado de seus pais, trabalhava como suporte técnico em uma grande empresa de internet quase dez horas por dia, motivo este que foi o fim de seu breve casamento com Beatriz, com quem teve um filho chamado Bernardo, que via todos os finais de semana. Ele era um rapaz sério e reservado em público, mas extrovertido em família, claro que não tanto como sua irmã Isabella, conhecida por Bela, que sempre foi extremamente animada o tempo todo, que apesar de trabalhar em uma grande fábrica como costureira, nunca ficava de mau humor, adorava assistir vídeos e ler mensagens positivas. Acreditava que a vida poderia ser boa e que um dia com seu esforço poderia ir além do que era.

Isabella namorava há quase seis anos o jovem Arthur, um rapaz muito querido da família que era personal trainer, tinha uma condição

financeira melhor do que a família da moça, mas sempre parecia adaptado ao jeito simples deles, falava que queria se casar com Bela e sempre dava presentes muito caros, como bolsas, sapatos, roupas, maquiagem e até um colar de ouro branco que ela usava apenas quando saía com ele, já que usar quando andava de trem seria arriscado demais. Mas um dia José recebeu um telefonema que destruiu a vida de todos. Isabella estava desaparecida, ela saiu de casa para o trabalho, mas não chegou nele, ninguém sabia dela. José teve que tomar o remédio da pressão que tanto negligenciava, enquanto Teresa estava na delegacia aos prantos relatando o desaparecimento da filha e tendo que ouvir todo tipo de insinuação descabida sobre a honra da filha.

Antônio brigou com o supervisor para ser liberado, pois o mesmo não achava necessário que ele fosse ajudar nas buscas, pois atrapalharia o andamento da empresa, Antônio pela primeira vez em sua vida deu um soco na cara de seu supervisor e saiu da empresa corrido, com certo receio do que lhe aconteceria, mas com uma preocupação maior com a irmã, pois ele sabia de algo que seus pais não sabiam.

A relação de Bela e Arthur não era tão boa quanto os pais pensavam, ela já havia contado para o irmão que Arthur era muito possessivo e que algumas vezes ela sentia medo dele, mas dizia que ele nunca a machucou, porém Antônio sabia que machucar vai além de criar hematomas na pele e que às vezes sua irmã chorava escondida a noite, que não tinha mais proximidade com as amigas, que a cada ano pareciam diminuir. Que Bela sorria mais quando estava longe de Arthur e que ao lado dele o sorriso era muitas vezes forçado.

Antônio foi à delegacia e contou tudo isso ao delegado Sousa, que havia assumido o posto á apenas dez minutos do anterior que fez o boletim, mas não parecia interessado. O delegado Sousa resolveu ir à casa de Arthur após saber que ele também havia faltado no trabalho, uma versão diferente da que ele tinha falado para Teresa, quando ela ligou para ele.

Ao chegar ao local os policiais descobriram que Arthur havia saído com uma mala, mas a vizinha relatou que viu a moça indo com ele para o apartamento e depois ouviu uma briga, por fim nada ouviu. Depois Arthur saiu e voltou com uma mala, depois saiu com essa mesma mala

que parecia ter comprado. O delegado ligou para a central pedindo as imagens das Câmeras do prédio, pois a policia tem acesso á todas as câmeras de segurança e o mandato para prisão de Arthur, enquanto esperava pessoalmente ele voltar na entrada do prédio.

As horas passaram, mas antes de Arthur chegar, veio às imagens de Bela para o delegado, mas não as imagens de quando ele a convenceu a faltar no trabalho aparecendo no ponto aonde ela pegava o trem com um buquê de rosas, após a briga que tiveram na noite anterior, nem as dele estacionando o carro na garagem de seu prédio e fazendo juras de amor á Bela, enquanto dançavam apaixonados, nem as dela entrando no apartamento de Arthur aos beijos, muito menos as dela fazendo amor com ele. Tão poucos as de Bela encontrando uma camisinha usada no banheiro dele, que não foi com ela, já que a fazia tomar remédios para não usar, muito menos da briga deles, ou de como ela chorava colocando na bolsa suas coisas para ir embora enquanto chorava esperando que ele de algum modo a fizesse acreditar que mudaria e que foi um erro. As imagens que o delegado recebeu foram as de uma mala prata sendo encontrada por populares na praia, com o corpo de Bela esquartejado dentro, após Arthur decidir que ela não tinha o direito de deixá-lo.

Imagens que a família viu na televisão sendo mostrada por jornais sensacionalistas que buscavam audiência, que virão repetidamente pela internet sendo compartilhadas por pessoas sem empatia com a família, que tinham o prazer sádico de ficar olhando o corpo da jovem nua e esquartejada, além de lerem e ouvirem mentiras horríveis sobre o caso e a jovem, ao ponto deles desligarem permanentemente todos estes aparelhos.

A família foi procurada por muitas emissoras, suas entrevistas pedindo justiça e contando sua dor de perder a jovem eram transmitidas por todos os locais e foram vistas por Augusto naquele dia.

Arthur foi preso, suas digitais, sêmen e tecido de pele estavam na vítima, a casa tinha manchas de sangue que ele tentou limpar, mas o luminol mostrou. O caso tomou proporções gigantescas, comoção popular, as pessoas se indignavam com o que foi feito com Bela, pedindo justiça, enquanto Arthur e sua família contratavam advogados

tentando salva-lo de uma condenação, que ele não conseguiu fugir, sendo condenado há vinte e cinco anos de prisão, enquanto a família foi condenada á uma vida sem Bela, afastando mais o casal que não sabia lidar junto com a dor da perda, pois Teresa chorava, enquanto José não conseguia chorar. Antônio passou a se entregar á vícios para lidar com a dor da perda e da culpa que pensava ser dele.

Uma manhã José e Teresa foram convidados á ir até o escritório de Augusto, onde foram bem recebidos por sua secretária e após uma pequena espera adentraram sua elegante sala para falar com ele, que mostrou se comover com a dor deles e disposto a ajuda-los de uma forma que eles não pensavam ser possível alguém no mundo ajudar. Teresa ao ouvir a proposta pensou o quão blasfêmico com seu Deus ela era e ficou assustado, José ficou receoso por quão assustador ela poderia ser, mas ambos pensaram em como ela cessaria a dor que eles sentiam e depois de uma noite sentados pensativos pela casa olhando os retratos da filha, eles ligaram para o número do cartão que Augusto lhes deu e aceitaram a proposta.

A proposta era trazer Bela de volta a vida através de um sistema que reconstruiria o corpo e a mente dela, fazendo ela em termos simples “reviver”. A tecnologia da empresa Kaleidos era absurdamente eficaz, surpreendente e inovadora. Normalmente essa proposta seria amplamente criticada, mas usa-la para reviver uma moça pobre, periférica, vítima de uma tragédia tão horrível fazia a empresa ganhar ares de salvadora, conseguindo não só a atenção dos multimilionários que desejavam a vida eterna, como daqueles que perderam alguém e queriam reencontrar.

No dia cinco de Março de dois mil duzentos e cinquenta e três revivia-se no mundo a primeira pessoa, a jovem Bela. Um evento que foi televisionado do lado de fora da clinica, enquanto os pais dela a esperavam acordar a observando pelo vidro que os separava dela, que estava na cama da clinica, se emocionando vendo a filha abrir os olhos. Ela foi testada e sua inteligência e memórias eram as mesmas de antes da tragédia, os pais puderam enfim falar com ela e estavam emocionados, enquanto Bela parecia confusa.

Os psicólogos instruíram os pais a não falarem da morte dela até que ela

se lembra-se de algo, a empresa Kaleidos ofereceu uma casa e uma pensão para a família, para serem garotos propagandas da campanha de oferecimento dos serviços. Tudo que Bela sabia era que sua família havia ganhado um tratamento que a curou de uma doença, mas não sabia direito que doença era essa, também não entendia porque seu irmão não estava com eles e não telefonava e o porquê seu namorado a abandonou.

Assim que foi confirmada que Bela reviveu os advogados de Arthur entraram com uma liminar pedindo a anulação do caso, já que não haveria vítima mais, causando revolta entre muitos e um dilema no sistema judiciário que não estava pronto para julgar um caso destes, os levando a aceitar o pedido dos Advogados de Arthur.

Com o passar dos dias Bela passou a ter pesadelos recorrentes onde se via em um chão sujo de sangue, sangrando, sentindo uma dor indescritível, enquanto era desmembrada com uma cerra de mão por um tipo de monstro. Os psicólogos mandados pela empresa tentavam toda forma de tratamento para fazer Bela esquecer aquilo, profissionais hipnóticos foram usados, Psiquiatras passaram a atendê-la, lhe dando cada vez doses mais fortes de remédios, mas os pesadelos não sumiam e começam a ser acompanhados de paralisias do sono, dores físicas e alguns momentos de insanidade, onde ela se via no espelho despedaçada.

Teresa tentou procurar os líderes religiosos para falar com sua filha, em uma esperança da fé a curar, mas a maioria desprezava sua família e a chamavam de mãe do anticristo. Os poucos que aceitaram vir falar com Bela não conseguiram ajudar a pobre moça e a deixaram mais confusa.

José via o sofrimento da filha e sofria junto, mas não chorava. Este sofrimento que Augusto fazia questão de não ser de nenhuma forma exposto a mídia, pois atrapalharia os enormes cartazes de campanhas e a incrível lucratividade que a empresa Kaleidos andava tendo graças a Bela. Ele lia nos jornais de grande circulação a soltura do homem que fez isso a sua filha e começava a pensar que tomou a decisão errada.

Bela tomava tantos remédios que vivia dormindo ou aérea demais para interagir, não sorria, não falava, não vivia, era como alguns sites maldosos falaram, ela era um zumbi. Mas não um que come cérebros e

anda sem raciocinar, era um que sofria as dores de sua morte sem saber por quê.

José foi até um beco onde sabia que seu filho Antônio estava e o procurou, pela primeira vez falou com seu filho sobre sentimentos, como se sentia impotente e como também se sentia culpado, mas que nenhum deles era realmente culpado da morte de Bela e ao ouvir como seu pai se abriu com ele, Antônio aceitou a ajuda para sair do vício e voltar para casa, pois queria estar perto da irmã.

A volta de Antônio fez Bela pela primeira vez em muitos meses sorrir e a família pode por uma noite viver como se realmente tudo voltasse ao normal, mas com o passar dos dias, as crises de Bela voltaram. Antônio viu as várias sessões que ela era obrigada a fazer, a forma que ela ficava quando dopada, Antônio criticou seus pais por deixa-la sofrer assim sem realmente entender o motivo de seus pesadelos, assim como criticou eles a manterem sofrendo apenas para tê-la viva, também relatou que ela queria ver Arthur.

Teresa e José brigaram muito tentando decidir se deveriam contar a verdade a Bela, pois Teresa tinha medo dela sofrer mais. José procurou Augusto pedindo que de algum modo à empresa curasse isso a fazendo esquecer esse pensamento, mas Augusto explicou que eles estavam tentando, mas não sabiam como ajuda-la.

Quando José voltou pra casa encontrou Teresa desesperada falando que Bela sumiu, eles procuraram a policia que imediatamente mandou prender Arthur. Muitas teorias se espalharam pela internet, várias historias foram criadas, mas Bela foi encontrada pelos policiais vagando pelas ruas e quando chegou nenhuma palavra falou aos pais para se explicar. Porém isto chegou aos ouvidos de Augusto que foi cobrado pela empresa Kaleidos de impedir que de alguma forma isso repercutisse de forma negativa para a empresa, já que os Advogados de Arthur queriam processar a empresa e Bela por ter levantado insinuações sobre ele.

Augusto foi até a casa da família de Bela falar com José e fingiu empatia como tão bem sabia fazer, se dispôs a falar com a jovem para ajuda-la. José ficou realmente convencido das boas intenções de Augusto e permitiu, assim que ele entrou no quarto da jovem Augusto fez o que

melhor sabia fazer, enganar. Ele escutou a jovem reclamar que se sentia presa e estava cansada de sentir aqueles pensamentos ligados a sua morte e convenceu a jovem que ela deveria fingir estar bem, usando a premissa que o projeto da empresa Kaleidos fazia muitas famílias e pessoas felizes. Ele convenceu Bela a assumir de forma definitiva o rosto da campanha e passar a fingir uma vida feliz tanto de frente as câmeras que a fotografavam e filmavam, como para os pais.

Bela passou a cuidar mais da aparência, mudando o cabelo, os dentes, o corpo e o rosto, mas principalmente reprimindo todo seu sofrimento. Ela mudou tanto para não se reconhecer, não ver a menina que foi assassinada pelo namorado no espelho. Fingindo ser alegre e com o dinheiro da empresa se tornou estilista como sempre sonhou, logo passou a morar sozinha, ser um tipo de celebridade e a fazer palestras motivacionais, enquanto por dentro estava destruída, chorava horas por dia e só dormia com as luzes acesas e em um tipo de quarto extremamente vigiado e seguro. Não conseguia manter amizades íntimas, não conseguia ficar muito tempo com a família por medo de perceberem, sentia uma tristeza enorme e todas as noites pensava em se matar e algumas vezes executou seu plano, mas a empresa Kaleidos não poderia perder a sua garota propaganda, quando ela fazia algo imprudente e morria, era trazida de volta, pois perdeu o direito de morrer. Assim cada vez mais os pesadelos e as dores eram maiores e mais esmagadoras.

José sentia o vazio da ausência da filha novamente, enquanto via o rosto dela por toda a cidade, fazendo propaganda para a empresa. Ele sentia tristeza com aquilo, sentia arrependimento quando via o livro que Arthur escreveu hostilizando sua filha ganhar notoriedade, sentia nojo da falsa perfeição vendida por Kaleidos dizendo que tudo voltaria ao normal, tentando captar clientes, sendo que ele sabia que nada nunca voltou ao normal, mas mesmo com tanta dor não conseguia chorar.

Antônio teve dificuldades de se reintroduzir na vida nova deles e um dia voltou ao vício e acabou morrendo de overdose. Teresa sofreu, mas José continuava sem conseguir chorar. Augusto procurou José e Teresa novamente propondo trazer Antônio de volta, só que sem o vício,



Teresa assinou o papel na hora, mas José não, ele se recusou e ameaçou um escândalo se fizessem isso, mas Augusto precisava dessa publicidade, pois sabia que se a família se recusasse a reviver Antônio abriria espaço para especulações e pediu a Bela para convencer o pai.

Bela foi até a casa dos pais, onde encontrou José sentado na sacada, ela no alto de sua elegância se sentou na poltrona á frente de José que a olhou como se ela fosse uma estranha. Bela tentou convencer o pai a reviver o irmão e ele apenas falou que sabia que a Kaleidos não respeitaria sua vontade, mas não entendia como ela não respeitaria se sabia mais do que ele os motivos dele não querer aquilo. Ela tentou ser forte, ou melhor, tentou esconder os sentimentos porque alguém um dia no mundo disse que isso era ser forte, mas não conseguiu quando viu pela primeira vez na vida seu pai chorando. Eles se abraçaram e entenderam o quão dolorido tudo aquilo era para os dois, reavendo assim o maior direito humano, o de sentir tristeza e expressar esta dor.

Teresa demorou a aceitar, queria dar todo seu dinheiro para reviver Antônio, mas teve que aceitar a decisão de José, agora apoiado por Bela e assistir a cremação dele junto a Bela e José, que finalmente teve sua filha de volta no convívio familiar, após entender que não existe forma de curar todos os males, alguns temos que aprender a viver com eles e que nem sempre as pessoas vão conseguir se curar, assim como nós mesmos, mas estar perto para quando elas precisarem pode ser a melhor cola para as rachaduras da alma.

Kaleidos continuou vendendo sua falácia e Bela sendo obrigada a realizar as propagandas, porque infelizmente nem sempre podemos dizer a verdade, mas cada vez menos ela tinha vontade de morrer.

No dia dez de Abril de dois mil duzentos e sessenta e três, José morreu enquanto dormia e isso destruiu Bela novamente, mas dessa vez Kaleidos mandou apenas um cupom de desconto para revivamento junto á um buquê de flores brancas, que Bela destruiu com muita fúria. As pessoas começavam a questionar Bela e ela já não conseguia fazer palestras ou postar fotos alegres todos os dias, assim como não conseguia se aproximar da mãe. Ela se sentia sozinha, sem elos e sem felicidade e em um evento que participava ficou de frente com Arthur, que tinha se tornado um tipo de celebridade religiosa, após dizer se

converter. As pessoas não lembravam o que ele fez á ela e quem lembrava minimizava o ato, pois ela estava viva, como se toda a dor causada pudesse ser apagada, como se o fato de sua pele não ter as cicatrizes da cerra anulasse o fato acontecido.

Naquela noite Bela saiu do evento e ao chegar a sua casa bebeu todo seu vinho chorando, até ir para a sacada e olhando para o chão pensar que se ela pulasse na frente de todos poderia por fim em seu sofrimento. Ela sentou-se na sacada, sentiu o vento nos pés descalços, enquanto as lágrimas cobriam seu rosto, mas não pulou, ao invés disso ligou para sua mãe querendo consolo, porém sua mãe sabia chorar, mas não sabia entender sua dor, ela desligou e ficou deitada no chão olhando o teto completamente perdida e foi nessa hora que ela ligou para o telefone que Arthur lhe deu, ela o procurou e ele a convenceu que fez tudo sem pensar, que vivia arrependido e que ainda a amava. Bela queria um elo no mundo, queria algo para se conectar e sentia muita dependência emocional atrelada a uma vida que tinha antes da tragédia, por isso ela o perdoou e eles retomaram.

A empresa Kaleidos ficava cada ano mais conhecida e com maiores lucros, enquanto Augusto recebia milhões e aproveitava a vida em viagens, mulheres, drogas e insignificantes contribuições para movimentos filantrópicos com intuito de aumentar mais sua imagem de bom moço. A vida dele nunca teve um momento de tristeza significativo e dificuldades pareciam não o atingir, mas, no entanto um acidente de avião o atingiu e obviamente foi revivido, porém os sonhos constantes e os medos de um novo acidente começaram a dominar sua mente aos poucos, usava toda forma de medicamento para combater estes pensamentos e dores musculares, ele começava a vivenciar os efeitos colaterais de se reviver e via que não era tão fácil quanto imaginava. Augusto tinha decidido se afastar do trabalho por um tempo quando foi informado que Bela havia sido vista com Arthur e que eles pareciam ter se reaproximado, o que era algo extremamente negativo para a imagem de Bela, ele deu ordens de trazerem novos rostos para a propaganda da empresa e romperam contrato com Bela.

Augusto criticava mentalmente Bela por sua decisão e não entendia como ela poderia perdoar um homem como Arthur. Normalmente ele

não se envolvia com coisas assim, mas a insônia causada por remédios e drogas misturados o fez procurar Bela para conversar. Na conversa que tiveram Bela explicou a solidão e a sensação de não ter nada conectado a ela na vida, o vazio que nada preenchia e a vontade de ter sua vida de volta. Arthur conhecia essa sensação, mas não atrelada a ser revivido, ele tinha essa sensação desde sempre e só percebeu isso quando escutou ela falar sobre. Ele tentou convence-la a largar Arthur, mas ela disse á ele que nada tinha a perder, que mesmo que Arthur a matasse novamente não faria diferença. Augusto queria falar frases motivacionais e palavras que certamente fariam Bela desistir disso, mas ao invés de fazer isso apenas mostrou á ela a imagem do julgamento de seu assassinato, onde Arthur a descrevia como louca, ele queria que Bela visse Arthur como o psicopata que ele era, mas o que ela viu na imagem que realmente a fez pensar não foi ouvir as palavras de Arthur, e sim o depoimento de Antônio relatando como ela era feliz e como sentiria sua falta.

Bela depois daquela conversa procurou sua mãe que estava sozinha em casa lendo quando a recebeu, as duas tiveram uma conversa sincera e resolveram se reaproximar. Bela contou a Arthur que iria se afastar dele através de uma ligação de celular assim que saiu da casa de sua mãe e quando estava ligando seu carro e saindo para rodovia, seu organismo entrou em colapso e ela morreu ali mesmo. Aparentemente a vida dos revividos tinha prazo de validade e quanto mais revivido se era, menor era este prazo. O carro de Bela acabou andando á esmo alguns metros e causou um acidente, seu corpo ficou irreconhecível, no seu velório só estava sua mãe e Augusto, que ficou encarregado pela Kaleidos de encobrir a verdadeira causa da morte dela, já que era impossível ela ser revivida de novo.

Arthur fez todos pensarem que Bela morreu porque iria expos segredos da Kaleidos e conseguiu convencer muitos que nunca matou ela, que tudo era um plano da empresa. Teresa passou a apoiar famílias de revividos que tinham algum trauma ligado a experiência, tentando falar com as famílias sobre seus próprios erros, para que os demais não os cometessem.

Augusto continuou vivendo sua mentira em sua casa luxuosa, enorme

e vazia e a empresa Kaleidos começou a receber algumas críticas por não curar os traumas da morte e a solução encontrada foi vender um pacote extra, mas caro com uma tecnologia avançada que apagava qualquer trauma. Tecnologia essa que depois passou a ser vendida de forma independente também e que sempre foi o objeto central de suas pesquisas, mas que a empresa esperou o momento para oferecer pelo preço certo á um grande mercado consumidor. Se consolidando assim como a maior empresa da indústria da vida, oferecendo curas de traumas definitivas, seja a morte ou a dor, tudo desde que esteja disposto a pagar o preço que vale.

# PAULO PERAZZOLI

Paulo Perazzoli é psicodélico, nonsense, prismático e às vezes pé no chão

Fale com o autor: [prperazzoli@gmail.com](mailto:prperazzoli@gmail.com)

## PONTE OU TRAPICHE?

Eu tinha saído com meus pais. Era um simples almoço com minha família em um restaurante e depois eu seguiria meu dia e eles seguiriam o dia deles. Eu acho que acabou sendo assim de qualquer forma, mas não foi do jeito que eu imaginava.

Andando em direção aos carros, no estacionamento, meu pai soltou um riso característico de quando achava algo muito engraçado e virou-se para mim com o celular na mão.

— Olha só isso!

Era um vídeo, percebi pelo movimento na tela do celular. Porém, antes mesmo de eu chegar próximo o suficiente para entender o que acontecia, fomos interrompidos.

— Passa o celular aí, doutô!

Foi tudo muito rápido. Meu pai levantou as mãos em sinal de rendição e isso me deixou paralisado. Ele nunca faria uma coisa dessas. Agora eu consigo perceber que ele também não teve tempo suficiente para pensar no que estava acontecendo e essa foi apenas uma primeira reação. Bom, para mim aquela reação era horrível. Meu pai se rendendo para um desconhecido, sem nem ver se o moleque estava armado, era a última coisa que eu esperava assistir na vida. E sabia que após roubar o celular do meu pai, o marginal passaria a ameaçar minha mãe. E depois eu. E sabe-se lá o que poderia acontecer depois. Eu só achei que uma reação rápida poderia desestabilizar o ladrão e então meu pai viraria o jogo e renderia o desgraçado.

Mas não foi bem assim.

— Eu tô armado! — Eu gritei, colocando a minha mão atrás das costas. Era uma simulação de cenas que vi muitas vezes em filmes e julguei que seria crível o suficiente.

E foi.

O ladrão respondeu virando na minha direção o revólver que trazia à mão. Tudo passou em câmera lenta e isso me ajudou a perceber a gravidade da situação. Aparentemente meu pai também se convenceu que o assaltante tinha uma arma, dada a expressão de desespero que formou em seu rosto. Eu havia acreditado que era só um moleque

fingindo estar armado para roubar celulares pelas ruas e, por isso, olhei para o meu pai neste momento, pedindo desculpas pela minha atitude estabanaada. E ao fundo, atrás da cabeça dos meus pais, vi algo que ainda não tinha percebido.

O ladrão não estava sozinho. Havia um comparsa se aproximando pelas costas da minha mãe, e esse novo elemento também portava uma pistola. Parecia apontar para mim, mas ainda havia meus progenitores na frente.

Eu sei de todos esses detalhes, pois paro agora para pensar em como tudo aconteceu e consigo rever toda a cena em uma câmera ainda mais lenta em minha cabeça.

O primeiro ladrão foi o primeiro a atirar. A bala veio em minha direção e eu pude ver o caminho percorrido por ela ao passar na minha frente. Sim, como no filme Matrix, clichê, mas é a forma que encontro para descrever esse momento. A bala do comparsa também seguia seu rumo em minha direção, mas errou feio. Devido ao ângulo do outro atirador, as linhas que eu podia observar, que representavam o caminho dos projéteis, se cruzaram. Foi nesse momento que tudo pareceu trincar, como se eu assistisse à cena por detrás de uma janela de vidro e os rastros dos projéteis fossem rachaduras nele. Era a realidade se partindo, dividindo seus pedaços ainda mais algumas vezes depois que o primeiro assaltante deu seu segundo tiro. O espaço que antes eu compartilhava com a minha família tornou-se uma porção de quadrantes que se afastavam uns dos outros. E eu estava sozinho no meu.

Quando acordei, o tempo já tinha a velocidade normal. Apenas o som da minha respiração mostrava que ela estava absurdamente acelerada. Olhei para um lado e para o outro e me dei conta de que não sabia onde estava. Cheguei a conclusão de que eu não estava dormindo, pois ninguém acorda de um pesadelo no meio da tarde em meio ao lugar que eu me encontrava. Eu sentia que o tempo tinha voltado ao normal, mas o espaço não.

Estava no topo de um morro. Eu podia ver uma grande cidade que se estendia morro abaixo e desaparecia no horizonte. No ponto mais fundo daquele vale os maiores prédios refletiam raios de sol em seus

vidros espelhados. Eu não tinha a menor ideia de onde estava, mas com certeza era bem longe da minha casa. Portanto, eu deveria ir até o centro daquela cidade e pegar algum veículo interestadual que me levasse de novo até minha família. Talvez os encontrasse pelo caminho. Como eles estavam, eu não sabia, mas a impressão que vinha carregada no ar róseo daquele espaço me dizia que eu não os encontraria nunca mais.

Sem celular, sem orelhões, sem mapas e sem capacidade de me comunicar com alguém. Meu maior medo era tentar dizer algo para uma pessoa e ela me considerar louco. Ou talvez descobrir que eu nem estava em minha terra natal e o idioma local fosse totalmente diferente. Por conta própria, descii a ladeira de paralelepípedos rodeada por casas simples. Alguns paralelepípedos eram mais escuros, outros brancos, e outros puxavam tons das mais variadas cores. Pareciam me mostrar um caminho, o caminho que naturalmente eu seguia: o caminho mais rápido para descer o morro.

Sentia que poderia fazer isso sozinho, por isso nem encarei as pessoas que cruzavam comigo. Queria evitar o contato, queria viver dentro da minha cabeça. Se tinha enlouquecido, que só eu soubesse. Ou que eu nunca soubesse. Só descobre a doença quem vai ao médico.

Mas me encontrei em um beco sem saída. Literalmente. Jurava que a ruela continuaria morro abaixo, tão íngreme que só descobriria quando chegasse ao horizonte, mas, na verdade, ela acabava na beira de um barranco. A vista era bonita lá de cima, mas o medo não deixou com que eu a aproveitasse. Meu plano anterior era apenas descer, e naquele momento eu precisaria recuar, retroceder, subir.

Assim que me virei, pude ver uma grande casa com um pequeno portão que dava para aquele beco. Por entre os vãos da grade observei que do outro lado daquele terreno existia uma rua, que continuava minha descida. Era o caminho que eu precisava alcançar.

— Tá perdido?

Dei um salto com a voz. Um pouco de susto e talvez um pouco de alegria por encontrar alguém que falasse meu idioma. Talvez eu não estava tão longe assim de casa. A garota de sorriso largo estava caminhando em direção àquele portãozinho e parou ao seu lado, esperando minha



resposta.

— Você mora aí? — Eu disse de forma abrupta e apontando meu indicador para o portão. Se tentei não parecer louco, falhei miseravelmente.

Ela abriu ainda mais seu sorriso e deixou escapar um ronco de porco. Tapou a boca com a mão, segurando o riso, e balançou a cabeça afirmativamente.

— Convida logo ele pra entrar, Vanessa!

Era outra moça, que veio logo atrás da amiga e parou ao seu lado, também a me encarar. Aquela, que agora eu sabia se chamar Vanessa, engoliu o riso e voltou a mostrar a larga boca em forma de lua crescente.

— Quer entrar?

Com uma feição ainda mais amalucada, acenei afirmativamente e me coloquei em direção às duas. Vanessa colocou a mão sobre a boca mais uma vez e segurou o riso. Sua amiga foi até o portão e o abriu.

— Vanessa e suas maluquices. Fica chamando esses desconhecidos pra dentro de casa. Tsc, tsc...

Elas passaram pelo portão e eu entrei logo atrás. A partir daquele momento tudo foi completamente diferente, pois fui engolido pela energia caótica daquele lugar. Era uma casa realmente grande, que depois fiquei sabendo ter vários quartos e alguns cômodos que poderiam funcionar como quartos adicionais, se fosse necessário. Um pensionato no meio daquele morro. Espaço para estudantes, trabalhadores, turistas e qualquer pessoa que quisesse economizar na moradia e conhecer outras pessoas. Tirando Vanessa e a amiga, a primeira pessoa que conheci foi o Marcão.

— É namoradinho novo ou só mais um amigo gay da Vanessa?

Ele estava de pé em meio ao pátio. Não sei como não o vira antes. Talvez devido à camiseta que usava ter a mesma cor da parede e a calça camuflada do exército que ele vestia estar na mesma altura das cercas vivas que rodeavam o pátio. Quando o percebi, pareceu-me que realmente a silhueta se destacou daquele cenário e que ele estava ali camuflado de propósito. Tinha os braços cruzados e mantinha uma postura que exalava alguma patente superior das forças armadas.

— Já tá interessado nele, Marcão? — Disse a amiga de Vanessa saindo novamente pelo portãozinho.

O homem ficou tão irritado a ponto de acabar com qualquer camuflagem naquele lugar. Com rapidez camaleônica, seu rosto ficou rubro e ele começou a gritar com a mulher que se afastava da casa:

— Não vem com tiraçãozinha de sarro, não! Você sabe que não gosto dessas coisas!

— Uiii... — Ela disse com deboche e sumiu atrás do muro. Foi a última vez que a vi naquele lugar.

— Se eu te pegar, vou te arrebentar, sua vagabunda! — Marcão gritou uma última vez, mas ninguém pôde ver qual foi a reação dela.

Enquanto eu observava com assombro essa cena se desenrolando na minha frente, quatro outros rapazes surgiram de dentro da casa, provavelmente atraídos pela gritaria do pátio. O que estava na frente deles chegou dizendo:

— Ih, Marcão! Fala, fala e não faz nada. Esperando o dia em que vai cumprir com a palavra.

O homem se aproximou de Marcão. Era pelo menos vinte centímetros mais baixo que ele e mesmo assim encarou aquele de postura militar, colocando o dedo indicador em seu peito.

— Tem que ser firme com essas mulheres, cara. Não pode deixar elas te tratarem assim, ou vai tá lambendo as botas delas em breve!

— Cala a boca, Billy!

Billy virou a cabeça para mim de forma mecânica, me encarou e, ainda com o dedo apontado no peito de Marcão, me perguntou:

— Você não acha, magrão? Não acha que tem que tratar como elas merecem? Como umas...

— Acho que elas têm que ser tratadas como se fossem nossas mães. Nossos pais... Com respeito.

Não sei se essa frase soou com grosseria, mas Billy foi abaixando lentamente a mão do peito de Marcão e caminhou na minha direção.

— Está tentando me dar uma aula, professor? Qual é seu nome?

Eu disse.

— Não é, não! — Billy respondeu. — Agora você é o professor. É o nosso professor! Ensina alguma coisa aí pra gente.

Percebi que mais pessoas saíam de dentro da casa. A conversa ali fora estava chamando atenção dos moradores. Um grupo de três mulheres vinha a frente, de braços enganchados, e mais algumas pessoas solitárias as seguiam. Billy olhou-as com desdém.

— Ihhh, lá vem as Maria-fifi. Depois você ensina umas coisas pra gente. O lado masculino da pensão é à direita da escada. — Ele deve ter percebido minha expressão de estranheza com a forma que aquela casa era dividida em gêneros. — Sabe, aqui precisamos deixar as mulheres de um lado e os homens do outro. Pra não dar B.O., sabe?

Fingi que concordei. Não gostei de Billy e não queria continuar de papo com ele. Porém, o dia foi passando e descobri que ele não era de todo ruim, e que talvez aquela imagem que ele passava era só uma máscara que usava para esconder sentimentos que deveriam ser tratados em sessões de terapia. Mas ele preferia enterrar.

Eu só queria atravessar aquele terreno para chegar até a outra rua, mas fui abduzido por uma infinidade de histórias de vida das várias pessoas que moravam naquele lugar e reuniram-se no pátio naquela tarde. Me chamavam de professor, mesmo eu não falando quase nada. Bom, realmente parecia uma daquelas salas de aula em que os alunos tomam conta. Porém, ali, cada um tinha seu tempo para contar seus causos enquanto os outros respeitavam com silêncio. Passei a tarde toda naquele lugar, mas segundo a minha percepção foi uma vida toda. Conheci profundamente cada um deles e me afeiçoei a todos, inclusive os mais insuportáveis, tanto que posso descrever a vida de alguns deles em apenas uma frase. Maria, a mão de anjo. Douglas, o antivac. Miro, Claudiomiro. Matheus, comentarista assíduo de sites pornô. Cláudia, se considera a única sã no meio de um mundo doente. E por aí vai...

Quando disse que me pareceu passar uma vida toda com aquelas pessoas, eu não estava exagerando. Afeiçoei-me a elas e senti fazer parte do grupo. Elas se abriram para mim de uma forma que a maioria das pessoas não faz nem com o cônjuge. Ali todos confiavam uns nos outros e contavam as ocasiões mais vergonhosas ou vis que haviam participado. Tornei-me o professor e, quando percebi, me identificava com vários dos atos citados por cada um deles. Enquanto tinha esse lampejo de consciência, dei-me conta de que estava anoitecendo e eu

inda não havia atravessado o terreno. Com muita dificuldade fui me despedindo deles, um a um, e eles, também um a um, voltavam a ficar entre mim e o portão assim que eu me despedia. Imaginei tendo que atravessar por cima daquele mar de gente para sair de lá, mas subitamente o povaréu se dividiu, abrindo um corredor à minha frente como se eu tivesse socado um cajado mágico no chão. E bem no meio do mar aberto estava Vanessa.

Foi tanta informação em pouco tempo que eu nem percebi que Vanessa já não estava entre nós desde a hora em que as primeiras pessoas se reuniram à minha volta. Agora, ela me encarava trazendo uma expressão preocupada no rosto.

— Você vai embora?

Balancei a cabeça em afirmação e decidi falar algo para ver se calava o silêncio intempestuoso que tomou conta daquele momento eterno.

— Eu preciso seguir meu caminho.

Ainda com expressão assustada, ela correu em minha direção, abriu os braços quando estava a três passos de mim e fechou os olhos. Eu não sei se foi a sua velocidade acima do normal ou se foi a boca formando um bico de quem iria dar um beijo que me surpreenderam e me fizeram recuar meio passo. Vanessa percebeu. Ela travou com o rosto a um palmo do meu, tão repentinamente quanto havia disparado. Voltou a me olhar com preocupação e disse meio sem graça:

— Ah... É... é melhor mesmo evitar... Senão dá B.O.

Ela olhou ligeiramente para cima quando disse a última frase, na direção de alguma das janelas do segundo andar da casa. Senti que o responsável por avaliar o que dava B.O., ou não, estava recolhido esperando somente o momento que o problema chegasse até sua mão. É como se uma idosa conservadora fosse a dona da pensão e não permitisse vínculos amorosos dentro do seu recinto. Uma abelha rainha cuidando da sua casta.

Decidi não me aprofundar neste assunto e não lhe perguntei mais nada. Talvez esse fosse o motivo para o meu apelido ter pegado naquele lugar: eu não perguntava nada, apenas concordava com o que me diziam, como se já soubesse de tudo. Eles sequer imaginavam que não era conhecimento que eu guardava, mas puro orgulho. Não queria

demonstrar ser mais ignorante do que eles. Dessa forma, apenas concordei com Vanessa mais uma vez com um aceno de cabeça e caminhei pelo corredor de pessoas em direção ao portão. Quando virei para fechá-lo, levantei a mão dando um leve “tchau, até logo” que não me foi respondido. Todos me encaravam com rostos sérios e bizarramente julgadores.

Eu andei. Andei por não sei quanto tempo apenas pensando naquelas pessoas. Não encontrei mais ninguém pelo caminho, nem prestei atenção se eu continuava a descer o morro. Somente caminhei e pensei na vida sofrida de cada um deles. Por vezes me vitimizava como o órfão, pois tinha a certeza de que nunca mais encontraria meus pais, mas alguns daqueles que conversaram comigo na casa nunca chegaram a ver os próprios progenitores nenhuma vez na vida. Eu cheguei à praia.

Ouvi o som das ondas ao mesmo tempo em que senti a brisa vinda do mar. Era noite e a única coisa que se destacava naquela escuridão era uma pedra branca em formato de trapiche. Subi seus degraus enquanto pensava se eu tinha alguma ideia do que estava fazendo.

Assim como uma onda que se levanta do mar sempre volta ao mar, tem casos que uma ocasião nos coloca de novo nos trilhos. Em outros, são pessoas. Geralmente são pessoas criando as ocasiões e isso combate a nossa inércia, foca nossa energia em um novo ponto e escapamos da atração que o buraco negro da insegurança e do medo nos impõe. Sabia que cada degrau daquela escada de pedra branca era um medo ou conceito que eu deixava para trás por causa daquelas pessoas que conheci. Apenas fui surpreendido quando cheguei no longo caminho reto que a pedra fazia em direção ao som marítimo e encontrei uma daquelas pessoas, Maria, bem no meio do caminho, molhada, e com os braços amputados logo acima dos cotovelos.

— Vai dar B.O. — Ela me disse, sem se importar em não ter os antebraços.

Desviei dela. Acreditava ter deixado todos os medos para trás quando subi o último degrau, mas sempre surgem novos ou resgatamos os antigos da lixeira. Não olhei para trás, que meu medo ficasse com ela. Que viessem novos para eu poder deixá-los para trás, uma escada gigantesca que ultrapassasse as nuvens e me obrigasse a pisar em todos

os medos, para que quando eu chegasse lá em cima já tivesse superado o medo da altura e apreciasse a vista do mundo todo em toda a sua plenitude, sem nenhum véu entre ele e meus olhos.

Mas não teve escada. Teve a amiga de Vanessa, a mulher que eu nunca mais vi e que não cheguei a perguntar o nome. Me observava com olhar julgador, logo ao lado de uma das bordas da ponte de pedra. Não a encarei, fiquei com vergonha, abaixei a cabeça sentindo um peso tonelável dobrando meu pescoço e segui caminho. Essa foi a última vez que a vi.

Algumas árvores escuras surgiram ao longo da ponte, de ambos os lados. Árvores de mangue, galhos finos e retorcidos, com poucas folhas. Conforme eu caminhava, elas se tornavam mais frondosas e fechavam a visão que eu tinha do céu. Tornou-se uma alameda, a alameda da pedra branca. Era tudo mais escuro ainda, mas o chão de pedra branca ainda reluzia. Eu sabia que por debaixo dela o mar ainda passava, pois ouvia seus rugidos.

Repentinamente abriu-se uma clareira no caminho. As árvores se afastaram e isso deixou um pouco de luz entrar. Vi que embaixo do caminho que eu seguia, uma pedra circular mantinha-se rente ao mar. Um pouco de água escorria sobre ela a cada vez que uma onda invadia seu terreno, assim como uma onda de sentimentos invadiu meu corpo quando percebi o que acontecia nessa pedra, logo abaixo dos meus pés. Todos os homens que eu havia conhecido na casa estavam nus, pelados, sem nenhuma indicação de que já haviam usado roupa na vida. Uns se esfregavam, outros transavam em grupo e outros só assistiam enquanto se masturbavam. Em cima de uma pedra tão perfeitamente circular sobre o mar, aquela cena parecia um ritual. Um ritual que só os homens podiam participar, ritual da ala masculina da pensão em que moravam, proibido para mulheres. Olhei em frente, desejando sair daquele lugar. Talvez o ritual em questão atraísse a minha energia masculina até ele e eu me perderia para sempre entre os homens que não dividem suas vidas com quem é de fora do grupo. Eu queria conhecer mais, eu necessito sempre conhecer mais!

As árvores voltaram a se fechar em torno do caminho de pedra branca e eu segui a trilha que restou. Podia estar cansado, mas já havia

caminhado tanto que não era aceitável voltar. Imaginando a situação que estariam meus pés, eu vi um par deles, descalço e flutuando em meio às árvores, debaixo de um dos galhos mais grossos. Não eram pés como os meus, eram os pés de Vanessa. Como eu sabia? Nunca soube dizer, mas senti a energia dela naqueles dois membros. Eles balançavam ligeiramente, como um pêndulo, e isso me assustou. Tic, tac, tic, tac... Balançavam como se uma corda os segurasse, lá em cima, presa no pescoço da garota. Não quis olhar. Se ela quis tirar própria vida, a escolha é unicamente dela e eu respeito, mas eu não preciso ver. Não, não preciso.

Tendo visto ou não, aquilo impactou mais do que todas as cenas que ignorei antes. Se pudesse tirar a cena dos pés dela balançando na minha mente, eu a arrancaria com minhas próprias mãos. Sentia o coração pesado e, ao mesmo tempo, martelando como um bumbo. A garganta fechou de tal forma que o ar não passava pela traqueia e só consegui voltar a respirar quando a brisa do mar me atingiu e pude ver o fim do caminho. As árvores diminuía gradativamente conforme eu avançava e chegava até a escada no final do trapiche.

Eu não estava sozinho. Sentia a presença horrível e balançante de Vanessa às minhas costas, sim, mas havia alguém lá embaixo, na base da escada. Na metade da descida, reconheci a voz, ainda antes de entender o que ela fazia. Mais alguns degraus abaixo e percebi que Cláudia rolava seminua em uma poça de água formada na areia logo em frente ao último degrau da pedra branca. Rolava e gargalhava, levantava e se abraçava, uma ação repetitiva que me fazia pensar que alguém lhe fazia cócegas e ela tentava resistir. Se fosse isso, sabia que ela cometia um erro. É muito pior tentar reprimir um riso ou gargalhada. Se é incitada por cócegas, o riso sai ainda mais explosivo quando arromba a boca e o nariz, levando perdigotos para fora do corpo e alimentando ainda mais o frenesi. Era estranho ver Cláudia daquela forma, após tê-la conhecida tão séria e retraída na pensão. Possuído por curiosidade, ela foi a única pessoa que encarei desde que subi na pedra. Eu já estava na areia, mas ainda precisava me aproximar mais para entender do que ela ria, o que a fazia gargalhar. Cheguei mais perto, ela me olhava e olhava por sobre minha cabeça, para o céu, para o

lugar que eu viera, e então me olhava de novo. Não sei em qual das posições que seus olhos focavam que a faziam rir mais, mas tinha diferenças. Às vezes parecia rir de mim, às vezes de um anjo flutuando sobre minha cabeça, e às vezes só gritava e se chacoalhava como uma lagartixa sendo eletrocutada.

Pensei em perguntar o que acontecia, mas toda vez que abria a boca para falar algo, ela gargalhava ainda mais alto. Olhava para o céu e explodia em risadas. Voltava a olhar para mim, rindo sem parar. Percebi que seus olhos queriam me dizer algo, algo que não era possível para ela colocar em palavras. Parecia bonito, e eu confiei.

“Veja a lua” eles diziam.

E eu olhei. Virei-me para trás e mirei o olhar no céu. Não precisei procurar muito, pois ela dominava quase metade da escuridão celestial, ofuscando qualquer estrela ou planeta que decidisse se mostrar aos seres humanos naquela noite. Uma lua completamente redonda, tão cheia como se nenhuma penumbra da Terra a tivesse tocado em todo o sempre. Era linda e só tinha parte da sua aparição tapada pelas poucas árvores que rodeavam o início do caminho de pedra. E também por Vanessa, pendurada em um grosso galho de uma delas.

Seu corpo balançava à luz forte da maior lua cheia já vista. Os dois extremos do pano branco que ela usou para fazer um balanço estavam bem presos ao galho e ela os segurava com delicadeza. Não olhava para mim, e sim para a lua. Ela poderia estar olhando para a lua e para mim em simultâneo, nós dois nos balançando no tecido; mas de forma estúpida eu havia me precipitado e fugido antes de perceber o que poderia aproveitar. Isso em cada ocasião que passei pela pedra, isso em cada ocasião da vida. Se eu ainda veria meus pais, era uma incógnita que eu deveria encarar, mas naquele momento não. Queria só observar a beleza de Vanessa se balançando sob o luar.

Quando decidi retornar, a oportunidade já havia passado. Estava morta.



# ANDERSON ALMEIDA NOGUEIRA

Anderson Almeida Nogueira nasceu em Magé/RJ em 26/12/1966, é morador de Cachoeiras de Macacu/RJ. Autor independente tem seis livros publicados. Os estilos de suas publicações são variados, indo do cotidiano ao técnico; do biográfico à ficção, preferindo as modalidades de conto e crônica. Utiliza, além da escrita, fotografias de sua autoria e imagens de domínio público para ilustrar suas obras. É Presidente da Academia Cachoeirense de Letras desde 2018, onde ocupa a Cadeira de nº 18. Seu conto “Vazio” foi publicado na Revista Innombrable de Medellín, na Colômbia em 2020 com título em espanhol (Vacío).

Fale com o autor: [andersonnogueira2612@gmail.com](mailto:andersonnogueira2612@gmail.com)

## O TRANSPLANTE

A população de Alcobaça, aquele pequeno país do leste europeu ficou assombrada com a notícia divulgada pela imprensa com grande alarde: os jornais impressos estampavam na primeira página; a narrativa dos programas das rádios locais, fossem as populares, as mais eruditas ou da rádio oficial do governo, a “A Voz de Alcobaça”; os canais de televisão anunciavam a cobertura nos principais telejornais, inclusive o “Alcobaça Urgente”, do apresentador sensacionalista Mantena, um leitão piau que apresentava seu programa aos berros.

Alcobaça era uma nação de território acanhado e com qualidade de vida acima da média mundial. Sua população, formada por suínos de várias espécies, tinha educação e saúde de qualidade e gratuitos para todos. Os porquinhos entravam na escola ainda muito novos, mesmo antes de desmamarem das leitoas-mãe. Aliás, as mães suínas não precisavam trabalhar até que seus filhotes largassem as tetas; nas escolas havia salas de amamentação coletivas, que exibiam programas educativos e aconselhamento profissional nos próprios lares como forma de incentivar a economia familiar, com a produção inicial fomentada pelo governo federal alcobaçano. Era um país progressista e pacífico, que não conhecia conflitos internos e nem externos.

Todos os porcos, na idade adulta podiam cursar a faculdade que quisessem, todas gratuitas, mantidas pelo governo com a ajuda dos grandes porcos empresários, que absorviam a mão de obra formada, afinal, com a economia crescendo acima da média mundial, emprego não faltava no país. Nenhum porco precisava pagar plano de saúde afinal, como tudo mais, o Sistema Único de Saúde Suína (SUSS) funcionava perfeitamente, sendo modelo para os demais países do mundo, tendo o Programa de Saúde Suína da Família (PSSF) sido, inclusive, copiado por nações socialistas e capitalistas.

Mas a grande notícia precisava ser dada, a maior conquista dos porcos cientistas da Faculdade de Veterinária de São Longuinho, aquela que seria a salvação de um dos maiores males da vida agitada da população de porcos, provocada pelo estresse, pela vida agitada, pelo sedentarismo – as doenças do coração. Sim, o órgão mais importante

do organismo suíno sentia o peso do progresso, fazendo com que as mortes de porcos pelos males coronários aumentassem a cada ano. Em contraponto, as doações de coração suíno eram cada vez mais escassos, resultado da expectativa de vida cada vez maior, os porcos morriam cada vez mais velhos e com isso seus corações não serviam em porcos jovens. Mas a solução foi descoberta e seria anunciada em rede nacional pelo Presidente de Alcobaça junto com a equipe responsável pela conquista:

“Alcobaçanas e alcobaçanos”, começou o presidente Orpiano Pata Negra, “junto com a equipe do doutor Abílio Queixada tenho a satisfação de anunciar o primeiro transplante de coração de um ser humano para um porco!”, disse, ao mesmo tempo em que punha a maior comenda do país, a Ordem do Javali Branco, no peito do médico-veterinário.

A população ficou em êxtase sem saber direito como seria isso, afinal “colocar o coração de uma raça inferior como os humanos em um porco” seria mesmo viável – e ético? Seres humanos eram tidos como uma raça inferior, seres feitos para trabalhos e que viviam em pequenas aldeias rurais nas montanhas do país. De origem selvagem, também chamados genericamente de homens, eles foram domesticados pelos suínos há muito tempo.

Logo a novidade científica tomou conta dos debates em toda Alcobaça. Grupos contra e a favor dos transplantes de coração entre seres tão diferentes surgiram em todos os pontos do país. A discussão sobre a ética da cirurgia movimentou religiosos, cientistas, políticos, educadores...

“É contra as leis do Criador!”, bradou o líder da Igreja Leitoniana. “Os suínos estão querendo brincar de ser o Grande Leitão Barbudo!”, gritou a plenos pulmões o líder da Comunidade Universal, no seu canal de tv.

Políticos de oposição ao presidente Pata Negra prometeram apresentar um projeto de lei contra a realização “desse tipo de intervenção que poderia ferir a pureza moral e intelectual dos suínos natos!”, como discursou o senador Telêmaco Duroc, do Partido do Presunto Liberal (PPL). Mas o que causou maior preocupação foi o

debate entre cientistas de diversas especialidades, como falou o doutor Caruncho: “Já sabemos, caros colegas porcos-médicos-veterinários, que a ciência já descobriu que o coração é que dita a inteligência, o caráter e os sentimentos dos suínos e não o cérebro como nossos ancestrais acreditavam”. E continuou: “Como podemos saber o que o coração dessa raça inferior vai interferir no nosso paciente, será que ele não terá desvios de personalidade?” A plateia, composta por veterinários e professores fez um “oooh!”, e o debate seguiu acalorado e incompreensível dada a falação que se seguiu.

O presidente Orpiano Pata Negra, novamente em companhia do doutor Abílio Queixada, fez novo pronunciamento em rede nacional: “Alcobaças e alcobaçanos, o momento é de tomar uma decisão importante para o futuro da nossa população. A discussão é necessária e saudável, mas a ciência deve falar mais alto – é preciso cuidar das vidas suínas. Porcos de toda Alcobaça serão salvos depois dessa operação revolucionária. O nosso renomado doutor Queixada, que nesse momento nomeio Ministro da Saúde Suína, me convenceu de que vale a pena continuar com o Programa de Transplante Entre Suínos & Humanos (PTESH)”. Batendo com a pata escura na mesa, encerrou a questão como se um juiz fosse.

O transplante foi realizado no Hospital Pork’s Dor, a cirurgia, que teve duração de 8 horas, mobilizou uma equipe de 12 cirurgiões-veterinários e foi considerada um sucesso absoluto. “Porcos e humanos têm organismos geneticamente muito parecidos”, disse o doutor Queixada, “a possibilidade de rejeição é praticamente nula”.

Os dias que seguiram foram de êxito e uma certa preocupação. Êxito pela rápida recuperação do transplantado, um javali de meia idade que teve alta com uma semana de operado; a preocupação ficou por conta da mudança de comportamento do porco: antes um suíno de poucas palavras, fala mansa e gentil dera lugar ao um animal falante pelos cotovelos, que interrompia os interlocutores e tentava impor suas ideias a todo custo. “É só uma mudança repentina, vai passar”, dizia o cirurgião, e completava só para si, “assim espero”.

O transplantado Boris Javali passou a criar problemas com tudo: promoveu conflitos em todos os setores da empresa em que trabalhava;

fazia um leva-e-traz entre os colegas com fofocas e se saía como bonzinho; arrumou confusão com vizinhos; passou a dirigir seu carro em alta velocidade, não respeitando placas e faixas de pedestres, se era proibido estacionar simplesmente acionava o pisca-alerta e deixava o possante lá com o som ligado a todo volume; estava tão mudado que nem roncava mais ao dormir (coisa impensável para um porco). Pior, pessoa conhecida e influente que sempre foi, passou a influenciar os porcos que conviviam com ele, não era difícil encontrar suínos com desvios de comportamento que nunca antes na história de Alcobaça se viu. Sua arrogância e devaneios não tinha limites.

“Vou me lançar candidato à presidência da República de Alcobaça!” Boris fundou seu próprio partido, a Aliança Revolucionária Suína (ARS), e lançou suas ideias em comícios e programas de tv na sua própria emissora, comprada com o dinheiro que arrecadou dos porcos fiéis da seita que fundou depois de transplantado, a “Congregação dos Suínos Evoluídos Que Têm Lugar Garantido No Céu”.

Sua campanha arrebanhava cada vez mais adeptos, o que começou a preocupar os porcos tradicionais; “Nosso país é pequeno, temos que avançar nas fronteiras e dominar a região. Vamos invadir os países dos caprinos, dos muares e dos bovinos”, bradava, “fundaremos a União das Repúblicas Socialistas Suínas (URSS), e faremos as outras raças trabalharemos pra nós. Quem se opuser vai para os campos de trabalho forçado!” “Vamos elevar o preço da ração para financiar nosso exército”, “todos os livros, letras de música e programas de tv deverão ser aprovados antes de se tornarem conhecidos, não podemos deixar que baderneiros coloque minhocas nas cabeças dos nossos porquinhos”. Convincente, Boris Javali era o líder nas pesquisas de intenção de votos faltando quinze dias para a eleição.

Doutor Queixada estava deprimido com o que fizera, se achava culpado, afinal, depois do transplante que realizara a personalidade do porco se transformara. Tinha que admitir que não dera ouvidos a opiniões contrárias. Sim, a culpa era sua pela derrocada da sociedade alcobacense, uma nação que sempre foi considerada um exemplo mundial. Era preciso fazer algo para reparar o erro.

“Senhor Boris Javali, aqui é o doutor Abílio Queixada, seu

cirurgião. Já fazem cinco anos do seu transplante e é chegada a hora da última revisão”. “Mas doutor, não podemos deixar pra lá, não sinto nada, estou forte como um javaporco!”, falou, “E tem mais, não posso perder tempo com essas bobagens, a cadeira de presidente de Alcobaça me espera!”

“Entendo senhor Javali”, disse o veterinário Queixada, “mas é preciso cumprir com todo o protocolo. E tenha certeza, essa será a revisão derradeira, não o incomodarei mais com isso, prometo”. “Ok, ok, estou indo”, impaciente, o arrogante paciente bufou.

“Seja breve, doutor”, ordenou o Javali com expressão entre o irritado e enfadonho. “Serei, pode ter certeza, senhor”, disse o médico-veterinário enquanto conectava eletrodos no peito do suíno, “vou lhe aplicar uma injeção de contraste para avaliar a circulação”. “Que não doa!”, bradou o javali.

Virando-se para a bancada o doutor Queixada tinha na bandeja à sua frente duas seringas: a da direita com o contraste para aplicar na veia do arrogante porco transplantado; na seringa da esquerda um poderoso veneno que, uma vez aplicado na veia da sua desastrosa criação, interromperia a saga de degradação da sociedade suína de Alcobaça. As patas do porco queixada tremeram. Por um instante lembrou-se do juramento que fez na faculdade, de salvar vidas; mais um instante e pensou no que poderia ter evitado se ouvisse os colegas cientistas. Não dava mais para adiar, tinha que tomar uma atitude.

Cinco dias se passaram desde a última revisão do primeiro transplante de coração de um humano para um porco. A eleição presidencial foi realizada. Com grande diferença de votos o candidato da extrema direita Boris Javali derrotou o democrata Pandolfo Capivara. “Cabeça de porco e coração de homem: o que o futuro reserva para Alcobaça?”, estampava o principal jornal do país.

No Hospital Pork’s Dor todos estranharam o sumiço do doutor Abílio Queixada. O detetive James Cateto foi acionado e depois de uma breve investigação deu a triste notícia: “O doutor Abílio Queixada foi encontrado sem vida no seu consultório. Ele cometeu suicídio

injetando veneno com uma seringa na veia. Junto ao corpo foi encontrado um bilhete com um pedido de desculpas aos porcos de toda Alcobaça”.

# RAFAEL BERTOZZO DUARTE

Rafael veio à luz em Porto Alegre em 1970. Aprendeu a ler e escrever sozinho aos quatro anos de idade, com a ajuda de histórias em quadrinhos e programas de TV. Teve sempre em família o estímulo para se tornar um bom leitor. Sua mãe é uma devoradora de livros, seu avô o presenteou com sua primeira revista de palavras-cruzadas, e seu pai o influenciou na linguagem didática e na visão crítica de suas leituras.

Apesar de ter se formado engenheiro aeronáutico, nunca deixou de se relacionar com os livros. Continuou a ler muito, descobrir novos gêneros literários e, claro, escrever. Sua praia é a ficção científica e a fantasia, e o que escreve leva-nos a mundos espetaculares.

Em busca de novos horizontes, resolveu cursar letras e acabou descobrindo também a paixão por ensinar. Hoje, além de escrever, leciona Língua Portuguesa, atua como corretor de redações e presta serviços literários como revisão, diagramação, confecção de capas e de booktrailers. Visite [www.oficinadoescritor.com](http://www.oficinadoescritor.com).

Fale com o autor: [rafaelbduarte@gmail.com](mailto:rafaelbduarte@gmail.com)



## OS LIMPA OSSOS

### Primeiras manchetes

Meteoro viajou a 43,7 mil km/h e foi visto em MG, SP, GO e DF (UOL)  
Astrônomos amadores caçam partes de meteorito que caiu em Minas Gerais (Extra) Vídeo: Mineiro viraliza após lavar suposto meteorito que caiu em Minas (O Tempo)

A verdade é que ninguém chegou verdadeiramente a achar qualquer fragmento do meteoro.

Segundo os noticiários, o bólido caiu entre os municípios de Perdizes e Araxá. Não faltaram curiosos e caçadores de recompensa em busca de qualquer pedra que se parecesse minimamente com algo extraterrestre.

### Primeiro avistamento

Um homem entra no bar e pede uma dose de cachaça. São oito e meia da manhã, e apesar de estar maltrapilho, ele não parece embriagado... ainda.

O bartender serve a dose num pequeno copo americano e puxa conversa: — O senhor parece preocupado. Parece que viu um fantasma.

— Pior. Muito pior.

— Viu o quê, então? Sua ex-esposa? — brinca o atendente.

— Quem me dera.

— Uai! Então o troço é grave, sô.

— E não é? Olha. Eu não sei o que era aquilo, mas eu só estou vivo por pura sorte, viu? — Então conta, homem. O que foi que você viu?

— Olha. Ontem à noite eu tinha saído de uma festa na casa de um amigo e queria voltar prum hotelzinho onde eu tinha alugado um quarto. Eu devia ter andado umas três quadras, mas como tinha bebido um pouquinho a mais do que devia, não sei se estava indo na direção certa. Nessa hora eu estava passando na frente da igreja e ouvi um barulho esquisito. Parecia um cacarejo, mas vindo de uma televisão mal sintonizada, porque era acompanhada de um chiado, sabe? Desses de TV fora do ar.

— Sei.

— Então. Estava escuro, mas a Lua minguante até que alumiaava bem a

rua. Como o tempo estava bom, eu olhei pra trás e vi uma galinha fugindo de um tapete.

— Fugindo de quê?

— Olha. O trem parecia um tapete. Era algo escuro que se arrastava no chão. E andava rápido. Parecia ter uns dois dedos de grossura e andava ligeiro, tanto que alcançou a galinha. Quando pegou no pé da bicha, ela parece que desapareceu debaixo daquilo e não cacarejou mais. Então parece que o tapete se enrolou nela e rapidinho voltou a andar, passando pela rua em frente à igreja. E eu estava ali, bem no alto da escadaria, onde eu tinha subido pra ver se eu não tinha errado o caminho.

— Peraí. Que igreja era?

— A Matriz. Acho que é a única que tem por lá.

— A Capela Nossa Senhora Aparecida? Fica aqui pertinho.

— Não. Eu estava em Zelândia.

— Ah, tá! Continua.

— Então. Aquele trem, o tal tapete, continuou pela rua chiando e eu exclamei comigo mesmo bem baixinho: “Uai”. Aí o tapete parou. Bem em frente da igreja. Parou e não chiava mais. Então eu fiquei bem quieto. Segurei até a respiração. Aquilo continuava parado, ali. Acho que estava me olhando. Deve ter sido só por alguns segundos, mas pareceu uma vida. Aí ele começou a andar de novo pela estrada e foi embora. Eu fiquei ali quietinho por mais um tempão só olhando pra ver se o tapete não voltava. Quando percebi que já estava bem longe eu descí as escadas e fui ver o que tinha na rua.

— E o que tinha lá? — perguntou o barman, enquanto o viajante entornava sua cachaça e pedia mais uma. A essa altura já tinha mais uns cinco frequentadores do bar ao redor escutando a história.

— Achei o esqueleto da galinha.

Fez-se um silêncio, até que alguém perguntou:

— O tapete comeu ela?

— Acho que foi — respondeu o homem. — Não sobrou nada nos ossos; nem uma cartilagem, nem uma pena, nem a pele dos pés. Era um esqueletinho bem limpo, sem nada de carne nele. Eu fiquei apavorado. Então pensei: “eu que não vou mais praquele lado. Vou pro lado de cá.

Se o hotel fica pra lá, azar. Vou é embora daqui, já!” Aí comecei a andar, cheguei na estrada e fui andando até dar aqui.

— Você veio andando de Zelândia até aqui? — perguntou alguém. — Ah, para, ô. — Olha. Ainda não era nem meia noite... ou era. Mas eu fiquei andando até amanhecer. Acabei de chegar, vi o bar aberto e pensei: “Ara, eu preciso beber alguma coisa.” Então entrei. E aqui estou eu!

— Ah! Que lorota!

— Olha. Se vocês não querem acreditar, paciência. Não estou vendendo a história, dei de graça. Se quiserem jogar fora, fiquem à vontade, sô. Só sei que praquele lado eu não vou mais, e se eu fosse vocês também não ia. Vou seguir praquele lado lá, que é mais seguro. Esse trem seca os ossos dos bichos, e eu não quero ser um esqueletinho largado na estrada.

O grupinho se dispersou. Alguns voltaram para suas mesas a fim de tomar seus pingados com pão antes de irem pro trabalho. Um deles ofereceu carona de moto pro homem: — Pra que lado você vai? — perguntou ele antes de aceitar.

— Eu vou pra lá, olha. Trabalho no pedágio da rodovia. Lá o senhor pode pedir carona pra algum caminhoneiro.

— Eita. Então vamos, sô. Obrigado, amigo.

Nunca mais se ouviu falar do tal homem, e ele nunca mais voltou para aquelas bandas.

Nasceu a lenda

Mais notícias começaram a surgir depois de algum tempo.

Fazendeiros encontram gado devorado no pasto.

O mistério das galinhas devoradas até os ossos.

Foi depois de uma entrevista para um noticiário local que o misterioso tapete ganhou um nome.

— Estamos aqui no município de Pedrinópolis onde um fazendeiro relata um estranho ataque a seus animais — começou o repórter. — O senhor poderia descrever o ocorrido? — Olha. O engraçado é que se salvaram só os animais que estavam no pasto. — O fazendeiro soluçava ao falar. — Não sei que bicho comeu meu Genésio, o garanhão reprodutor. Era meu melhor animal, cuidei dele desde pequeninho. Eu... Eu amava... Sabe, moço? Eu amava aquele cavalo! Sobraram só os

ossos do meu Genésio. Coitado. Ele estava no estábulo, porque eu ia levar ele pra cobrir a égua do nhô Dorival, lá de Nova Ponte. Se eu soubesse que esse Limpa Ossos ia atacar...

— Limpa ossos?

— É o nome que estão dando pro bicho aqui na região. Ele come toda a carne e deixa só os ossos. Não sobra nem pelo e nem marca de sangue. Não sei como consegue...

— Obrigado senhor — interrompeu o repórter. — Eu sou Adamastor Natal, e essa foi a notícia em primeira mão sobre o predador misterioso que chamam de Limpa Ossos, diretamente para o Bom Dia Uberaba. É com você, José Carlos.

Enquanto rolava a música tema do noticiário, as imagens exibiam a ossada branquinha do premiado Genésio.

O Exército entra em cena

Sem alertar a população, uma equipe governamental se embrenhava pela Serra da Canastra, equipada com certos armamentos incomuns. A operação não foi divulgada a ninguém, mantida em sigilo pela segurança nacional.

Seguindo os rastros das ossadas de tatus, jaguatiricas e outros animais vitimados pelo Limpa Ossos, homens portando lançadores de redes, armas de choque, pistolas e até metralhadoras avançavam lentamente pelos terrenos pedregosos e de vegetação densa mata adentro. Não era possível andar depressa naquele terreno acidentado.

— Capitão — disse uma voz no rádio. — Há um barulho estranho deste lado. — Estranho como, Tenente? — perguntou o Capitão que liderava um outro destacamento mais à frente.

— É um chiado, como a estática do rádio.

— Você não deixou seu canal aberto, não?

— Não capitão. É ligeiramente diferente e está vindo do córrego ao norte. — Estamos voltando. Mantenha contato se algo mudar. Não saiam de onde estão. — Positivo, Capitão.

Após desligar o rádio e prendê-lo novamente à cintura, o Capitão convocou seu destacamento a retornar por onde vieram para se encontrarem com o outro grupo. Eles nunca chegaram lá. O destacamento que ouviu o estranho barulho retornou ao acampamento

com três sacos que usaram para recolher o que restou do Capitão e seus homens: ossos, roupas e equipamentos, perfeitamente intocados, como se eles tivessem simplesmente se desintegrado.

### Ajuda tecnológica

Uma segunda expedição foi designada. Dessa vez contavam com a orientação de um recurso adicional. A penetração na mata seria feita por drone, para evitar novas baixas. O Limpa Ossos movia-se para o noroeste e já cruzara a fronteira de Goiás. Certamente o encontrariam em algum lugar nas proximidades de Itumbiara. O terreno acidentado não era problema para o drone, mas a mata densa sim. Ele era grande e carregava uma câmera de altíssima resolução, equipada com potente zoom óptico. Infelizmente o ruído dos motores elétricos do equipamento não permitia que uma identificação sonora fosse feita a fim de seguir o ruído característico do misterioso ser. A única opção era seguir o rastro das ossadas de pequenos animais deixado pelo caminho percorrido.

O que assustava mais era a insaciedade da coisa. Quando um ataque de onça era informado, normalmente encontravam-na descansando num galho de árvore e ela não oferecia perigo enquanto não voltasse a sentir fome. O mesmo acontecia com ataques de anacondas. Durante a digestão da presa ela ficava recolhida em algum lugar discreto e mal se mexia. Mas dessa vez, o que quer que fosse aquilo, parecia nunca parar para descansar, nunca ficava satisfeito, caminhava dia e noite.

Por alguns minutos, o operador pensou ter perdido a trilha da coisa, pois as ossadas na região estavam ficando escassas. Mas o tenente Silveira, que acompanhava tudo pela enorme televisão 4K de cinquenta polegadas montada no acampamento, pensou ter avistado algo:

— O que é aquilo? Volte. Vire para a esquerda. Parece que vi algo no canto da tela. O operador parou o drone, e começou a girá-lo lentamente para a esquerda. De fato, havia alguma movimentação na folhagem. Então o drone começou a segui-la. — As folhas ocultam o bicho.

— Apenas continue seguindo. Quando aquilo encontrar algum bicho, terá de sair desse esconderijo.

O drone focalizou um tamanduá-bandeira bem na rota do movimento de folhas. Tudo que conseguiam ver era uma mancha amarronzada se movendo nos poucos momentos em que as folhas se afastavam. Mas não era possível identificar a forma da coisa, ainda.

Resolveram focar no tamanduá. O operador acionou o zoom da câmera e viu que o pobre animal nem se dava conta do perigo que corria, enquanto atacava um cupinzeiro. Então ele se virou de repente, provavelmente alertado pelo som do Limpa Ossos. Mas não saiu do lugar. Pelo contrário, pareceu sentir-se atraído para aquilo, e começou a caminhar lentamente em direção a ele.

O susto e o desespero do belo animal de cauda volumosa foi visível em seu olhar. Mas já era tarde para fugir. O que puderam ver foi sua tentativa de fugir, mas não chegou a dar dois saltos e seu corpo foi coberto por uma fervilhante manta amarronzada. Em segundos a tal manta se desmanchou e, no lugar onde antes havia um animal silvestre só restavam ossos, que desabaram e desapareceram na vegetação densa.

— O que era aquilo? — perguntou o tenente. — Parecia um pano.

— Acho que encontramos nosso Limpa Ossos — disse o operador do drone. — Só não esperava que se parecesse com... isso.

— Continue seguindo. Uma hora teremos de ver o que é essa coisa.

O drone de larga autonomia continuou sobrevoando e acompanhando o movimento das folhagens. De fato, depois de algum tempo, o Limpa Ossos chegou a uma região de várzea com vegetação mais rala.

Então o viram.

Não tinha forma definida. Parecia uma gigantesca ameoba se arrastando pelo chão. Lembrava um tapete infestado de pulgas, pois era achatado e plano e pululava na superfície. De coloração amarronzada, seus contornos não eram fixos e, quando se movia, moldava-se ao terreno, como se um tapete tivesse sido estendido sobre ele e fosse puxado por linhas invisíveis.

Devia ter pelo menos uns três metros de extensão.

Sem precisar esperar nenhuma ordem, o habilidoso operador do drone usou a aproximação máxima da câmera para ver melhor o que era aquilo. Descobriram então que não era um único ser, mas uma imensa

colônia de seres saltitantes. Movimentavam-se aos pulos, num grupo coeso, e envolviam as presas, devorando-as numa velocidade surpreendente.

O Tenente Silveira, assustado, ficava imaginando formas de combater aquilo enquanto acompanhava as imagens.

— Esse drone está armado?

— Não senhor, mas tenho outros. Esse primeiro era apenas para reconhecimento. — E de que armas dispomos?

— Um deles possui uma pistola, mas acho que não será eficaz contra isso. Mas... temos um lança-chamas.

— Excelente. Em quanto tempo ele chega até onde essa coisa está? Ali é o melhor lugar para usar fogo, sem risco de incendiar a mata.

— Acho que... em alguns minutos. Só preciso programá-lo para rastrear o sinal de GPS do outro.

— Então faça, antes que aquela... coisa se afaste do rio.

O operador do drone deu ordens ao seu assistente para preparar o outro equipamento enquanto ele tentava não perder de vista o Limpa Ossos. O tapete seguia a uma relativa distância da margem, mas ainda em espaço descampado, o que facilitava muito segui-lo. Um jacaré foi avistado descansando na grama. Novamente, a colônia dirigiu-se para a presa, implacável como um tanque de guerra, sem enxergar obstáculos. Esperavam ver acontecer ao réptil o mesmo que ao tamanduá, mas não foi bem assim.

Para começar, o jacaré não foi em direção ao tapete carnívoro. Assim que o percebeu, fugiu para a água. O Limpa Ossos movia-se rápido, mas não conseguiu alcançá-lo, e estancou diante do rio. Por alguns instantes aquele tapete parou de fervilhar. Então afastou-se do rio e seguiu novamente margeando-o correnteza acima.

Nesse momento o drone chegou com o lança-chamas. Ele possuía uma mangueira rígida e longa por onde esguichava o querosene, assim não corria o risco de queimar a si mesmo. As chamas foram direcionadas para o tapete em movimento e, durante algum tempo, viram-nas arder na grama onde antes estava o famigerado Limpa Ossos. Mas logo o drone de reconhecimento captou o movimento do tapete que não mudou de direção nem de velocidade, como se o fogo fosse uma fresca

e inofensiva garoa.

— Eles... são à prova de fogo! — surpreendeu-se o Tenente. — Como vamos combater essa coisa?

— Se me permite, Tenente — interrompeu o assistente que operava o drone lança-chamas. — Parece que eles não gostam de água. Afinal, não foram atrás do jacaré. — Isso não quer dizer nada.

— Veja que eles mantêm uma distância constante do rio. Acredito que o chão esteja mais úmido ali perto. Talvez a água não os mate, mas não custa tentar. Talvez apenas os afaste. — Aquelas piranhas rastejantes devoraram meu Capitão sem dar a ele a menor chance de fuga. Qualquer chance de destruir aquilo é válida. O que sugere?

— Eu posso adaptar o drone lança-chamas para jogar água. Seu tanque não é muito grande, mas posso trocá-lo por um maior, desde que eu troque também os motores para suportarem o peso extra. O problema é que... essa adaptação pode demorar um pouco. — Quanto?

— Se eu começar agora... e trabalhar a noite toda... talvez amanhã pela manhã. — Comece.

Pistola d'água

Assim foi feito. Quando o dia amanheceu, o drone estava pronto para carregar água. Os motores foram trocados e o tanque substituído por um maior. O que deu mais trabalho foi fabricar um bico que permitisse lançar água a uma distância razoável, e regular a bomba para que suportasse maior pressão sem ultrapassar seus limites operacionais. Mas tudo deu certo e tinham um drone lançador de água.

Durante a noite, o assistente usou os outros dois drones de reconhecimento para não perder de vista a trilha dos Limpa Ossos. Enquanto um voava, os outros dois ficavam recarregando as baterias. A câmera infravermelho foi bastante útil para operação noturna. Também revelou que os minúsculos animais emitiam um sinal térmico bastante intenso, o que seria útil caso perdessem seu rastro, pois essa característica permitia que fossem encontrados com mais facilidade.

Houve algumas complicações, como a necessidade de mudar o acampamento de lugar, uma vez que o deslocamento dos Limpa Ossos os levava quase ao limite do alcance do rádio. Assim, desarmaram as barracas e carregaram os veículos para seguir a caminho de Goiatuba,



esperando que a colônia de monstros não entrasse em área urbana. A missão estabeleceu novo acampamento ao sul da cidade. O tapete contornou-a pelo norte, o que evitou muitas perguntas e pânico. O drone foi, então, enviado com sua carga de água para o local. Todos estavam apreensivos.

— Chegando lá, não jogue água diretamente sobre eles — ordenou o Tenente. — Tente interromper seu avanço jogando uma cortina à frente de sua rota. Quero ver se podemos usar isso para controlar o percurso dessas coisas.

— Sim senhor.

Poucos minutos depois, tendo alcançado o fervilhante tapete marrom, o operador jogou água conforme determinado. De fato, o avanço da colônia foi interrompido. Eles pararam por alguns segundos, como se tentassem decidir para onde virar num cruzamento. Em seguida, tentaram contornar pela direita.

Novo esguicho, nova parada da colônia. Dessa vez, tentaram desviar pela esquerda. A brincadeira continuou até que eles se viram cercados de água em toda a volta do tapete. Infelizmente, o tanque estava já quase vazio.

Encurralados, algo inesperado aconteceu. O enorme tapete começou a diminuir de tamanho.

— O que houve? Estão se encolhendo?

A câmera aproximou a imagem.

— Não — respondeu o operador. — Todas as beiradas estão fluindo para o centro... Eu acho que eles...

O tapete encolheu até desaparecer. No lugar ficou apenas um buraco de meio metro de diâmetro.

— Eles cavaram um buraco? — espantou-se o Tenente.

— Parece que sim.

— Dá pra segui-los?

— Com o drone? De jeito nenhum. Ele não cabe no buraco. Perderíamos o drone.

— Então como vamos...

— Ali! — interrompeu. — Eles cavaram um túnel por baixo do lugar que molhamos. — Não é possível — irritou-se o oficial. — Será que nada para

esses bichos? Acompanharam o avanço dos Limpa Ossos por mais algumas horas, e foram obrigados a encerrar a missão. Seus mantimentos estavam se esgotando e a equipe que operava os drones estava fisicamente esgotada depois de quase quarenta e oito horas sem dormir, sustentados por café, Coca Cola e energético. Como todas as descobertas vinham sendo relatadas aos superiores, antes de irem para um hotel descansar, foram rendidos por uma nova equipe, dessa vez com a missão de capturar pelo menos um exemplar do estranho ser para análise.

### A captura

Com base nas descobertas da equipe do Tenente Silveira, o novo time foi preparado com recursos mais robustos. Além dos drones, dispunham de um helicóptero com um dispositivo especialmente projetado para capturar o tal tapete. Muitos recursos, financeiros e políticos, foram dispendidos para desenvolver e fabricar aquilo que, esperavam, fosse capaz de lhes trazer os estranhos comedores de carne.

Não perderam tempo. Drones com água contornaram todo o tapete, fazendo-os interromper seu avanço. Sabiam que tentariam fugir por baixo. Antes que isso acontecesse, o helicóptero chegou com a gigantesca escavadeira, lançou-a sobre o tapete e acionou os atuadores hidráulicos que fecharam suas garras, apanhando junto a terra abaixo deles.

A equipe deu pulos de vitória, e festejavam enquanto o helicóptero retornava. O objetivo era contê-los numa balsa dentro de um tanque de modo que não pudessem fugir pelos lados nem por baixo.

O tanque fora montado a poucos quilômetros dali e já estava pronto para receber seus hóspedes. Quando as garras da escavadeira foram abertas, a balsa se encheu de terra, grama e pedras.

A operação parecia ter sido um sucesso, exceto pelo fato de não haver nenhum sequer daqueles seres no conteúdo despejado.

— O que aconteceu? — perguntou o Major que liderava a missão e acompanhara de dentro do enorme helicóptero toda a operação.

Ninguém soube responder. Somente quando a escavadeira foi examinada é que perceberam que um enorme buraco tinha sido aberto

nela. Os Limpa Ossos devoraram três centímetros de aço carbono para escapar.

— //\\//\\// —

No mesmo dia, uma grande mobilização foi feita para localizar o tapete. A procura começou pela rota do helicóptero. Embora tenham conseguido comer o metal para fugir, perceberam que pelo menos tiveram alguma dificuldade para fazê-lo, pois a colônia foi encontrada a apenas um quilômetro e meio do tanque onde deveriam ser contidos; isso significava que os animais levaram pelo menos quarenta minutos para atravessar o metal.

Uma nova escavadeira, dessa vez mais robusta e feita com um aço mais duro, foi encomendada. Apesar do enorme esforço logístico, levaria quase uma semana para ficar pronta, sem contar o custo astronômico. A nova tentativa de captura também pôde ser planejada à luz dos novos conhecimentos. O tanque seria montado à frente da rota das criaturas. Assim, quando elas fossem capturadas já estariam mais perto do local para sua contenção.

O esforço valeu a pena. Doze horas depois de construída a enorme garra escavadeira os Limpa Ossos estavam, finalmente, confinados numa balsa a flutuar num gigantesco tanque. Agora era mister estudá-los.

Para capturar um único espécime, usaram de um artifício baseado no comportamento conhecido deles. Esticaram até a balsa uma estreita ponte de apenas dois centímetros de largura. Antes mesmo que ela tocasse a balsa, vários deles pularam para cima dela e a percorriam velozes. Mas, o que os esperava antes da margem era uma nova gaiola de acrílico, com água entre suas paredes duplas.

Conseguiram com isso isolar dois deles. Os demais foram derrubados na água e chegaram imóveis ao fundo do tanque, possivelmente mortos. Isso levou os homens a concluir que a água lhes era fatal. Porém, antes de destruí-los precisavam saber o que eram.

Conhecendo o inimigo

Os famigerados Limpa Ossos pareciam ser um organismo muito simples. Eram um verme anelado e gorducho que não passava de um centímetro de comprimento, capaz de encolher e se esticar deslocando

telescopicamente os anéis uns dentro dos outros. Era dessa forma que se locomoviam; encolhiam-se como uma mola pressionada, depois se esticavam tão rapidamente que davam um salto. Dessa forma, pelo que calcularam, eram capazes de saltar a até dois metros de distância. Por isso, se um animal avistasse sua aproximação muito tarde, não havia tempo de fugir.

Tinham um metabolismo extremamente acelerado. Sem comida, tornavam-se cada vez mais letárgicos. Porém, quando alimentados, a temperatura corporal aumentava significativamente e seus movimentos se aceleravam muito.

Isso tudo foram descobertas observacionais apenas. Depois de estudá-lo por vários dias, decidiram matá-lo para fazer uma autópsia. Esperavam com isso determinar sua origem, colher seu DNA e compreender melhor sua anatomia. Eram tantas perguntas... Seriam mesmo alienígenas vindos com o meteoro? Sua composição química seria capaz de revelar sua origem? Teriam DNA, RNA ou outra molécula de proteína equivalente? Seriam formados de células? Seriam classificados como pertencentes a algum reino taxonômico conhecido da Terra?

Logicamente, usaram água para matá-lo, antes de levá-lo a um microscópio para começarem a fatiá-lo. No entanto, ele não estava verdadeiramente morto, o que causou um grande rebuliço no laboratório, pois antes que o cortassem, o bicho saltou do balcão diretamente para o chão. Num segundo salto, ele penetrou na perna de um dos cientistas e começou a devorá-lo ferozmente.

Felizmente a segurança estava reforçada em todo o complexo que fora montado, e conseguiram agir a tempo de salvar o cientista.

Mas não sua perna.

Livrando-se do perigo

Enfim, o que foi descoberto era que aqueles seres não morriam na água. Apenas se encapsulavam para não serem molhados até que pudessem se reanimar quando tudo secasse. Concluíram que era muito perigoso mantê-los. Fizeram os estudos possíveis, inclusive uma tomografia, tudo mantendo o exemplar debaixo d'água. Depois juntaram todos numa caixa de paredes duplas com água entre elas para enviá-los ao

espaço.

Um foguete foi lançado exclusivamente para tirá-los do planeta. O foguete rumaria para o Sol. Lá, se eles fossem capazes de suportar as temperaturas, pelo menos não teriam carne para comer e ficariam presos até a morte do astro, o que só ocorreria em uns dez bilhões de anos.

Após se livrarem de todos, o complexo – que ficava no meio do Pantanal – foi evacuado e desmontado. Ele não tinha mais razão de existir, e era melhor que não fosse testemunha dos eventos secretos que abrigou. O tanque foi esvaziado e as paredes do complexo derrubadas.

Um dos estagiários da empreiteira, enquanto quebrava as paredes de fibra do tanque, perguntou ao engenheiro responsável:

– Este tanque estava cheio?

– Sim. Esvaziamos ontem.

– Mas não apresentou vazamento?

– Com certeza não. Estava no nível para o qual foi projetado quando chegamos. Por que a pergunta?

– É que havia um enorme buraco no fundo...

# ABNIZA PONTES DE BARROS LEAL

Professora aposentada da Universidade do Ceará publicou artigos e organizou livros do espaço acadêmico. Sempre gostou de literatura, mas, somente no período pandêmico da Covid, sentiu-se atraída pela produção literária. Participou do concurso de poesias promovido pela Vivara Editora Nacional e teve o poema “Desalento” publicado no volume Poetize 2022.

Fale com o autor: [abniza.leal@uece.br](mailto:abniza.leal@uece.br)

## MINHA AVÓ STELA

Todos os amigos de Raquel eram unânimes em afirmar que sua família era, sem dúvida alguma, a mais integrada e alegre que conheciam. Uma certeza ela tinha: sabiam se respeitar, haviam aprendido desde pequenos a começar com as pessoas mais velhas, a entender-lhes as vontades, principalmente, as de vovó Stela. Ela parecia ser a mola mestra de toda aquela engrenagem com que, às vezes, uma família se assemelha. Quase todas as lembranças da jovem senhora diziam respeito a reuniões em datas comemorativas, aniversários da avó, do avô Marcelo, dia das mães, dos pais e Natal. Lembrava que, ainda criança, seus pais cancelaram uma viagem à Disneyland porque era aniversário da avó, e ela teve de esperar as férias seguintes para realizar aquele sonho. Lembrava, ainda, que ficara muito chateada com a avó, pois dissera não admitir que Beatriz, sua filhinha caçula, não estivesse presente. Lembrava que a avó tinha sido um pouco ‘chantagista’ – “como viajar no meu aniversário? E se for o último?”.

Naquele ano, contudo, começou a grande amizade entre as duas, pois, como toda criança, Raquel não escondeu o descontentamento e, tão logo chegou à casa da avó, disparou: “por que a senhora não fez a festa do seu aniversário junto com a do vô Marcelo?”. Lembrava com muita clareza que Beatriz pegou-a pelo braço e falou-lhe muito séria, olhando-a diretamente nos olhos.

- Peça desculpas a sua avó, agora!

Não tinha sido necessário, pois, quando voltou para perto da avó, encontrou-a com os braços abertos, segurando uma linda boneca de pano. E, imitando a voz de uma criança, falou:

- Quem é você? Será que é a Raquel, a neta querida da vovó Stela? A menina não tinha visto a avó abrir os lábios e acreditou piamente que a boneca falava. Não as frases feitas com voz estranha, mas com uma voz doce, gostosa de ouvir. As duas conversaram um pouco mais, até que Stela, por não ter tanta prática como ventríloquo, falou normalmente. A menina riu muito e abraçou verdadeiramente aquela pessoa mágica que era sua avó. Em seguida, saiu correndo pela casa à procura dos

demais parentes, gritando: “a vovó me deu uma boneca que fala”. Daí em diante, sempre que uma queria conquistar a atenção da outra falava como se fosse outra pessoa. Desde pequena vivera uma amizade muito grande com a avó e suas melhores lembranças da infância tinham sempre algo relacionado a ela: os presentes de aniversário e Natal eram exatamente os esperados pela menina, os mimos de chocolates e biscoitos amanteigados não faltavam nunca e as histórias. Ah! As histórias tinham cheiro de gente que se movia verdadeiramente na imaginação da menina. E, Raquel tinha uma curiosidade muito grande em saber como eram seus bisavós, seus tataravós e passava horas sentadinha no quarto da avó enquanto ela lhe contava as histórias de sua família.

A menina logo notou que Stela não tinha muito o que falar de seus avós maternos. Era uma quadra que se resumia a poucos relatos. Tinham vindo de uma cidade próximo ao mar e, ao mesmo tempo, à serra, moravam em um bom bairro, em uma casa relativamente grande com um quintal imenso mas infrutífero, coisa rara naquela época. As famílias quase sempre aproveitam para cultivar algumas plantas de consumo diário como bananeiras, mamoeiros, cajueiros, gravioleiras e outras. As únicas exceções eram um pé de goiaba branca que, na fase de colheita, produzia uma fruta grande, bonita e muito saborosa, e, perdida no resto do terreno, um pé de tamarindo, refúgio de Stela, no período em que morou com estes avós. Sempre que podia enganar os olhos atentos da avó e das tias, eram três mulheres solteironas, mas bem menos severas que a mãe, corria para lá. Coincidentemente, encontrava uma menina que morava ao lado e, cada qual, separadas pela cerca de arame, ficava a jogar pedras e pedaços de pau para derrubar os frutos verdes que eram adocicados. Os maduros soltos pelo chão não eram recolhidos nem pelos adultos que evitavam fazer suco com um fruto tão azedo. Depois que tinham uma boa porção, sentavam-se no chão e partilhavam a colheita. A vovó não conseguia lembrar o nome desta amiguinha, recordava apenas e com bastante clareza que era tinha a mesma altura que ela, cabelos amarrados com uma fita colorida e que parecia mais cheinha, mais saudável. Stela não. Vivia tendo crises de amigdalite, motivo talvez por que era tão vigiada



e proibida de brincadeiras.

Aos domingos pela manhã, ia com uma das tias à missa das crianças na Igreja de Piedade. Depois da celebração, o pároco reunia as crianças para brincar num pátio ao lado por uma meia hora que, na lembrança de minha avó, era uma eternidade. Corriam, jogavam bola e ganhavam bombons que o bom senhor lhes trazia sempre. Voltavam para casa num alarido de dar gosto aos ouvidos, saboreando a doçura da vida infantil. Além desse momento, a menina não tinha direito a ir para casa de nenhum vizinho, nem de receber crianças para brincar com ela. Lembrava apenas que, à noitinha e até a hora de se deitar, ficava sentada como uma adulta, enquanto a criançada corria solta pela larga rua de areia branca.

- Vovó, você não tem uma única lembrança gostosa desse tempo?

Stela abriu um sorriso lindo.

- O cheiro do café torrado por minha avó! Enchia a casa, a rua, o bairro, falou com entusiasmo.

Por mais que a menina insistisse em saber mais desta bisavó, as histórias eram sempre em volta dos mesmos assuntos, as frases basicamente as mesmas. Tudo dito sem emoção e muito ligeiramente. Por outro lado, as histórias dos avós paternos de Stela eram ricas em detalhes, cores e sons. Minha avó era fascinada pela avó Rosário e pelo avô Joaquim.

Rimos juntas quando me contou a história da louça de barro. Os avós moravam em uma cidade litorânea, rica em artesanato de barro. As feiras livres, aos sábados, encantavam não apenas os próprios moradores, mas quaisquer pessoas que por lá passassem. Os artesãos, que nesta época não eram assim reconhecidos, vendiam pequenos cavalos, cachorros e bois, panelinhas e outras peças de cozinha para brincadeiras de meninas, cofrinhos, tudo feito de barro. Eram peças que encantavam.

A primeira vez que lembra de ter ido sem os pais para passar as férias com os avós, foi uma festa. Da hora que chegou, recebida pelo avó que lhe passou carinhosamente as mãos calejadas nos finos cabelos desgrenhados, pois o ônibus trafegava uns bons quilômetros em chão carroçável de terra avermelhada, formando, aos olhos da menina, uma

poeira encantadora, ao longo percurso até o sítio, acomodada em um caçua e seu irmão em outro, enquanto o avô conduzia o jumento pelos caminhos de areia, afastando os cães que ladravam sem conseguirem assustar o animal. Chegaram de noitinha, já iluminados por algumas estrelas. Não lembrava como tinha sido o resto da noite, o que tinham comido. Lembrava com muita intensidade de que sua rede ficava bem pertinho da rede da avó e ela sentiu pela primeira vez o cheio de uma colônia simples que se confundia com o cheiro do jasmim estrela que ficava bem ao lado do quarto, cuja fragrância atravessava a parede com a maior facilidade.

No dia seguinte, contudo, teve uma crise de riso que deixou a pobre senhora desconcertada. Ao chegar à mesa para a primeira refeição, encontrou um bule com café, outro com leite, um açucareiro, uma travessa com uma tapioca grossa de coco, uns pãezinhos - como nunca mais na vida comeu igual - comprados por seu avô, na única padaria da pequena cidade, umas bolachas doces muito gostosas, xícaras e pratos pequenos ao lado. Toda louça feita de barro! Saiu passando a mão em cada uma delas, rindo, rindo, sem parar. Os avós se entreolharam e não souberam o que dizer ou perguntar. Até que a menina falou:

- Nunca vi nada igual! É muito diferente! A gente pode beber o café nessa xícara? Ela não quebra?

Foi a vez de os avós rirem. Pegaram a menina pela mão e levaram-na à cozinha, tudo, tudo era feito de barro: o filtro, as panelas, as caçarolas, as jarras, os pratos, o pote grande de guardar água para beber e cozinhar.

O sítio era um paraíso. Cheio, cheio de pés de frutas. Com a chegada no dia seguinte de primos que moravam em Fortaleza e de outros que moravam próximos à casa dos avós, formou-se o batalhão de sua infância. Logo após o café, saiam em bando, subindo em árvores, matando a fome com tudo o que encontravam pelo caminho: mangas de vários formatos e sabores, caídas no chão, cajus, cajás, melancias que abriam batendo em troncos de árvores, até espigas de milho verde que não passavam ainda de um sabugo fino, doce e muito bom. Em sua memória, não lembrava de voltarem para o almoço, lembrava apenas de chegarem sujos e saciados, de serem banhados pela avó, que tirava,

com uma cuia de cabaça, a água gelada que repousava em uma jarra grande. O jantar, com toda a meninada espremida em bancos grandes que ladeavam a mesa de madeira rústica, tinha um cheiro especial. Quando era galinha, disputavam alguns pedaços preferidos, mas chegavam a brigar pelo coração, a moela e os ovinhos cozidos, que não tinham cascas nem claras, eram apenas uns bolinhos amarelos muito saborosos.

O avô juntava tanta castanha que passavam dois dias, todos eles a quebrarem com o maior cuidado para que os frutos saíssem inteiros da casca enegrecida. Era uma festa apagar com areia as castanhas queimando. Cada família, a cargo de seus filhos, ganhava uma lata grande cheia de castanha, eram latas com capacidade para uns vinte litros em que vendiam gordura de porco. Joaquim devia comprá-las dos donos de mercearias que vendiam a banha em pequenas frações. A criançada comia à vontade as castanhas, mas tinha orgulho em guardar as maiores e mais bonitas que quebravam para trazer para casa.

Stela tinha tanto prazer em lembrar suas idas ao sítio quanto Raquel em tomar nota em sua memória de tudo quanto ouvia. Da casa de farinha, da proibição do avó em que se aventurassem em descascar a mandioca, da negativa do forneiro de farinha que não deixava ninguém pegar na peça de mexer a massa escorrida que virava o produto mais generoso de todo aquele trabalho. Eles não tinham muito o que fazer, mas muito a admirar. Os animais puxando a engrenagem de moer a mandioca, a massa escorrendo um líquido com cheiro de azedo que ficava secando, a goma que também era feita. No último dia, porém, o avó e o velho Francisco abriam uma exceção e cada criança tinha seu momento de glória diante do forno para assar com ajuda de ambos suas preciosidades: tapiocas com bastante coco e em formatos diversos: retângulos, corações, quadrados, imitação de peixes, pois ficavam sempre sem o rabo que quebrava muito facilmente ao ser colocado no forno.

O cheiro azedo da casa de farinha contrastava fortemente ao cheiro adocicado da casa de engenho. Como era bom tudo aquilo. O avó sempre atento a todos, sem deixar que se aproximassem das caldeiras

em que o mel fervia para se transformar em rapaduras, exigia que ficassem apenas observando como se davam todas as etapas de transformação: a cana em caldo, o caldo em mel, o mel em rapadura. Tomavam tanto caldo de cana que chegavam a enjoar. O momento mágico era quando lhes era dado uma porção do melaço para fazerem seus alfenins. Passavam todo o tempo puxando incansavelmente até verem a brancura e sentirem a consistência para moldarem seus tesouros. Vovó trazia também em latas e com muito cuidado os doces para distribuir com os amigos da escola.

Nas noites de novena na matriz da cidade, iam todos numa espécie de procissão. Um dos tios havia falado que o caminho era mal assombrado, que apareciam almas penadas que puxavam os cabelos das crianças ou que sobravam um ar gelado no pescoço. “Prá quê você inventa uma história dessa?” dissera o avô quando soube do medo dos netos vindos da capital. Os outros não, já estavam acostumados com as histórias curiosas inventadas pelos adultos para prendê-los em casa. Na verdade, os galhos secos que ficavam mais ao meio do caminho muitas vezes prendiam-se levemente nos cabelos das pessoas, era isto que dava a impressão de um puxão. O ar frio da noite não atingia o pescoço mas todo o rosto, principalmente, quando se chegava próximo a um córrego que se atravessava pisando em pedras grandes que faziam a vez de uma ponte.

Stela não demonstrou medo, mas ia, da saída da casa até sentir o chão duro do pequeno trecho em calçamento na rua da matriz, de olhos fechados, segurando firme a mão do avô. A luz dos postes era fraca mas era bem melhor que estar totalmente no escuro. Na igreja, a luz das velas ajudava em muito as poucas lâmpadas. Quando a novena terminava, passeavam pela praça ao lado e comiam bolos de milho, de batata e pé de moleque enrolado em folhas de bananeira. Na volta, usava a mesma estratégia.

Quando não iam à novena, ficavam sentados do lado de fora da casa ouvindo as histórias contadas pelos adultos. Nessas ocasiões, a menina procurava o colo da avó para deitar a cabeça e apreciar o brilho das estrelas que piscavam como vagalumes. Em noites de lua cheia, ficava

todo o tempo acompanhando seu deslizar suave e quase imperceptível. Ela sabia que a lua se movia não porque já tivesse estudado na escola, mas porque

6

acompanhava a distância que ela atingia a partir de um coqueiro solitário que ficava além do jasmineiro.

Raquel cresceu enlevada por estas histórias e, em casa, ao perguntar aos pais se a vovó lhes tinha narrado tal fato, o que eles haviam achado, recebia sempre a mesma resposta, quase que em coro.

- Sua avó fantasia muito para prender a tua atenção.

Inconformada com a atitude dos pais, um dia perguntou à avó.

- Vovó você tem fotos de seus avós? Do sítio? Dos encontros com os primos? Rosário disse na maior simplicidade que não. Não era fácil fazer tais registros, não havia como hoje os smartphones ou câmeras portáteis. Paga-se caro para alguém tirar uma foto. Disse com voz muito triste: “não, ela não tinha nenhuma foto”. - Uma única que fosse, vovó?

- Dos meus avós maternos não. Da vovó Rosário e do vovô Joaquim, a família tinha uma única foto, mas sumiu, ninguém soube qual o paradeiro e depois da morte deles não se ouviu mais falar naquela foto. Se eu soubesse que isto iria acontecer, teria roubado para mim, assim, eu poderia vê-los sempre não apenas no álbum da memória. Eles vestiam roupas simples de pessoas do campo, estavam muito sérios, como poucas vezes os vi, mas foram fotografados como eram: simples, puros e verdadeiros.

Raquel sempre que tinha um tempinho livre, e, em muitas ocasiões, até forçava esta possibilidade, ia visitar a avó, conversar com ela, lanchar quando a agenda estava mais flexível, geralmente, quando voltava mais cedo da faculdade e sabia que as crianças ainda estavam na escola e o marido, no trabalho. Durante a semana era mais fácil, aos domingos, tudo ficava mais complicado. O almoço, às vezes, era na casa de Beatriz e sempre contavam com a presença de Stela e Marcelo. O problema era que ela tinha de ajudar a mãe na cozinha e sobrava pouco tempo para dedicar à avó. Outras vezes, na casa dos pais de Lucas, tendo o casal de ainda incluir um banho de mar que as crianças

adoravam, saborear um peixe frito nas barracas de praia. Os passeios ao shopping deixavam sempre para o sábado à tarde.

Stela gozava saúde, mas não se movimentava mais com a mesma agilidade de antes. Em uma dessas visitas, conversavam animadamente quando foram interrompidas por uma ligação de Marcelo que precisava de uma cópia da certidão de casamento. Pediu a esposa que a enviasse imediatamente pelo WhatsApp. A avó, aproveitando o fato de que a moça sabia de todos os lugares da casa, pediu a neta para pegar a certidão na pasta de documentos, dentro da caixa plástica em que guardava vários papéis importantes. Não era preciso qualquer informação, Raquel conhecia bem o lugar em que se encontrava a caixa. Ao abri-la e retirar a certidão, viu surgir, por entre as cópias do documento, uma foto antiga, meio desbotada, medindo 10x20, em que reconheceu em preto e branco, os avós queridos de sua avó Stela, sem sorriso a lhes iluminar o rosto já enrugado, mas parecendo mover-se, caminhar na direção da tataraneta que aprendera a amá-los tão intensamente.

# RENATO TAVARES PEREIRA

Renato Tavares Pereira ou, simplesmente, Renatin.  
Desenhista por vocação, artista por satisfação e designer por profissão.

Escritor por acidente.

Estudei Comunicação Visual e Licenciatura em Artes Plásticas.

Também cursei Arquitetura, Publicidade, Marketing, Fotografia e Psicanálise.

Trabalho com designer, ilustrador, artista digital e professor.

Nasci em 1965, na cidade do mais Belo Horizonte, entre as montanhas das Minas Gerais, sou casado com Rejane Faria, artista talentosa e mulher admirável, tenho dois filhos muito queridos, Lucas e Mayan, sou tutor de três cachorros e um gato.

Gosto de Literatura, Quadrinhos, Desenhos Animados, Ficção Científica, TV, Cinema, Fotografia, Tecnologia, Ciência, Música, Teatro e Artes em geral.

Sou uma pessoa simples, de hábitos comuns, que curte estar em casa com a família, uma boa comida mineira e aquela “conversa fiada” com os amigos.

Gosto de viajar, de visitar novos lugares, de observar a diversidade das pessoas e conhecer seus costumes.

Aprecio o silêncio, a companhia dos animais, das plantas, a alegria espontânea das crianças e a experiência de quem já viveu bastante tempo nessa existência.

Cultivo minha fé e respeito a crença de todos.

E, de vez em quando, me arrisco com as palavras na escrita de contos e crônicas, com imensa satisfação.

Fale com o autor: [renatodesign@gmail.com](mailto:renatodesign@gmail.com)

## ÍCARO

O sensor de presença não funcionou e as luzes do corredor não se acenderam naquela noite.

Uma escuridão densa envolveu o ambiente e cobriu seu corpo, tão logo ele desceu do elevador que se fechou rapidamente por detrás dele.

Ficou difícil encontrar seu apartamento, mas um pouco de esforço visual e concentração facilitaram sua entrada.

Ele colocou delicadamente a chave na velha fechadura da porta e girou vagorosamente, segurando os penduricalhos do chaveiro para evitar qualquer ruído que acusasse sua chegada.

Tirou os sapatos sujos de progresso e civilização e os deixou lá fora.

Finalmente entrou em casa.

Seu lar era confortável, não era muito grande nem luxuoso, mas trazia um pouco de dignidade ao trabalhador, técnico e assalariado da renomada corporação multinacional.

Ao se jogar, todo desconjuntado, no sofá da sala, percebeu que quase deitara sobre o preguiçoso gato gordo da família.

Seria um verdadeiro desastre caso o felino alvinegro se assustasse e acordasse aos berros, ou melhor, aos miados, as meninas e a sua esposa.

Com cuidado, tirou o controle remoto de baixo do bichano inerte e ligou a TV.

Desativou rapidamente o som, como era seu costume fazer, para preservar o sono tranquilo da sua família.

Ficou ali algum tempo, zapeando entre os canais emudecidos, abraçado às almofadas macias e coloridas compradas naquela viagem de férias no litoral.

O poder hipnótico da luz azulada e fantasmagórica que dançava silenciosamente, emitida pelo aparelho de 60 polegadas (presente de aniversário de casamento dele para sua querida esposa), trouxe-lhe vagorosamente o sono.

Mas antes de começar a cochilar, levantou-se e foi até a cozinha à procura de alguma coisa para comer, pois não tinha almoçado na empresa e chegou em casa com um pouco de fome.



Abriu a geladeira, analisou as opções disponíveis e ficou na dúvida entre um pedaço de pizza fria de ontem, uma lustrosa maçã já mordida por uma das crianças ou o queijo magro e totalmente sem graça da dieta da sua mulher.

Acabou optando mesmo pela garrafa de leite gelado que, por um instante, pensou em beber diretamente no bico, mas refletiu melhor, riu de si mesmo e desistiu de fazer tal porcaria.

Pegou um copo deixado na pia, lavou displicentemente, encheu até a metade com o insosso líquido branco e bebeu tudo de uma golada só.

Voltou à sala para desligar a televisão, fez um afago no gato e seguiu para o seu rotineiro ritual noturno.

Apesar do frio noturno, característica daqueles meses, a preguiça e o cansaço não superaram o cuidado que ele sempre teve com sua família. Seguiu para o banho onde, todas as noites, tratava de se livrar das sujeiras reais e psicológicas adquiridas durante um dia intenso no trabalho e acumuladas no trajeto de volta pra casa, transitando entre uma multidão de desconhecidos nas ruas da metrópole.

Tirou o uniforme pardo, colocou no balaio de roupas sujas e entrou no banheiro, onde uma ducha quente o aliviou das mazelas cotidianas da cidade e dos aborrecimentos, rotinas e obrigações da empresa.

O conforto e bem estar proporcionado pela água aquecida caindo sobre seu corpo cansado, naquela noite especialmente fria, acalmou seus pensamentos.

Mas, apesar do prazer e alento proporcionado por aquele banho, por algum motivo, lembrou-se que seu elemento predileto, o que realmente trazia paz e felicidade para sua alma, era o ar.

Pensou no quanto gostava de sentir o vento fresco no seu rosto, de encher seus pulmões com oxigênio puro, de passear em ambientes amplos, de deitar em campos abertos ao ar livre para observar a inatingível imensidão do céu azul.

Estranhou ter tais pensamentos, aparentemente sem motivo algum, naquelas altas horas da noite.

Agora, já de banho tomado, permitia a si mesmo dar um beijo de boa

noite em suas filhas.

Um mesmo quarto alojava as maiores preciosidades da sua vida, aquelas duas crianças que dormiam ali, inocentes e tranquilas, privilégio concedido somente a quem não tem grandes problemas e nem preocupações para lhe atrapalhar o sono.

Deteve-se no quarto por alguns instantes observando a aparência angelical daquelas criaturinhas, enquanto tentava compreender o imensurável amor que sentia por elas e que chegava a lhe doer no peito. Beijou e abençoou cada uma, ajeitando delicadamente os cobertores sobre elas antes de sair, deixando aceso o abajur de luz amarelada e em forma de unicórnio, cumprindo, como combinado, o acordo que tinha feito com elas.

Entrou com cuidado no seu quarto e, ao primeiro movimento da porta, foi recebido em festa por sua cachorrinha de pelos arrepiados, que abanava freneticamente o rabinho, ainda acordada a sua espera, como em todas as noites anteriores.

O cãozinho corria, pulava e arranhava desesperadamente a perna do seu tutor querido que chegara, tamanha era a felicidade que sentia e queria demonstrar.

Tudo isso sem emitir um único latido sequer, pois tinha sido adestrada de modo a não acordar as outras pessoas da casa durante a madrugada.

Aquela demonstração de fidelidade e amor incondicional, sem exigir nada em troca, ainda o surpreendia, mas lhe fazia muito bem.

Ele pegou a pequena cadelinha no colo, acariciou as costas e a barriga dela para, só então, colocá-la para dormir na confortável almofada que ficava bem ao lado da cama do casal.

Sua casa era seu reino, sua casa era seu refúgio.

E nela reinava também sua esposa, linda como sempre, uma majestosa rainha, mesmo sem nenhuma maquiagem, sem nenhum traje de gala, sem nenhuma joia real, mesmo dormindo serenamente sem perceber estar sendo observada, afetuosamente.

Um sentimento muito bom tomou conta dele quando constatou que, mesmo depois de tanto tempo de vida em comum, juntos nas alegrias e

nas dores, ainda conservava um imenso amor e carinho pela companheira, como no início do relacionamento.  
E a recíproca, com certeza, era verdadeira.  
Estava feliz e tranquilo naquela noite.

Deitou, tentando deixar a mente vazia para evitar a proliferação dos pensamentos em problemas cotidianos e para preservar aqueles sentimentos tão bons acumulados anteriormente.

Naquela noite estava disposto a afastar todos os estranhos e recorrentes sonhos que vinham lhe atormentando o descanso com significativa frequência em tantas outras madrugadas passadas.  
Talvez por esse motivo, em poucos minutos já havia caído no sono.

Amanheceu.

Acordou tranquilo e descansado como há muito tempo não acontecia.  
Sentiu-se estranhamente diferente, pois não se lembrava de ter sonhado com nada, nem sonhos ruins, nem sonhos bons, apenas uma noite completa e satisfatória de sono.

Ainda era bem cedo e todos na casa, tanto as pessoas quanto os animais de estimação, ainda dormiam profundamente quando ele seguiu para o banheiro na intenção de aprontar-se para o trabalho.

Porém, ao passar pelo corredor, constatou algo inacreditável, uma imagem surreal e inexplicável refletida no espelho, uma visão que não imaginaria em nenhum daqueles sonhos dos quais tentava se livrar.

Bem ali, naquela exata manhã, num dia comum como outro qualquer, quando se arrumava para ir trabalhar, ele, ao olhar seu reflexo no espelho do corredor (por mais impossível e improvável que pareça) constatou que um par de belas e poderosas asas haviam crescido em suas costas negras!

Uma forte sensação de enjoo e tontura quase o fez perder a consciência, mas respirou fundo e tentou manter-se calmo e permanecer de pé.

Aquilo tudo era absurdo e fantástico demais para se acreditar, porém, por algum motivo, não em sua mente, mas ali bem dentro de sua alma,

ele sabia que tudo era verdadeiramente real.

Uma profusão de ideias, palavras, imagens e significados invadiram sua mente criando uma mistura de confusão, medo e entusiasmo.

Liberdade, egoísmo, cotidiano, oportunidade, loucura, dúvida, aventura, frustração, rotina, lucidez, alegria, destino, solidão, escolha, amor, família, eu, limite, abandono, nós, compreensão, fuga,...

Por alguns instantes que lhe pareceram a eternidade, hesitou.

Mas, depois de se livrar completamente de seus pensamentos lógicos e cartesianos, com a cabeça vazia, livre, leve e solta, como se estivesse embriagado pela euforia e pelo excesso de possibilidades, deu total atenção às vozes do seu coração e da sua alma.

Agora, sem nenhum outro peso sobre seus ombros a não ser o das vistosas e fortes asas que lhe brotaram milagrosamente das costas, teria de dar um passo adiante.

Abriu a janela do seu apartamento no 13º andar, subiu no estreito parapeito de madeira envelhecida, respirou fundo, absorvendo o ar viciado pela fumaça dos automóveis que transitavam lá tão abaixo e sentiu um breve arrepio percorrendo todo seu corpo sem conseguir identificar a causa.

Seria pelo frio da brisa matinal, seria pelo desafio da inédita oportunidade que lhe fora oferecida ou seria pelo medo da novidade e da mudança?

Já não mais interessava a resposta.

Naquele momento, não olhou mais para trás, tinha direcionado suas vistas somente para além da moldura da janela que insistia em lhe oferecer sempre o horizonte cinzento e pétreo da cidade que tanto o oprimia.

Mas ele mirou para depois daquele triste horizonte, contemplando o longínquo e sedutor céu azul que se apresentava generosamente ilimitado, esperando para ser explorado pelo novo aventureiro alado.

Por fim, atirou-se destemidamente em queda livre e de olhos fechados

rumo a sua nova e audaciosa jornada, sem arrependimentos, pois tinha deixado para trás um belo legado e, a partir de agora, iria experimentar a inédita e libertadora sensação de voar por si mesmo, impulsionado pelas suas próprias asas, rumo aos seus sonhos, rumo ao infinito, rumo ao céu e ao sol...

# AMILTON ALVES

Amilton Alves nasceu na Bahia, é professor, graduado em Economia, pós-graduado em Controladoria e matemática. É casado com Diana Mattos e tem dois filhos, Cind e Diego. É autor de quatro livros. O primeiro (*Querida Mamãe*) foi vencedor do concurso Melhor Romance Brasileiro - Editora Ases da Literatura, Portugal. E o terceiro (*Assassinato na Rua da Ajuda*), venceu o Prêmio Aberst de Literatura 2021.

Fale com o autor: [amiltoncomercial15@gmail.com](mailto:amiltoncomercial15@gmail.com)

## A VELHA

Eu nunca soube e jamais saberei descrever, com precisão, o que o rosto da velha que costumeiramente sentava na cabeceira da cama da minha irmã expressava. A depender da posição que eu me encontrava no quarto, pior ainda. Frente a frente a ela os extremos da sua boca formavam uma leve curvatura para cima. Parecia até um sorriso, mas eu duvidava que fosse. Esta era a posição que eu menos gostava de encará-la: tinha medo.

Quando eu a olhava de lado, aquilo que antes lembrava um sorriso, desaparecia por completo e eu passava a enxergar uma boca descarnada e melancólica. Mas, por incrível que possa parecer, era desta posição que eu tinha o entendimento de que ela me observava. Não pelos cantos dos olhos, numa visão periférica, que seria o mais comum de onde ela estava, mas pela força que a sua presença exercia no ambiente. Presença que enchia todos os espaços daquele quarto abafado, ocupando, inclusive, as esquinas das paredes de tijolinhos vermelhos, como o abraço de um gorila em um coelho.

O curioso é que nada incomodava a decrépita senhora; nem o volume alto das conversas na sala nem o chiado do rádio aos pés da minha irmã Claudinha, muito menos a minha presença ali. Esta, então, a mais indiferente para ela.

Somente nesses momentos — quando eu a observava de lado — é que ela desgrudava o queixo do peito e passava a contemplar a minha irmã doente. Digo contemplar porque era essa mesma a impressão que eu tinha. Era como se a velha estivesse no alto de um platô, no topo de uma colina a observar as copas das árvores por entre nuvens, os pássaros rasgando os céus e o horizonte distante onde se encontravam o verde e o azul. Era como se ela, sem abrir a boca de finos lábios, estivesse tentando convencer a moça acamada a sua frente para abrir os olhos e enxergar, e cheirar, e ouvir aquele atrativo de cores e sons, ou como se a convidasse para um passeio pelas areias mornas da praia, num finalzinho de tarde, onde Claudinha costumava caminhar em outros tempos.

A quietude e os olhos inescrutáveis daquela velhinha me assustavam.

Mas era a sua aparência, como um todo, que me solapava o ânimo. A sua pele de gente idosa era diferente das outras que eu conhecia. A da minha avó Maria, por exemplo, era corrugada e cheirava a cidreira e era tão fininha que dava para ver as trilhas de veias azuis desenhadas no dorso das mãos. A da velha era como a das bonecas de porcelana que minha mãe empilhava no guarda-roupa. Era lisa, branca, como a cor dos seus cabelos finos que lhe escorriam pelas costas magras, e que chegava a brilhar nos meus olhos.

A não ser a cabeça que vez ou outra ela erguia e abaixava, sempre voltada para o rosto da minha irmã, nada naquela velha intrometida se mexia. Nem mesmo quando eu invadia o quarto sem bater à porta ela se assustava. Parecia nem me ver entrar. Devia estar obcecada e aprisionada à respiração da doente há meses estirada naquela cama quente e estreita. Os braços da velha estavam sempre arriados no colo. Eu não entendia também porque usava sempre a mesma roupa. Um vestido rosa, de linho fino, quase transparente.

Apesar de eu ter certeza de que nunca vira um movimento seu, eu jurava para a minha mãe ter visto aquela senhorinha passear os seus dedos curtos e de unhas enormes no rosto ossudo da minha irmã. Não foi uma vez apenas que tive essa visão – ou a impressão.

Naquela época eu sempre acordava às sete horas da manhã para ir para a escola. Estava acostumado. Mesmo durante as férias, era nesse horário que eu despertava. Num certo dia, porém – não sei se pela ansiedade da aproximação do dia de Natal, que era a data que eu mais gostava, mais ainda que a do meu próprio aniversário –, eu acordei mais cedo e corri para o quarto da minha irmã doente. Meus irmãos ainda dormiam. Foi nesse dia que eu vi a velha pela primeira vez. Estava escuro ainda. Empurrei a porta que ficava sempre encostada e entrei no quarto. Arregalei os olhos quando a vi. O susto foi tanto que sequer uma palavra saiu da minha boca. Fiquei a me perguntar: Como ela havia entrado em casa? Eu mesmo havia ajudado a passar as trancas nas portas e janelas na noite anterior!

Depois do susto, corri para o quarto da minha mãe que ficava ao lado e bati na porta. Como ela não abriu, entrei. A sorte é que meu pai só chegava do trabalho pela manhã. Se estivesse no quarto era certo que



me expulsaria de lá com a minha orelha entre os seus dedos calosos. Sacudi a minha mãe que, coberta por uma colcha felpuda e com a cabeça enfiada em dois travesseiros, não reagiu. Balanceia-a com mais força. Foi quando ela, livrando-se dos travesseiros, girou a cabeça na minha direção. Com os olhos apertados e uma cara assustada me puxou para perto dela.

— Deite aqui — disse, tirando a colcha e abrindo espaço na cama.

— Quem é ela, mamãe?

— Oi?

— Aquela senhora no quarto?

— Senhora?! — perguntou-me fazendo um esforço enorme para abrir os olhos — Que senhora, filho?

— Venha ver — disse eu ao lado da cama, puxando o braço dela — Está no quarto de... — Por que levantou tão cedo, filhinho? — ela me interrompeu.

— Eu tô sem sono.

— Chegue pra perto de mim, chegue.

Minha mãe tinha uma mania que eu detestava: mudava de assunto sem mais nem menos. Outra coisa que eu não suportava nela é que me tratava como se eu fosse o seu filhinho mais novo. O caçulinha da casa. Ora, eu tinha seis anos. Ninguém mais precisava me dar papinha, calçar os meus sapatos e nem cortar as minhas unhas. Eu já tinha, como dizia meu pai, um bom entendimento de tudo que se passava ao redor.

— Ela é esquisita! — disse para a minha mãe, ao me deitar ao seu lado, com o nariz a poucos centímetros do dela — É parenta da senhora? Que horas ela chegou?

Eu ainda formulava a última pergunta quando o meu irmão menor, sorrateiramente, entrou no quarto com a mesma cara sonsa de todos os dias. Era sempre assim. Bastava eu encostar na minha mãe e lá vinha ele para cima dela, com a cara chorosa reclamando carinho, arrastando o mulambo nojento. Foi-se achegando pelos pés da cama, se aninhando como uma cobra, enfiando o seu corpo balofo entre a minha mãe e eu. Ficou lá, espremido, grudado nela e de costas para mim. Dei-lhe dois beliscões no pescoço. Foi pior: começou a chorar como se tivesse tomado uma surra de cipó caboclo.

Minha mãe não brigou comigo. Levantou-se da cama e me deu a mão.

— Venha. É cedo ainda pra você estar acordado.

Eu pensei em falar do meu irmão, que já cessara o choro e fingia dormir como um bezerro na cama macia e grande dos meus pais. E que ele, também, precisava deixar o quarto dela e ir para o dele. Mas desisti. Não adiantaria nada. Ela nunca me ouvia. Era claro o gosto maior que tinha por ele do que por mim.

Ao darmos dois passos fora do quarto eu puxei a minha mãe pela mão e apontei para a porta entreaberta onde Claudinha passava o dia inteiro deitada.

— A velha, mamãe. Ela tá aí dentro.

Enquanto eu falava ela se agachou em minha frente. Olhou dentro dos meus olhos. Ficou por alguns segundos sem nada dizer, os olhos espetados nos meus. Quando abriu a boca para falar parecia conversar com alguém que se escondia dentro da minha cabeça, por trás dos meus olhos.

— Deixe o meu filho em paz! — encostou a boca no meu ouvido e falou baixinho — Pelo amor de Deus!

Girei o corpo para trás, imaginando que, além da velha, tivesse mais alguém em casa. Ninguém. Voltei a ficar frente a frente com ela e ajustei o corpo.

— Tá falando com quem, mamãe?!

Ela não respondeu. Pôs-se de pé, mandou que eu ficasse de costas para a porta e entrou no quarto. Nem gastou muito tempo lá dentro. Voltou sem que eu notasse, pegou a minha mão e caminhou comigo até onde eu dormia com os meus três irmãos — duas irmãs e o caçula fingidor. Deitou-me na cama do beliche e me cobriu com o lençol fino. Disse, depois de passar a mão pelos meus cabelos:

— Não vá aporrinhar sua irmã, tá bom? Ela precisa de sossego.

— Ela vai morrer?

O escuro do quarto não me permitiu ver os olhos da minha mãe. Nem mesmo as palavras que sussurrou eu fui capaz de ouvir. Deu-me um beijo demorado na testa e antes de levantar-se da beirada da cama eu a segurei pelo braço.

— Ela se parece com a minha vó. É amiga dela? — Eu me referia a velha

do quarto.

Novamente minha mãe nada respondeu. Mandou que eu fechasse os olhos e pensasse em coisas boas. Despediu-se ajeitando o lençol sobre mim.

O Natal chegou.

De todos os Natais que eu já tinha vivido, aquele foi o mais sem graça. Meu pai me disse que o papai Noel não havia deixado o presente que eu pedi pra ele: uma caçamba de plástico. Disse que o motivo foi o meu mau comportamento e os palavrões que eu soltava, vez em quando. Disse iguais palavras para as minhas duas irmãs. Apenas o caçula recebeu presente. Um carro

grande, todo de madeira com rodas de borracha de sandália e amortecedores de lata. Era bonito de ver o bichinho passeando pela casa com os seus eixos macios sendo puxado pelo barbante por meu irmão caçula. Uma pena que no dia seguinte amanheceu sem as rodas, com a carroceria quebrada e a boleia amassada. Não serviu pra mais nada.

Foram dezoito bolos que eu e minhas duas irmãs tomamos do meu pai. Cada um tomou seis.

Depois dos bolos, com as mãos ardendo, corri para o quarto da minha irmã doente. Deitei na cama e me agarrei aos seus pés. Somente depois de aninhado e protegido foi que dei conta de que, pela primeira vez, após algumas semanas, não senti a presença da velha ali. A curiosidade suplantou o medo que eu sentia. Ergui a cabeça na direção de onde ela costumava sentar. Ela não estava. Alívio e bem estar foram as sensações que percorreram o meu corpo inteiro. Para aonde teria ido?

As minhas mãos, ainda quentes da palmatória, não haviam sentido os pés frios da minha irmã. Foi somente quando o meu rosto encostou neles que pude perceber que não estavam apenas frios, como geralmente ficavam. Estavam gelados. Sem vida. Mortos.

O caixão ficou no meio da sala comprida em cima de dois cavaletes. Meus pais não me levantaram para que eu pudesse ver o rosto de Claudinha. Disseram que ela estava bonita, e sorrindo. Que era assim que eu deveria me lembrar dela.

Dias após a partida dela para o “outro plano”, como o meu pai

costumava dizer, eu fui levado por uma tia para morar na cidade grande. Lugar barulhento e bem distante da cidadezinha onde morávamos. Eu não queria ir. Bati pé firme no chão. Corri para os braços da minha mãe, mas fui alcançado pelas mãos ásperas do meu pai. “Menino espiritado! Desde quando tu tem querer?! Cata as suas coisas e seja grato a Deus, capiroto arredo.”

\*\*\*

Desde a minha despedida da casa de tijolinhos vermelhos, não tive mais contato com as pessoas de lá. Minhas irmãs, fiquei sabendo, treparam na boleia de um caminhão e estão pro lado do Norte; o caçula, a Chagas levou; e os meus pais, desgostosos da vida, foram se juntar ao fingidor e à filha morta. Quem deveria estar morta também, eu suponha, era a velhinha penetra que frequentou lá em casa por vários dias.

Para a minha surpresa, porém, quarenta anos depois, ao retornar de uma sessão de quimioterapia com minha mulher e meu filho, ao entrar no apartamento, a vi, furtivamente, como um espectro, cruzar da cozinha para o quarto. Passei ligeiro pela empregada que abrira a porta para nós e corri atrás dela.

— O que você está fazendo aqui, sua filha da puta? — perguntei para a velha que em pé, de cabeça baixa, na cabeceira da cama do meu filho, nada disse. Quem respondeu foi a minha mulher.

— Tenha calma, meu amor — e saiu me puxando pelo braço — Não fique assim. Você está assustando Luisinho.

Eu já estava de costas para a cama, levado pela minha mulher, quando, tomado por uma coragem que jamais experimentara, decidi encarar aquela criatura odiosa e sinistra. Olharia direto nos seus olhos e a expulsaria do apartamento. Diria umas boas verdades pra ela. Verdades que estavam guardadas no meu peito desde as suas visitas à casa dos meus pais e a mandaria de volta para aonde ela havia saído. Me desprendi das mãos da minha esposa e girei o corpo. Desapareceu.

— Covarde! — disse eu em alto volume de voz — Apareça, velha horrorosa!

Foram longos os dias de tratamento contra a maldita doença trazida das profundezas do abismo pelos demônios mais asquerosos que habitam

entre nós. Doença que me recuso pronunciar o nome. Mas, finalmente, as sessões com as drogas acabaram. A paz voltou ao meu lar. A minha mulher já não mais chorava pelos cantos da casa, nem mesmo quando eu falava das aparições da velha medonha no quarto do nosso filho.

Não demorou muito e uma antiga dor no lado direito da cabeça passou a me visitar. Duas ou três vezes na semana, devagar, foi como recomeçou. Passou a ser diária. Tomava um remedinho e ela ia embora.

O médico disse que a cefaleia era decorrente das exageradas preocupações com a amaldiçoada doença e das noites mal dormidas no hospital.

— Não precisa se preocupar. Com o tempo melhora — Esticou a mão e me entregou uma folha de papel — Por desincumbido de consciência, peço que faça esses exames.

Um certo dia, aproveitando que saíra mais cedo do trabalho e com os resultados dos exames em mãos, resolvi pegar o meu filho na escola. Fiquei aguardando do portão. Lá vem ele, com o boné cobrindo a cabeça lisa, correndo pelo corredor! Antes de chegar no pátio já tinha dado um peteleco na orelha de um coleguinha, puxado os cabelos de outro e tendo sido xingado por duas meninas que deram o dedo pra ele. “Menino endiabrado”, diria o meu pai.

Naquele dia, tarde da noite, sem sono, peguei o envelope da clínica e a garrafa de uísque na estante e fui sentar no sofá. Apesar da minha mulher ter demonstrado certa preocupação com as minhas constantes dores de cabeça, as palavras do médico me tranquilizaram. Passei os olhos nas letras e nas imagens dos exames que nada me disseram e dei mais um gole na bebida. Empurrei as folhas de papel para o lado e relaxei.

O álcool me deixou sonolento. Antes de retornar para a cama, decidi passar no quarto do meu filho para lhe dar um beijo. Ajoelhei-me no tapete, ao lado do abajur de luz fraca. Cobri o peito magro dele com o lençol do Homem de Aço. Alisei a sua carequinha, os cabelos voltando a crescer, e lembrei de um poema que com frequência titia lia pra mim, sempre que me via choramingando pelos cantos da casa com saudade de Claudinha. O nome do poema era A hora do cansaço. Começava

assim: “As coisas que amamos, as pessoas que amamos, são eternas até certo ponto. Pensá-las é pensar que não acabam nunca.”

Na minha frente, do outro lado da cama de Luisinho, sentada de cabeça arriada e trajando o vestido rosa dos tempos que visitava Claudinha, estava a velha. Do mesmo jeito: braços prostrados no colo, pele branca e lisa, olhos inalcançáveis. Eu não saberia dizer, àquela altura da vida, depois de inúmeras aparições daquela anciã, o que a sua presença me causava. Raiva eu sei que não era mais. Medo, muito menos. Talvez tenha a velha, no querer me ver vencido, apelado para a força da fadiga. De tanto me visitar, terminou me fazendo acostumar com a sua aparência bizarra.

Passei a sentir paz.

É provável que, assim como a minha tia, a velha tivesse uma queda por poesia, também. E deveria saber que a hora do cansaço chega para todos nós. O adeus — embora deixe um gosto amargoso na boca — acaba sendo inevitável.

Beijei meu filho novamente e me levantei. Com a mão na maçaneta da porta, girei o corpo e olhei para a velha que, pela primeira vez, me encarou, sentada como estava. Não havia nada de especial em seu olhar, como eu imaginava encontrar. Não era nem feio nem bonito; nem sádico nem piedoso. Nenhuma expressão de horror ou de afeição. Nada. Nada que não o vazio de um grande e profundo sossego.

Antes de seguir para o meu quarto, fiquei ali parado por mais um instante, pensando nas palavras que ouvi sair da boca do meu pai, da última vez que abracei a minha mãe: seja grato a Deus, capiroto arredio.

Fechei a porta, enfim, sem nenhum jeito a dar, e fui descansar.

# MARCELO REIS DOS SANTOS

Marcelo Reis nasceu em 1987 em Salvador/BA. Apaixonado por literatura e inspirado pelas obras de Dante Alighieri resolveu dedicar-se a poesia. Por conseguinte empreende um grande passo em sua aventura literária elaborando um Conto. Sem deixar de mencionar que é um entusiasta do comportamento humano e um eterno estudante de psicologia.

Fale com o autor: [marcelopsi99@gmail.com](mailto:marcelopsi99@gmail.com)

## O HOMEM QUE NUNCA DISSE ADEUS

Já era madrugada quando a Sra. Marta sentia as contrações, suave como se tivesse engolido vários flocos de neve e o calor do seu âmago, expulsasse o líquido derretido de uma forma ríspida pelos seus poros. A sensação de gerar uma vida é indescritível, uma mãe vê esse momento como uma possibilidade de atenuar a angústia que todo o homem se debruça, a solidão. Existe uma força invisível que atrai todos seres para formarem relações, nasce com uma falta esmagadora em seu íntimo, sem saber muito bem o quê, deslocam-se em uma frenética busca que só a morte poderá conter, mas a procura, embora não seja nunca saciada, é amenizada ao encontrar um outro; depositamos toda a nossa esperança nesse alguém, que em nosso imenso desejo, preencherá todo o nosso vazio existencial. O seu marido era um pugilista que largou os ringues para trabalhar como garçom, pois a esposa sempre brigava com ele, temendo que algo trágico acontecesse, a mulher sempre tinha pensamentos negativos e nas vezes que se dedicava ao pensamento reflexivo: enxergava o pior nas coisas. És uma médica, e como a grande maioria das pessoas que exercem tal profissão, a realiza com todo amor e empenho de um artífice. Em um cintilar com muitas estrelas, numa noite que digeria tudo o que via pela frente, o nosso lutador caminha por toda a casa extremamente desesperado sem saber o que fazer, acordou assustado e com a esposa berrando: que chegara a hora, e a sua atenção seletiva mantinha-se em pleno vapor, parecia que estava no ringue, nos tempos áureos do seu exercício como pugilista, movendo-se para lá e para cá, olhando a esposa fixamente. Nas suas lutas sempre tinha um plano contra os seus oponentes, mas dessa vez não tinha um corner, ou seja, uma equipe ao seu lado o motivando e o dizendo o que deveria ou não fazer contra aquele oponente. O engraçado da vida é a falsa sensação de termos algum controle sobre ela, como um leitor que começa a ler determinada história, presumindo o que irá ocorrer em seguida, mas é pego de surpresa com os artifícios do escritor; o direcionando e fazendo vê o que ele quer, o chocando a todo momento com os ardis que a natureza sempre demonstra; como num dia de pleno sol e em poucos



instantes, desencadeia-se um temporal tão feroz que deixaria de queixo caído qualquer meteorologista. A tensão era enorme; decididamente resolve tomar uma atitude, e liga para um grande amigo ao qual ele sabia que se dispunha de um carro, era um carro antigo, herança do pai já falecido, o amigo fez alguns pequenos reparos, o melhorou esteticamente por assim dizer. Lembrou que dias atrás recordava-se dos tempos de juventude nos quais pegavam o carro escondido e corriam pelas Serestas da vida procurando diversão e companhia. – Carlos meu amigo, socorre-me. Minha esposa está perto de ter o neném, já consigo ver os pés dele saltando para fora. “Certo, certo... Já estou indo, espera; como assim os pés? Seu filho está nascendo ao contrário é? Hugo, acho que você nasceu a Fórceps. Calma, logo, logo apareço aí. É possível ouvir o “Pinel” cantando e a Triquetra se balançando de um lado para o outro dentro do carro, a rua estava como se tivesse tido um toque de recolher: das fofocas diárias, dos passos diretivos ao trabalho e ao pequeno mercado, com um fluxo intenso e descontraído, aonde as pessoas de pouco poder aquisitivo passeavam como se estivessem num grande shopping, aproveitando a cada momento, a cada prateleira em busca de belas promoções. Agora os pensamentos oníricos se vaziam presente, em aconchegantes quartos, e perante alguns lençóis suspensos sobre o mar de epidermes, o mundo sonhava e esperava por mais uma vez que o sol pudesse se impor com aquele seu semblante resplandecente, e a imponência que lhe é digna, obrigando a todos, sem exceção, a saírem de suas casas para pagar-lhe o devido tributo. – Carlos seu demônio você vai fazer com que o menino venha a nascer aqui mesmo desse jeito. “ Desculpa Marta, meu afilhado está vindo, então, estou fazendo o meu melhor”. – Como assim afilhado? Não lembro de ter falado que você seria o meu compadre seu louco. Devagar! “Acho que a bolsa rompeu”. -Como assim Carlos? “Olha como está o vestido dela, repleto de líquido amniótico. – O que é isso? Nunca ouvir falar, você poderia me explicar? “Em uma outra hora meu irmão, chegamos”. - Deve ser coisa desse curso que ele está fazendo, lembrei! Ele está estudando para ser enfermeiro, já é quase um Dr. Pera aí, quando telefonei, ele me chamou do quê mesmo? Fóssil? Acho que foi isso, velho é o avô dele. Nasceu, Dante no dia 09/09.

Sua mãe tinha uma superstição com esse número, pois a fazia lembrar do número 09 que muitas vezes fora mencionado no livro “vida nova” de Dante Alighieri. Era uma romântica por natureza, lia clássicos de Rimbaud, Dostoievski etc. Talvez aí esteja a chave para entender o porquê de querer dá esse nome ao seu amado filho. Uma homenagem ao seu poeta preferido. Passado algum tempo, tem a feliz oportunidade de pegar o seu filho; o olhar de uma mãe não pode ser explicado, nem mesmo pelo maior Oftalmologista do planeta; a forma que a pupila e a íris se expressão num conjunto de cores altamente reluzente, não existindo aqui nenhuma adaptação para a obscuridade, ela o vê nitidamente e as suas escleróticas, tão brancas como nuvens sobre o céu, lacrimejam como se quisesse banhar-te com todo o seu amor. - O seu sorriso refletiu nos meus olhos e deixou a minha alma envolta em luz. Já em casa, Hugo pensa que terá que fazer alguns eventos por fora do restaurante em que trabalha para poder ajudar ainda mais em casa, pensou até em voltar a estudar, já que parou no 3º ano do segundo grau. O preparo que realizava para os seus combates, tomavam todo seu tempo, e naquela época estava decidido a se tornar um grande campeão. Assistia lutas em preto em branco para poder aprender com os antigos combatentes. Analisava lutas de Sugar Ray Robinson, Joe Louis, Muhammad Ali, Willie Pep, Eder Jofre dentre outros nomes do boxe mundial. Mesmo com uma estatura baixa, não o impedia de realizar façanhas dentro do ringue. Movimentava-se muito bem e se aproximava com maestria; golpeando com extrema precisão; os seus golpes na maioria das vezes sempre encontravam o alvo. A sua defesa era magnânima e fazia com que seus oponentes precisassem urgentemente de um psicólogo para tratar a frustração de não conseguir tocá-lo. Fez suas lutas no amadorismo, não chegando a ir para o profissional, o qual era o seu próximo passo. Esse fato em si, desencadeava um medo intenso em sua esposa, por conta de já ter presenciado ao lado do marido alguns embates entre os lutadores profissionais e ter visto a intensidade dos machucados sofridos pelos grandes gladiadores, ora muito amados em tempos de espada e lança; aqueles que em muitos dias, vermelhavam o chão de Roma, em resposta, aos estímulos excitantes do Coliseu. Ela não gostava do

esporte, mas no nível amador ela tolerava, pois existia uma certa proteção e eram poucos rounds, sendo assim, poucos nocautes eram presenciados. Muitos acreditavam que ele era uma promessa, e que seu estilo cairia bem no profissionalismo. Em algumas ocasiões se perguntava o que aconteceria se continuasse em sua carreira de boxeador, destarte tinha uma grande possibilidade de sucesso com seu Record de 39 lutas, 37 vitórias, 02 derrotas; sendo que dentre as suas conquistas, 25 delas, foram por nocaute. Pelo fato de ser um estudioso do boxe, também enxergava com nitidez o lado ruim do esporte e as sequelas que alguns lutadores carregavam após anos de trocas francas, round a round. Seu pai era pescador, viveu de forma simples todos os dias de sua vida e aprendeu com ele: amar a natureza, o silêncio interior, ou seja, a paz advinda de buscas sem ganância. Com o tempo aprendeu a praticar o boxe apenas como uma forma de manter a sua qualidade de vida. Apesar de muitas pessoas quererem que ele voltasse a competir, para que ele não perdesse uma esperançosa oportunidade de ficar rico, mas eles só viam a oportunidade deles mesmos aumentarem as notas em seus bolsos, e as custas do pequeno, grande Hugo. Sempre que estava atormentado com as ideias alheias, pensava no que seu amigo Carlos tinha dito a ele, quando pensava em parar com o boxe por causa de Marta. “ Não faça de sua vida um lugar para as vontades dos outros, a única pessoa que eu quero que siga: o seu pensar”. As vezes se via refletindo sobre essa frase e se tomara a decisão correta em ter parado com o seu esporte no seu modo competitivo. Marta agora se vê em outra rotina embalada com seu bebezinho, agora desfrutando de sua licença maternidade, pois desde que conseguiu o emprego de professora nessa escola, ainda não tinha gozado de férias alguma. Há muito tempo suas amigas a falavam para tirar um tempo para ela se distrair, viajar, conhecer novos ambientes, mas sempre dizia que lecionava por amor a profissão e não conseguia se ver afastada da sua vida de docente, falava que tinha uma missão com a juventude, pois essas são as que poderão trazer alguma mudança significativa para a nossa sociedade, já que a corrupção assolava o país e a violência nas grandes cidades era algo doloroso para ela, pensava muitas vezes em viajar para o exterior, pois tinha

familiares que residiam em alguns países da Europa. – Os precisam de mim o tão quanto preciso deles; as pessoas estão dia após dia mais enfermas em suas atitudes, elas não sabem o que fazer com a sua liberdade Mônica. “Realmente, tenho que concordar com você, existe atualmente tanta imbecilidade nas pessoas, com pensamentos egoístas.

A Universidade

em que elas ensinavam, na sua estrutura, tinha uma forma que lembrava a construções antigas, que vemos em livros de história; sua fundação é datada do século 19 mais precisamente. Marta se formou na mesma universidade que agora ministra as suas aulas, comenta que tinha uma pequena igreja dentro da universidade, a propriedade é da igreja Católica, conta que gostava de frequentar as missas, as mesmas eram realizadas em latim e que não entendia o significado de nenhuma das palavras ditas pelo Padre. Trazia consigo uma história guardada a sete chaves,

lembrava de ter visto um fantasma com uma faca na mão; ele a observava com um olhar fixo e escrevia palavras no ar a partir da lamina afiada e como pequenos pedaços de nuvens, em formato de letras ganhavam forma. Como em um despertar acabou recordando o que tinha escrito na mensagem. As suas amigas conversavam entre si e não entendiam o que ela tinha visto em Hugo, um homem ignorante academicamente falando, embora agora estivesse estudando, por muito tempo tinha se afastado do caminho do conhecimento. Agora detinha diversos cursos e amava as letras como ninguém. – Marta você está bem? Marta! – Desculpa, verdade Mônica. Não existe uma terceira ou quarta opção, é uma redução do nível de sinapses em suas cabeças. Não é de se estranhar se voltemos a discutir sobre geração espontânea, já que ultimamente tenho a ideia fixa que esses elementos surgiram de objetos inanimados, como pedras por exemplo, não aceitam as formas divergentes de existir, querem que tudo seja igual, a única forma de ser no mundo, é na simples e taxativa maneira que eles veem as coisas. Quando vai ser o dia que o mundo vai aceitar as diferenças exteriores e interiores, o lindo da vida é diferenciar, sem distanciar; aproximem-se do seu dessemelhante. Recitava assim, um verso poético que gostara muito. Assustada Monica olhava para amiga. –Marta do que você está

falando? Só perguntei se não já estava na hora de ir para o Hospital. –Perdão estava distraída em meus pensamentos, perdoe-me. Agora amamentando o seu filho, rir das conversas tidas com as suas colegas de trabalho, e que são as suas amigas fora dele, exclusivamente “Môni”, sua melhor amiga. –Nossa ela deve estar pensando que estou ficando louca. Preciso de companhia, acho que estou ficando muito tempo sozinha deve ser isso, ultimamente tenho me afastado das pessoas, é como meus sentimentos por elas tivesse se enfraquecendo cada vez mais. Esqueci de contar a ela sobre o médico que fez o meu parto, como era lindo, parecia um Deus grego. Rubem, Dr. Rubem lembrei. Ao passear pelo corredor Hugo se depara com Marta em seu quarto, fica ali paralisado, nesse momento fica atônito e contagiado pela expressão mais imperiosa que um ser humano poderia ter – O meu maior tesouro está em seus braços Marta, Você não sabe o quanto estou feliz, vou dar a ele tudo o que não tive. – Só não podemos mimar demais Hugo, pois ele será filho único e não quero mais passar por isso, sinto-me extremamente recompensada de poder ver esse sonho se tornando realidade, mas o processo, tenha dó; parecia uma pata remando para lá e para cá, vendo os meus pés inchando. Não quero! Dante você será o meu único amor; ele será o meu pequeno Aquiles. – Sim. Será um guerreiro, um lutador. – Só por cima do meu cadáver Hugo. Nem venha com os seus pensamentos idiossincráticos. – Hum? Só brincadeira amor, ele será o que quiser ser; o apoiarei em tudo que for digno. – Amor, vou precisar muito de você nesse momento, te amo muito. Promete que sempre estará comigo? Deixe-me ir o mais longe que você puder, mas sem nunca soltar as minhas mãos. – Ficarei contigo e com o meu filho, pois são as preciosidades da minha vida, vocês me enchem de alegria, não lembro de algum momento nesse meu trajeto que me fez ficar assim. Como queria que esse instante específico se congelasse, como se fosse um retrato de algum pintor famoso que todos apreciam, mas só eu tenho a exclusividade de poder olhar diariamente para ele, uma pintura do Deus vivo. – Nossa Hugo, de onde surgiram essas palavras tão bonitas? Nunca o vi falar dessa maneira. – É a inspiração que vocês são para mim, arrancam e trazem para fora o melhor de mim. Com vocês eu sou o melhor homem do mundo. Marta estava

novamente a sós e de repente percebeu que o quarto ficara muito frio, - Nossa que frio, mas está um sol tão forte lá fora, o que está acontecendo? O fantasma surge novamente e dessa fala com a mesma -a dívida é filha do seio da terra. Desaparecendo em segundos, o mesmo sumiu sem deixar rastro. Marta ficou em prantos, na sua testa escorria um suor tão denso que parecia que todo o liquido do seu corpo tinha sido expelido de uma só vez. “Carlos pensando” -Nossa, o meu amigo já é pai, como o tempo passa rápido; anos atrás estávamos curtido por aí, indo de barzinho em barzinho, bebendo e flertando com as garotas. Agora me sinto um pouco solitário, com quem vou sair agora? Vai se dedicar inteira e exclusivamente a sua família. Não estou pronto para ser pai, quero curtir minha vida, aproveitar cada segundo diante do caos provindo de cada estrogênio. Passara alguns anos e o bebezinho tinha 9 anos agora - Mãe, compra uma revista em quadrinhos? - Claro que sim. Qual é a que você quer? - Essa aqui, é a continuação de uma que eu tenho em casa. Dante, agora desfruta da sua imaginação, ama a sua coleção de gibis. A leitura o transportava a terras hostis com super-heróis que combatiam o mal a todo custo, e que eram providos de superpoderes. Amava o mundo da fantasia, conseguia sair do realismo para encarar as mais alucinantes aventuras, por conseguinte iria percorrer lugares misteriosos, repletos de magia. Pensava que o mundo inteiro deveria ser assim, com essas aventuras. Muitas vezes o boletim escolar de Dante vinha cheio de observações dos seus professores, informando que o pequeno herói vivia no mundo da lua, ou seja, se comunicando com o seu interior; um fluxo de pensamentos complexamente elaborados. Por conta de Hugo ter uma rotina de trabalho fatigante, não tinha ninguém para olhar o garoto e a mãe o levava para o seu trabalho e o deixava brincando com uma máquina de escrever, divertia-se com aquelas teclas quase saltando, e os sons produzidos reforçando e mantendo o seu comportamento de uma forma tão imperiosa; fazia com que todo o esforço empregado para conseguir acertar aquelas letras, fosse imensamente divertido. Quando chegava em casa deparava com as máquinas de costuras da avó e pressionava o pedal como se fosse ali um veículo que o encantava. Dizia a mãe que quando crescesse seria motorista. A mãe

logo percebe que é preciso dar algum tipo de ocupação a ele, e o matricula numa escola de natação, ao chegar em sua primeira aula, consegue identificar um som de um piano. E ouve uma bela voz, alta e aguda: “A dívida é filha do seio da terra” Era como se a pessoa soletrasse repetidamente as vogais, entretanto, a única palavra que era expelida com tanta força exigindo um pulmão com suas condições róseas mais nobres era a palavra “seio”. Parecia que a arte estava sempre presente em sua vida, com tudo não entendia as pequenas e sutis mensagens provenientes do ambiente ao seu redor. Nadava como um verdadeiro peixinho, como se naturalmente fosse crescendo nadadeiras e barbatanas pelo o seu corpo, o professor logo percebeu que ele amava a água como ninguém. Pediu autorização dos pais para escrevê-lo em algumas competições. Então iria colecionar inúmeras medalhas. Gostava de tocar o fundo das piscinas, mesmo aquelas que eram bem fundas. Sentia-se em outro mundo, um mundo só seu e que a sua entrada era a única permitida. Era introvertido em sua essência, mas não era assim o tempo todo, gostava da interação com os outros amigos e era muito querido por eles. De fala reduzida, escutava mais do que falava, mas quando queria falar emitia uma intensidade em suas cordas vocais, como se quisesse passar alguma mensagem para as pessoas, mas que não sabia bem o quê, mas divagava e se perdia com tantos pensamentos brigando para ser os primeiros a encontrar a porta de saída. Ao passar dos anos acabou ficando mudo e mesmo depois de uma bateria de exames não se descobriu o que tinha ocorrido para que do nada perdesse a habilidade de se comunicar através de suas cordas vocais. A visão, audição e seus pensamentos viraram os seus mais íntimos confidentes. Não precisava de mais nada, a sua imaginação ditava as regras. O seu silencio era torturante para alguns, mas para aqueles que adoravam falar era uma preciosidade. Já que para a maioria das pessoas estavam predispostas a falar mais e ouvir menos. As revistas em quadrinhos foram ficando para trás e dava lugar as namoradas, as aventuras com os amigos e faltar frequentemente as aulas esportivas e escolares que com o tempo perderam o seu encanto, e transformavam-se em obrigações. Rebelou-se contra as regras e normas impostas pelos seus pais e sociedade; agora era um

adolescente com seus dezessete anos e aproveitava cada segundo como se fosse o último. Os filmes viraram a sua forma de captar parte da arte deixada de fora com seus antigos gibis. Conseguia ficar longas horas na frente do monitor. Enquanto assistia o filme recordava-se de uma pergunta feita pela sua professora de filosofia, que perguntou em sala de aula se eles programavam a vida, ou deixavam a vida o levar para onde ela quer. Prontamente com um olhar fixo em sua preceptora pensou. -A vida é cheia de regras e normas nos dizendo o que devemos ou não fazer e todos acabam velhos, reclamando porque não aproveitaram suficiente a vida. Aproveito o momento, a minha liberdade de não escolher nada, apenas aceitar o que vem de bom grado. Escolho ter a responsabilidade de não ter a sua influência em minhas ações, pois o meu pensar já está cheio dela e tenho a cautela de viver meus momentos sem alarde, pois o que é despercebido da consciência eterniza no coração. Dante Refletia no seu quarto sobre aquele momento e pensava se a vida deveria ser ou não ser planejada. Então aparece o fantasma. Dante vê o seu corpo inteiro congelar. -Você pode até não acreditar, mas a sua vinda foi planejada pela sua mãe e ela tem que pagar a dívida ou a loucura aparecerá, já que a dívida é filha do seio da terra. -O que ela pediu a você? Nossa estou ouvindo a minha voz novamente. -É porque foi permitido. Eu sou apenas o cobrador, ela deve a outro. As promessas devem ser cumpridas, as pessoas têm que honrar os acordos. A vida só é vivida de forma ordeira quando se cumpre o que se foi prometido. -Você ainda não disse o que ela pediu. -O “seio” caro Dante o seio. Dante foi depressa se encontrar com a sua mãe, pressentia que algo terrível acontecera. Viu o pai pelo caminho e perguntou sobre a mãe, mas o pai fazia vários sinais que não estava conseguindo ouvir nada do que ele estava falando. Ele então percebeu que perdera novamente o dom da fala. Começou a usar a linguagem de sinais e o pai respondeu que tinha deixado a mãe no hospital. Dante correu desesperado ao encontro da mãe, mas chegando em casa não a encontrou, olhou todos os cômodos da casa, mas não conseguiu encontrá-la. -Aonde será que está a mamãe? Rapidamente lembrou das palavras do fantasma. Divida, seio e terra. Ele prontamente correu para o fundo da casa aonde fica o quintal e



percebe uma cova aberta com uma lapide; algo estava escrito na mesma, mas estava em um idioma que ele tinha total desconhecimento. O fantasma apareceu novamente. –Onde está minha mãe? --Eu não sei meu caro amigo, a mim nada foi revelado. Percebera que novamente podia usar linguagem verbal. –O que você quis dizer com “seio”? –Ainda não está na hora de se obter respostas. O fantasma parecia sorrir para ele. Um riso com uma expressão maléfica. Vou lhe apresentar o meu chefe, pois só ele tem poder para responder seus questionamentos. Vá até a praça que tem uma torre grande e procure por Dr. Lasarte. Nessa região ele é bastante conhecido e saberão aonde encontra-lo. Dante apressa os passos e chega no local indicado. Ele pergunta a um ambulante se conhece o Dr. O mesmo que o fantasma tinha lhe dito e o homem se assusta com a sua presença e dá alguns passos para trás. -Te assustei? O homem ri e diz: ali, fica logo ali. Ele então consegue visualizar um prédio grande e branco com o nome: Centro psiquiátrico Dr. Lasarte. Ele logo se dá conta que o homem compreendeu o que ele dizia. A sua voz tinha voltado outra vez. Ele caminha a passos largos e encontra uma enfermeira e logo pergunta pelo Dr. Lasarte. Ela o examina com os olhos e fala: - Dr. Lasarte não se encontra, ele morreu há um século atrás. Esse centro psiquiátrico foi construído em sua homenagem pelas suas pesquisas que proporcionaram uma imensa contribuição para a Psiquiatria da época e seus frutos são colhidos até hoje. Deixa eu te falar algo, iria acabar esquecendo de mencionar; aqui no fundo do hospital tem um Jazigo onde se encontram alguns médicos que marcaram época inclusive o Dr. Lasarte. –Aonde fica? Queria muito ver! – Você segue por este corredor e vira à direita, segue reto e depois você irá virar à esquerda; não tem como errar. -Há deixa eu te contar mais uma coisa. Esquece, pode ir. Aonde será que andava, voltou por espontânea vontade. -No caminho ele percebe uma fotografia no caminho, ele para e vê a fotografia da mãe com algumas pessoas que parecem ser alguns internos e as outras pessoas parecem ser funcionários em uma espécie de confraternização. Logo ele percebe que está vestido com as mesmas roupas que as outras pessoas estão usando. O seu coração dispara e ele sai correndo e encontra o Jazigo e começa a observar e de repente

encontra a do Dr. Lazarte com algo escrito, mas ele não consegue decifrar e logo passa um médico por ele. -Dr. -O que houve? O que te incomoda colega? -Você me conhece? Claro que sim, conversamos muito ontem, não se lembra? -Não. -Tudo bem, não faz mal. O que você deseja? -O que quer dizer essa frase aqui? -Foi escrito em latim. Que significa: A dívida é filha do seio da terra. Dizem algumas pessoas que ele fez uma promessa a mãe terra que não teria filhos e não iria descansar em paz se não vivesse para ajudar as pessoas; os filhos que teve foram os seus próprios pacientes a quem se dedicava o máximo que podia, e literalmente se dedicou até o último dia da sua vida. -Obrigado Dr. -Disponha Marta. Perdão Dante, acabei me confundindo. O Dr. Rubem anda com a mão na cabeça. -Que descuido. -Dr. Você não sabe quem voltou. -Eu a vi e conversamos um pouco, acabei chamando ela pelo nome, ainda não me acostumei de ver uma estimada colega como ela acabar parando aqui. -Com certeza Dr. Não é nada fácil e como ela se apegou tanto ao filho que perdeu no parto ao ponto de se tornar o próprio filho.- Pois é, O Hugo nunca mais veio procurá-la. Está sozinha e não conseguiu atenuar a angústia que todos os seres humanos se debruçam.

# RUDIMAR NUNES FRAGA

Filho de Aldomiro e Iolanda nasceu em Porto Alegre em 21/07/1958. Aos seis anos foi posto para estudar, tomou gosto. Coursou Primário e o Ginásial no próprio bairro onde nasceu: Belém Novo. Depois foi cursar o Científico no Colégio Inácio Montanha. Antes que me esqueça, todas estas escolas por onde passei eram públicas. Após, ao sabor do Deus mercado, teve alguns empregos ruins e outros piores. Neste meio tempo ingressou na Faculdade Porto-Alegrense, bacharelando-se em Ciências Contábeis, curso que consumiu todos os seus recursos. Nos idos de 1985 já formado e cansado de não conseguir algo que prestasse como emprego resolveu dedicar-se aos concursos públicos. Deu certo. Participou de uma meia dúzia que se lembre. Passou em três com certeza. Elegeu a Previdência Social onde labutou com muito orgulho por 20 anos. Neste tempo logrou passar no vestibular da Federal do RS onde se graduou em Direito. Em 2007 acabou na Receita Federal. Nesta, igualmente orgulhoso, permaneceu por doze anos. Por fim aposentou-se. É casado com a Elizabeth e tem uma filha, a Júlia. Resolveu deitar tinta no papel na primeira década do século XXI. Talvez escreva para esquecer traumas e exorcizar seus demônios. Dá resultado.

Fale com o autor: [rudifraga@gmail.com](mailto:rudifraga@gmail.com)

## AREUNIÃO

Cheguei cedo aquele dia. Credo! Como cheguei cedo para o encontro deliberativo. Nem dera nove da manhã. Nossa reunião mensal começava as nove e trinta, horário de vagabundos diria meu avô. Passo o tempo. Enquanto aguardo o início dos trabalhos fiquei observando os pormenores da sala onde a mesma se daria dali a pachorrentos e enfadonhos trinta e cinco minutos. Nada escapou da minha varredura visual. Quadros de ex-presidentes ornavam as paredes. Rostos retocados para mascarar verdade do tempo. Algumas fotografias com paisagens contemporâneas da cidade. Belas por sinal, de bom gosto. As imagens haviam captado diversas edificações, todas estavam associadas por uma mesma característica, o descaramento humano para com elas. Edificações antigas ou não tão antigas, mas, todas abandonadas a sua sorte. Foram apanhadas em tomadas e ângulos que valorizavam o que ainda possuíam de belo, de encantado. Conseguira o fotógrafo remover das imagens o que pareceria, num primeiro momento, feio e sujo. Vou perguntar aos colegas de infortúnio que logo ali adiante verei quem seria o seu inspirado autor.

Uma mesa grande e quadrada onde cabiam seis pessoas se tanto, inadequada para eventos deste naipe, melhor seria as ovaladas. Sem dúvida as ovaladas são bem melhores, a experiência assim ensinava. Um sofá grande de quatro lugares ao que se somavam seus dois inseparáveis acompanhantes de um lugar só. Todos de coloração esverdeada, sem exageros, nada agressivo ao olhar como manda o figurino de interiores associados com o trabalho humano. Um armário baixo de duas portas que resistiram as minhas curiosas investidas. Estava devidamente chaveado. Ah, ia me esquecendo, a mesa era de tons marrons e estava acompanhada por seis cadeiras onde se visualizava a primazia dos elementos madeira e metal, mais do primeiro e menos do segundo. Depois, pelo ato de nelas sentar, seus usuários sentiriam na espinha dorsal o quão incômodas eram, bastava uns minutos para querer saltar delas e direcionar impropérios à mente miserável do designer que as engendrou. Que adiantava serem belas aos olhos se fazia o corpo sofrer.

Bom, talvez tal desenho torturante tivesse um propósito. Pensei num objetivo muito salutar, talvez fossem para arrefecerem o ânimo das reuniões levando-as a menor duração possível. Tomara que sim, tornei a pensar, e dei graças por esta heureka, esboçando um sorriso ladino. Havia muito que bisbilhotar antes da chegada do próximo membro do colegiado. Enganei-me triangularmente, logo em seguida adentra a sala o Senhor Presidente. Suado. Manchas de suor eram visíveis em sua camisa desbotada pelo uso. Eis um sujeito pão-duro. Tinha vindo caminhando por cerca de um quilômetro e meio, talvez mais, através de um calor de mais de trinta e tantos graus. Não havia encontrado lugar para estacionar gratuitamente à rua perto da nossa sede. O fato de pagar estacionamento o deixava visivelmente incomodado. O ato de pagar por qualquer coisa o deixava incomodado. Carregava uma pasta de couro preta. Pelo menos nalgum tempo do passado tenha sido de coloração preta. Estava desgastada, velha, puída, enfim imprestável. Ela trazia em seu bojo as desesperanças e chatices da nossa pequena assembleia.

Torturante. Enfadonha, não só por ela mesma reunião, mas igualmente por um ou outro partícipe sempre ávido por ter a palavra, por ter todas as palavras, sempre de mãozinha levantada pedindo a vez para discursar, para discutir à exaustão da paciência até estufar os sacos alheios. Estão sempre prontos para examinarem detalhadamente o tema da pauta, o subtema tirado por eles mesmos do tema da pauta, enfim, como disse, vencendo os limites da nossa virtude de suportar a infelicidade de ouvi-los. Os excelsos diretores vão chegando. O de Finanças, sempre alegre, não importando a ocasião, mais adiante o Jurídico, com seus óculos de aros da cor lilás. Na sequência, de par, se achegam o Administrativo e o nosso Secretário, um magrelo amante de pormenores e formalidades. Para ele era: “Dane-se o conteúdo, viva a forma”. Tinha uns trinta anos. Transportava em seu corpo o conservadorismo de um ancião tribal. A sala vai sendo tomada. O ar pesa quinhentos quilos, uma tonelada, devo suportar, tenho de suportar.

A Diretora de Eventos adentra triste como uma pomba molhada, ingressa ao badalar das nove e trinta. Seu rosto irradiava um contínuo

pesar. Tudo devido a uma boca tipo chorosa, olhos gachos e cabelos mal cortados. Contribuíam para a configuração melancólica roupas em desmazelo além de mal escolhidas ao seu tipo físico. No final de tudo, somando-se e diminuindo-se se concluía: era feia. Foi excelente escolha para completar a Diretoria. Poderia se pensar num primeiro momento o contrário, mas não, ela era de elevada competência e se podia nela depositar a mais robusta confiança. Organizava com esmero e baixo custo seminários, festas, cursos etc. Um pouco atrasados aparecem o Diretor de Relações Intersindicais e o Vice-Presidente. Com eles, quase se batendo na porta, a Diretora de Comunicação Social, esbaforida. Responsável pela interface com as demais organizações públicas ou privadas com relevo no trato com os órgãos midiáticos. Era boa, era boa nisso.

A egrégia Diretoria Executiva da entidade corporativa somente possuía duas mulheres, da outra, já nos reportamos, malvestida, feia e extremamente competente. A esbaforida Diretora de Comunicação cabia o venerável papel de ser a gostosa da turma. E realmente ela fazia bem este papel. Era isso e mais com todas as letras e números. Vinte e sete anos, solteira, constantemente apresentava um namorado de ocasião. Medidas de encher as medidas. Na maioria das vezes usava roupas colantes sejam minissaias ou calças jeans. Não tinha noção de adequar à vestimenta de acordo com o evento, Deus é bom. Dávamos, os homens da diretoria, quiçá nove fora o do aro lilás, imensa e esmagadora preferência aos trajes curtos. Que venham, sonhávamos em vigília. Há, não posso esquecer o “short”, assim no singular mesmo, pois, foi só uma vez que usou, infelizmente. A baba encharcou o carpete da sala. A reunião patinou após quatro horas de olhadelas furtivas, sussurros e agitos. Restamos vencidos pelos argumentos da ala lilás, a mesma acabou transferida “sine die”. Os prazos que se danem.

Que eu me lembre nunca mais foi retomada aquela pauta. Constrangidos por nossa performance de idiotas machistas, afinal que outra atitude poderiam tomar aqueles diretores criados em meio a uma cultura que definhava e eles eram seus últimos representantes. Nunca mais falamos sobre aquela reunião, a não ser por uma fala do Diretor de... Que algum dia depois me segredou, estávamos numa festança, ele

havia bebido acima da conta. Balbuciou que durante a reunião inacabada tivera uma ereção e teve de ir ao banheiro “socar uma”. Foi bem deste jeito que falou: “socar uma”. Na ocasião da dita reunião, sem dizer palavra, retirou-se da sala com uma pasta na frente das calças e foi se aliviar no mictório. Duplamente incomodado, uma pela lembrança da reunião e duas pelo desa (bafo) alcoólico não retomei o assunto da “socada”, nem com ele, nem com mais ninguém.

O nosso Presidente, em segundo mandato, ávido em dar início aos trabalhos, começa a contar quantos somos: um, dois, três... Oito... Alguém viu o Jurídico? Estava aqui a pouco, alguém diz que deu uma saidinha... Bem, então, podemos começar, somos nove diretores. Faziam-se necessários um mínimo de nove diretores em exercício para o pontapé inicial ser dado. O denominado “quórum” de instalação. Para deliberações sobre qualquer tema, relevante ou uma baboseira qualquer como: Qual espécie de água mineral se deveria adquirir, com ou sem borbulhas? Um dos tópicos da pauta. Assim rezava o onipresente Regimento Interno baseado no onisciente Estatuto da Entidade, construído pelos pais da entidade em sua sagrada fundação e devidamente registrado no cartório. Querendo decidir, era obrigatório o sufrágio favorável de, no mínimo, cinquenta por cento dos presentes para aprovar qualquer coisa. Resolvemos a pendenga das decimais, simplesmente desprezando-as. O valor fatal era então alcançado pelo arredondamento para o número inteiro imediatamente posterior ou na forma do linguajar popular: arredondamento para cima.

Num exemplo ilustrativo, no caso daquela nossa reunião, éramos nove, metade disso dá quatro e meio. Impossível no mundo dos fatos obterem-se este número de votos. Logo, solvíamos a questão aplicando a regra do arredondamento para cima. Regra não prevista no onisciente estatuto. Tal qual Deus para a vida, ele permitia lacunas e mistérios que deveriam ser preenchidos e descobertos por nossa inabalável fé. Retornando à reunião, seriam cinco as manifestações válidas para decidirem a favor ou contra a água ter ou não borbulhas, aproveitando a carona daquele esdrúxulo exemplo.

Em nosso grupo para meu dissabor e inchaço abdominal vencia sobranceira a legião dos que queriam e ansiavam pelas bolinhas.

Compravam-se mais garrafas com o carbônico. Os derrotados, esta minoria “xarope”, solucionavam o problema dando sacudidelas na garrafa e, muito cuidadosamente, para não jorrar feito gozo, iam abrindo a tampa plástica devagarinho, devagarinho... Permitindo, pouco a pouco, a saída do indigesto gás até ficar o líquido a contento para consumo. Meu consumo.

Abre-se a pauta, inverte-se a pauta, tudo ao sabor das idiossincrasias momentâneas do agrupamento de diretores. Há os que trancam a pauta, os que a fazem andar e, finalmente, os que não estão nem aí para a agenda da reunião. Levantam, pegam água ou café, vão ao banheiro, dão um pulinho na sala ao lado para acessar o correio eletrônico ou principiam aquelas olhadelas espichadas pela janela para ver sabe-se lá o que. Talvez uma saída de tudo aquilo. Não existe saída de uma reunião, se entramos numa, devemos, por honra, nela prosseguirmos até o fim. Há muita gente sem honra. As reuniões são relevantes para que se decida qual dos partícipes é o mais arrogante ou o mais chato, o mandão ou o sabe-tudo, o desinteressado, o desinteressante etc. Muitas vezes ocorre a acumulação destas qualidades num só vivente. Indivíduos por quem tínhamos o maior apreço antes de uma reunião, após uma, passam quase imediatamente, um encontro basta, ao rol dos intragáveis. Outros, sobre os quais já nutriamos certas restrições, transformam-se, ipso facto, em odiáveis criaturas merecedores de dois balaços na nuca.

Nem tudo é ruim, sempre há o cafezinho, quentinho. Um misto de cevada e milho com essência de café. Forçando a percepção das papilas gustativas à exaustão é possível, bem possível, sentir-se o sabor de fundo do fruto do cafeeiro. Ou será somente ilusão do paladar? Essências artificiais? Pois, se bebemos algo chamado café nosso cérebro habituado com o verdadeiro café interpreta a “coisa” que degustamos chamada de café como realmente café! Parece dar certo. Todos consomem o líquido preto sem nem cara feia fazerem. Percebi isto hoje. Também bebo dele todo, sei lá. Chega. Vamos enfrentar o primeiro item da agenda. Reajuste salarial para os funcionários da entidade. Importante e polêmico foi puxado do fim para o início, a tal de inversão da pauta.



Entre igepes e ienepeces qual o índice mais correto a representar a perda do poder aquisitivo da moeda? A entidade teria condições de arcar com o reajuste remuneratório? Poderia ser fracionado em duas ou mais parcelas? Quanto em percentual? O dissídio coletivo da categoria havia chegado? Muitas perguntas, poucas informações, sem dados suficientes não ocorre deliberação. A culpa é de quem? Alguns reclamam que vieram principalmente por esta situação e blá, blá, blá. Deliberamos avançar na pauta deixando para uma reunião extraordinária a decisão sobre o reajuste. Passamos na sequência a decidir o dia deste encontro extra. Fui ao banho esperando sinceramente que quando estivesse de volta à coisa toda tivesse terminado e a data definida. Qual nada. Idas e idas, voltas, ficou o decisório para a próxima quarta-feira.

O segundo item da agenda. Quantos iriam ao congresso sobre Transparência Pública? Abro um parêntese para referir que transparência em demasia leva o ser que observa há enxergar muito pouco, pois enxerga além da coisa transparente e não percebe a coisa em si. E mais: Quem iria ao evento? Haviam liberado recursos para cobrir as despesas de cinco vagas. Tirando um pré-candidato ninguém parecia demonstrar, até àquele momento, vontade de se deslocar. Quando confirmado o local, a bela e paradisíaca cidade do Rio de Janeiro. Quatro exuberantes dias num hotel cinco estrelas na Barra da Tijuca, Zona Sul, tudo pago, translados, comida... Tivemos de fazer uso do sorteio em vista de tantos interessados. Não tive sorte, vou ao próximo. Será realizado na exuberante e paradisíaca capital do estado de São Paulo. Grande obra dos Jesuítas. Não fiquei triste, Sampa tem uma garoa inigualável... Bares e restaurantes interessantíssimos, arquitetura variada de encher os olhos, lugares ótimos para se dar vazão ao consumismo que nos consome. Estado de cinquenta por cento do PIB nacional etc e tal. Racionalize meu amigo, fica melhor, desce leve.

O terceiro item da pauta. Há uma antiga cantiga infantil, entoada mais ou menos no embalo destas palavras: “O terceiro me chegou como quem chega do nada...”, cantilena do personagem feminino da brincadeira pueril que me lembro “now”. Rememoro por inteiro a

minha infância. Eu era esse terceiro interessado no corpinho da atriz principal, a cantante Ana Paula, Aninha. Eu queria, mas se o tivesse – tinha nove anos – não saberia o que realizar com ele. Aninha nunca me aninhou em seu seio quase juvenil, tristeza. Boas memórias de uma infância feliz. Outro terceiro nos conclama a retornarmos à pauta, a digressão à infância me pareceu inútil, mas fui e voltei ainda na reunião. O terceiro assunto sobre o qual devíamos debruçar nossas impolutas e virtuosas inteligências era se: devíamos ou não adquirir a propriedade de um novo triturador de papéis. Marca e tipo, valor, se triturava só papéis ou outros objetos mais resistentes deviam povoar nossas mentes privilegiadas. Medito longamente e não encontro nos meandros do meu cérebro o termo final desse processo eletivo. Que bom! Sumiu de vez da memória.

Tentando passar despercebido, mui cautelosamente, de soslaio abri o telefone celular buscando no seu visor, no cantinho direito, embaixo, pousar meus dois olhos nas horas que eram por àqueles momentos. O relógio envelhecido estava aposentado. As pessoas davam preferência ao fone móvel para “ver” as horas e os minutos. Meu aparelho era destes de se abrir por um movimento sincronizado dos dedos. Enquanto o polegar empurra, deslizando no sentido de “para cima” os demais dedos, em conjunto, por detrás, empurram para baixo. A atividade deste modo efetuada “abre” o aparelho, desnudando o teclado alfanumérico para utilização. Entretanto, um problema ocorreu. A campainha do aparelho estava no volume máximo e, quando foi “aberto”, disparou um alarme de aviso desta atividade de “abertura”.

O som emitido um tlim ou plim ou tlam, sei lá, difícil distinguir, atraiu a atenção dos presentes. Voltaram suas cabeças ladeadas de orelhas para este constrangido Diretor. Sorriso amarelo foi o que pude devolver aos seus olhares questionadores. Eram 11h08min. Evitando novamente chamar a atenção suspirei moderadamente. De nada adiantou um que outro dos presentes notou minha conduta de enfado. Só pude confirmar lhe enviando uma franzida de sobrancelhas. Uma coceira se alastrava pela minha epiderme. Recuperei com todas as forças da minha personalidade a máscara de seriedade que pouco antes cobria a minha desfaçatez facial. Se não me engano obtive razoável sucesso.

A água com gás findara. Azar deles. Não sei por que as pequeninas vicissitudes que assaltam aos outros me proporcionam um sensaçõzinha agradável de mediana alegria, aquilo de ah... Se fud... Deram-se mal. A nossa essência humana pede por isso. A consciência de sabermos que logo ali em seguida, ou antes, outro ser da mesma espécie vai sentir também o sabor amargo da derrota, vai, tal qual nós, ser inoculado pelo veneno do mundo. Toda vez que nos damos mal que sofremos que uma infelicidade nos atinge esse sentimento – com os outros também acontece – funciona como bálsamo refreando e atenuando a dimensão da nossa própria desgraça. Sabermos que merda acontece com todo mundo nos faz bem. Todos são vulneráveis. Tiveram de beber água sem gás. Bebiam a contragosto fazendo cara de quem não gostou. O fato repercutiu em mim. Àquela sensaçõzinha de satisfação permaneceu.

Por favor, não me condenem antecipadamente. O que lhes foi repassado acima de maneira alguma pode servir de fundamento para afirmar da maldade ínsita que o ser humano carrega – o pecado original – ou para restritivamente direcionar o atributo da maldade somente a este membro inferior da raça melhor sucedida do planeta Terra. Somos um amálgama de coisas boas e ruins. O importante é que as características “do bem” triunfem na maior parte das vezes, blábláblá... Que porcaria. Peço sinceras desculpe a Nietzsche e a todos os outros filósofos que buscaram desvendar a alma humana e até para àqueles que lhe negaram uma. Dou um paço “para fora” da vereda filosófica por onde erroneamente fui arremessado.

Como podem observar me evado despudoradamente do assunto reunião como o diabo recua diante do padre dizendo missa e empunhando a cruz com cristo pregado nela. Inadmissível retornar. Rejeito a ideia “primae facie”. A remota e apagada imagem do grupo de diretores em volta da mesa deliberando me causa náuseas. Enjoo. Os gêmeos idênticos, os “os” duplicados perderam o acento circunflexo. Perderam a sua identidade. A palavra enjojo era mais enjoativa com o acento gráfico. Vejam como era bonita e nojenta: Enjôo. Ficávamos mareados mirando àqueles dois olhinhos, um deles desprovido da pestana. Agora não, despojado da capacidade de nos enjojar não é mais

o que era. Não causa mais o efeito de antanho.

Continuo infrutiferamente tergiversando. Impossível continuar a enganá-los. Até mesmo os intelectos medianos perceberam. Soçobram minhas manobras evasivas. São natimortos meus movimentos. Tal qual um espectro paio sobre a sala de reuniões. Meu espírito resoluto não baixou ao meu corpo físico que se encontra inerte, morto ali em baixo sentado naquela cadeira torturante. As reuniões possuem este terrível poder. O poder de expulsar as almas daqueles que realmente compreendem o seu espírito, a sua essência daninha e destrutiva. Capto dos leitores, de seus semblantes em agonia o desejo de saberem o que resultou das discussões daquele agrupamento de pessoas num mesmo local para tratarem de algum assunto ou com propósitos recreativos. Nem que me paguem eu retorno ao tema. Bem... Meditando melhor... Não, melhor não. Boa reunião a todos.

# CLÁUDIO D'AMORIM

Cláudio D'Amorim, natural de Niterói (RJ), é músico por predileção.

Cursou a Escola de Música Villa Lobos. Atualmente, cursa Jornalismo (U. Cândido Mendes). Estudioso das Artes, poeta e escritor por vocação — seus poemas e textos constam de diversas Antologias.

Seu livro “Contos achados nas eras perdidas” foi publicado em outubro de 2020, pela Editora Versejar.

## QUANDO A MENTE VOA

Nós, liricamente, somos poemas alados. Cantamos em cada estação, rimando trilo e pizzicato. Assobio-lhes que bastou o verão apontar para que o pleito contra Dona Genoveva fosse encaminhado. Responderia por um ‘sabiacidio’, cometido pelo gato. A inspiração de um poeta fora aspirada por aquele incivil. Denúncia, apresentada à Salvaguarda dos Animais, em longo relatório, descrevia que o malvado abatera perversamente a infeliz com garras aparadas a esmeril:

Razão por todas as cenas  
O astuto aqui citado  
Foi sim, devorar calado  
O quitute envolto em penas.

\*\*

O passatempo preferido de muita gente é a criação de pássaros. O gosto por esse interessante ramo da avicultura vem de longo tempo e existe nesse meio inúmeros criadores competentes. Dona Eva, artesã, possui lindos canários-belgas.

Sei haver lugares em que viticultores têm falcões treinados sobrevoando suas vinhas, com o pressuposto de assustar bandos de aves que devoram as uvas maduras. Aqui não. Um sanhaço-cinzento, que, no momento, as está bicando, chama-o “Éden”.

O local é repleto de arbustos e há bebedouros sob todas as sombras. Jardins são ótimos lugares para quem quer fugir da pressão do dia a dia. As plantas possuem variadas serventias: enquanto pitangueiras e amoreiras oferecem frutos, outras nos brindam com aromas. É ideia geral que um jardim deva garantir o sustento necessário para manter a fauna. Passarinhos sabidos procuram alimento e voam direto aos ninhos, de volta aos filhinhos que os esperam. Eu o chamo “Pomar Mita”.

Ouvida pela Inspetoria, D. Genoveva não desmentiu a acusação e alegou que o felino assim agira pelo instinto de caçador:

— Soltava-o porque nunca atentou contra os meus canários.

\*\*

Por duas semanas o sanhaço não veio. Quase morrera de susto, ao ouvir um bafejo hostil durante seu banquete de quinze dias atrás.

Vivemos tão imersos na barulheira de buzinas e veículos, ou sirenes e apitos em tamanho somido, que os nervos aflitos esperam que a Ciência descubra meios de atenuar tanto ruído. Basta dizer que não se ouviria o rugido de um leão a seis metros de distância, tal o estrépito ambiental da cidade. Bem, não importa quão intensa seja a zoadá, ela raramente incomoda quem a faz. Existem ainda os ultrassons, que humanos não captam, que permitem espantar certas aves. Foi por isso que o sanhaço voara apressado. O Pesadelo galgara a parreira!

Na hora avaliei que escapara num descuido, a criatura. Aproximei-me para confirmar a minha conjectura e soube então que não me enganara. Mesmo capenga da dianteira lá estava o aproveitador, em liberdade incondicional. Quem observasse a desenvoltura dele, haveria de supor que essa ‘tal liberdade’ era propriedade sua, que a havia comprado e tinha o recibo na coleira.

\*\*

Em depoimento, Poeta relatou que o predador comera ave belíssima, estando a mesma em seu inviolável domicílio: a gaiola.

A sabiá representava também, com todo brilho, riqueza familiaríssima’.

Logo depois da aurora

A levava orgulhoso.

Íamos, os dois, afora:

Sob um sol mui preguiçoso.

Seus olhos miravam tudo

Do mundo desencontrado.

Tinha, porém, bico mudo!

Nada bem-acostumado.

Presos ou soltos? Não me cabe julgar. Sei apenas que a nostalgia resulta de devaneios pulverizados. Supõe-se que apenas os humanos estariam aptos a experimentá-la no mais secreto do coração. Entretanto, não.

Para constatar isso é só observar, por entre as frestas de uma gaiola, a dolorosa passividade de exilados seres emplumados.

Trazidos que foram por logro, ou obrigados a partirem a procura de lugares para suprir a fome, jamais poderão exprimir por gestos toda a falta que sentem do habitat deixado tão longe.

Tal qual a sabiá que, das matas subtraída, mantinha um aspecto mudo, ou cantava apenas para espantar a tristeza, tamanha a saudade sentida.

\*\*

Pesadelo. É como chamamos o gato invejoso. Niilista, destruidor de conceitos enquanto passeriformes. Precisávamos dar-lhe um susto para escafeder-se. Isto, sim.

Combinei com o sanhaço envolver Pesadelo num embuste. Aliciamos o tiziu que, saltitante, levou o gato ao oratório de São Cosme. Fechamos a entrada. Tiziu saiu pela rachadela do telhado e Pesadelo ficou dentro. Precisou se virar com os doces e a água do santinho durante três dias. Miava, mas D. Eva não conseguia ouvir: ela colabora com serra e furadeira, para a lista dos barulhentos. Com muitos anos de solteira, vive de seus trabalhos artesanais, principalmente gravura em madeira.

Abrimos a portinhola. O bicho disparou. Ainda assim não foi embora. Dona Genoveva costuma tomar banho de mangueira. Sem nada que lhe empane a beleza. O vizinho andou desconfiando, mas não pôde ter certeza devido ao muro alto. Nessas horas o gato desaparece, com horror da molhadeira. Poeta imaginava uma ‘jatada’ no incauto.

Também refletia porque D. Eva mantinha um vândalo em casa, enquanto criava canários. Não sabia ele que ela, por gostar de ler receitas caseiras, achou certa vez uma inédita para esfoliar a pele: untou o rosto com caldo de mocotó e salpicou polvilho por cima. Grudou de tal forma que teve de chamar o gato para lambar e descolar mais fácil.

A verdade é que ela — toda coquete! — tentou, no início, impressionar o vizinho que dizia ser um solteirão convicto. Deram-se atritos no apego: processo em curso, zangas e arrufos.

Poeta arranjou uma gata mourisca e a amarrava à noite no telhado, para atrair Pesadelo. Na primeira lua cheia ele o viu junto à gatinha e jogou-lhe um saco de aniagem. Lançou-o na calçada de Genoveva. Só



de molecagem, o gato caiu de pé, mas ficou desconjuntado.

— O senhor teve coragem de atirar meu bichano daquela altura?

— Não tão ao pé da palavra. Eu até corri para ver se o aparava, mas quando cheguei ele já tinha se estatelado.

Concluiu ela, ao fim, que ele preferia seguir invicto e não daria bom valete. Ficou o dito pelo não dito. Ela não é baranga, ele não é tartufo.

Com o gato sob cuidados e com o trovista sem sua musa, o outono chegou ao jardim. A queixa saiu de vista.

Do episódio felídeo, o moço se arrependeu. Seu hábito agora é ‘passarinhar’ de binóculo, o que estimula a senhorinha. É provável que Genoveva insista.

\*\*

Sou apenas um canário-da-terra. Ousado, com domínio da mente e do meu território. Hoje surrupiei o jeitão do Poeta expressar seu palanfrório. Como devem ter percebido, também sou metido a besta.

Por hora, já vi meus iguais. Estão saudáveis, por isso me vou na sexta. Ainda combato uma prática condenável: rinhas de briga.

Soube que em outros países ainda permitem o desatino. Sem intriga, o galo-da-serra-andino, cantou que no Peru ainda é proativa. Creio que voarei por aquelas plagas, a tempo de estar na impeditiva.

Meu amigo sanhaço ao voltar, trouxe os seus. Meteram-se a bicar frutas de consistência mais docinha, que já amadurecem no sublime ‘atelier’ de Eva. De onde, faceira, a bela sai vestida com o icônico traje — uma folha de parreira.

Fiu fiu!

\*\*\*

## WIANA KELL

Cearense de alma paraense, é autora de três livros infantis. O último título em português: "O Jardim da Lua" foi publicado pela editora Tigrito em 2021. Escreve crônicas para o Diário de Uma Expatriada. É praticante também de poesia de Haicai. O "O Jardineiro» é seu primeiro texto publicado no gênero de Conto.

Fale com o autor: [wiana.kell@outlook.com](mailto:wiana.kell@outlook.com)

## O JARDINEIRO

Quando a quentura batia ao meio-dia e um vento morno soprava no seu rosto magro, o Jardineiro só tinha um querer: desistir de tudo. Aguava uma planta aqui, outra acolá, e molhava sua face suada daquela sauna ao ar livre. "Viver no deserto tem dessas coisas de dias pegando fogo", dizia. Ruminava sob o sol de quarenta e cinco graus. Tinha poucos dirhams no bolso. Só queria retornar à sua terra.

Tinha trinta e sete anos. Franzino, cabelos lisos e olhos negros de uma inocência que se via quando se chegava mais perto. Vivia há cinco anos naquele lugar de um deserto infinito. Tudo era tão diferente da sua cidade natal. Queria abraçar mulher e filhos.

Sentia falta do grande rio Azul. O que lá habita no meio do cheiro da floresta. Abismava-se com a quantidade de areia margeando as casas. Enchia os olhos ao ver tudo que era tipo de jardim. Estimava o de cinco tamareiras onde dormiam os pássaros azuis — um verdadeiro oásis naquela terra marrom de aparência silenciosa. No início, mal falava a língua dos moradores. Costumava dizer, por exemplo, "liga para ele" no lugar de "ligue para mim".

Foi nessa época que se endividou, passou o primeiro ano pagando um carro sem ar condicionado para se locomover. Virava uma cachoeira cálida enquanto dirigia naquele bafo escaldante. "Coisas do deserto", dizia.

À noite, ao olhar-se no espelho, não reconhecia o rosto enrugado pelos beijos diários do sol. Esse desafeto fazia o tempo apressar em uma década a sua idade de nascença.

Dividia o cômodo com cinco compatriotas. Sua mala era seu guarda-roupa. E lá guardado um chinelão e mais meia dúzia de calças e blusas longas, as kurtas. Por cima dos pertences o seu rosário árabe. Era um masbaha de cor pálida assim como o deserto, que o esperava todas as noites. Dormia na cama de baixo do beliche e dali podia ver as fotos coladas nas frestas de madeira que sustentavam o colchão de cima. Uma delas era do rio Azul, que atravessava sua cidade natal. Ao lado, outra amarelada da esposa, séria, no meio das suas cinco crianças sorridentes. Dizia que tinha que olhar para aquelas imagens para não

esquecer de como a vida era boa, nem perder as feições de cada um de seus amados.

Ao final de cada dia, trazia galhos de plantas, rosas do deserto e jasmim. As colocava num vaso. Fazia parte da sua reza para Allah. Orava para o Menino, seu primogênito, que partiu para o terceiro céu.

Sonhava acordado com sua infância, via seus pais, o casamento, os olhos claros da noiva; as brincadeiras com os filhos pela floresta de cor de mato. No final desse ritual, vinha uma nuvem imaginária escurecida. Trazia lembranças do dia cinzento quando ficou sabendo que o Menino tinha acabado de ir morar com Allah. Um buraco profundo se fez no peito. No enterro, não estava lá. Soluçou de longe. Depois de ficar horas a enxugar os rios de lágrimas que inundavam o seu deserto, comprou um vaso de flores. Seu receptáculo de tesouros ocultos.

Na cidade do rio Azul, trabalhava pouco, mas não se sentia explorado. No deserto, por sua vez, era tapeado pelo Primo. Aquele que o levou para trabalhar no deserto. Aceitou a proposta na condição de que lhe pagasse metade do que ganhasse mensalmente. O restante dividia em duas partes, uma para ele e outra para a família.

Durante as manhãs matutava. Só restava fazer serviços extras fora da vista do Primo. E assim foi. Fazia bicos na sexta-feira muçulmana enquanto escutava de longe o chamado da mesquita: "Allahu Akbar", que em árabe quer dizer Deus é o Maior. A esperança crescia. Ele agradecia.

Certo dia, o Primo o seguiu escondido. Desconfiado, descobriu a trama. Os olhos se endiabraram de raiva. Na manhã seguinte partiu para cima do Jardineiro. Foi tapa daqui, outro de lá. Um caiu, o outro levantou. O Jardineiro correu em direção ao carro para fugir, de supetão tropeçou em um ancinho de ferro, machucando o pé. Enfurecido e gritando, o Primo exigiu que ele fosse pagar o devido na manhã seguinte. O Jardineiro, com o coração tremulando, enrolou um pano no pé sangrento e partiu. Na sua cabeça iria ficar tudo bem, mas uma febre veio lhe visitar. Passou o dia no hospital.

Ao voltar para casa, contemplou o sol que começava a querer ir embora atrás de uma Ghaf verdinha. Não entendia como aquela árvore resistia a tanto calor, nunca esmorecia e muito menos mudava de cor. "Coisas

do deserto", dizia.

O Primo, em cólera, veio cobrá-lo para que voltasse ao trabalho. Sem ter opção nem dinheiro, o Jardineiro cedeu. Foi fazendo tudo vagarosamente e de repente começou a sentir rigidez no rosto. Deitou na grama, olhou o céu branco dos dias abafados, depois virou para o lado avistando a tamareira atrás da rosa do deserto. Os olhos foram se fechando e uma calmaria aliviou o corpo.

Respirou levemente, viu a imagem da mulher séria e dos filhos; da casa dos pais onde morou quando pequeno e do querido vaso. Seu santuário. Sentiu o cheiro da flor de jasmim, viu o rio Azul. Rememorou as dunas tranquilas daquele lugar. E, por último, a imagem embaçada e o sorriso do seu Menino, dizendo: "Pai, eu estou aqui". Era o primeiro dia de Ramadã, o mês sagrado dos muçulmanos. O Jardineiro deu seu último suspiro.

No velório, amigos trouxeram flores cultivadas por ele, as fotos, o rosário pálido e jogaram tudo na cova. A areia fina do deserto por cima selava o corpo envolto em uma mortalha branca com cheiro forte de ervas. Disseram o último adeus.

Veio um vento suave também se despedindo, e levando a reza das bocas do imã e de cada um ali presente para que ele escutasse mesmo ausente. Os dias se passaram numa lentidão só, era Ramadã, o mês do sacrifício. O Primo fazia tudo como pregava o Islã. Rezava cinco vezes ao dia, jejuava até o sol se pôr, mas não tinha feito a doação de caridade anual durante o mês sagrado, o zakat. Um pesar chegou martelando o coração. Lembrou o significado do nome do primo: aquele que cuida. Chorou copiosamente.

Enquanto juntava os pertences do falecido, encontrou a carteira de imunização e lá viu que a sua vacina de tétano estava vencida. Desta maneira, entendeu o motivo do óbito abrupto. Uma secura de deserto e culpa se instalou, nem a chuva dava jeito de flores germinarem.

Dias chegavam e dias partiam. Tinha pesadelos ao dormir, nem fome sentia. A mente não aquietava enquanto o coração lamuriava. Tinha saúde e tinha economias. Na penúltima tarde de Ramadã, o vento soprou com toda a força pelo deserto, prenunciando que viria o shamal, a grande tempestade de areia. Doou o que tinha para a Mulher do

primo.

E, no deserto, seguiu sentindo o cheiro de jasmim quando levava para casa flores em oferenda ao Primo. As colocava no vaso herdado do Jardineiro, aquele de tesouros.

# RAIMUNDO JOSÉ DE SALES JÚNIOR

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Sousa – Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Direito Processual Civil e do Trabalho – Universidade Potiguar. Técnico Judiciário – Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Norte. Redijo, publico resumos, artigos e capítulos de obras jurídicas, participando de vários eventos na seara do Direito. Exerci a docência superior na Universidade Federal de Campina Grande e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Redijo biografias, contos, crônicas e romances. Publiquei a biografia Um Sertanejo (2019), participei das seguintes antologias: Histórias de Isolamento – com o conto Tenho Medo Não (sobre a pandemia do Covid) – 2021, Biografias Literárias – biografia de Orilo Dantas de Melo - (o poeta das oiticicas) – União Brasileira de Escritores – Rio Grande do Norte – (2021), Contos de Todos – Oficina Literária Ministrada pelo escritor Raimundo Carrero – PE – contos: O rio tá com água e o prefeito dotô (2022). Sou membro da União Brasileira de Escritores – Rio Grande do Norte – UBE – RN (2020), União Brasileira de Escritores – Nacional (2021) e da ACILBRÁS – Academia de Ciências Letras e Artes do Brasil (2022).

Fale com o autor: [rarmundosaes2020@bol.com.br](mailto:rarmundosaes2020@bol.com.br)

## PREFEITO

Seu Basto, Seu Basto. É Chico, Basto. Entra. Chegou bem na hora do café. Qué qui há Chico? Ia passano e decidi entrá. Bastinho tá mal das pernas hein? Apois num é hõmi? Tomamo a muda véia depois de tomá peia tanto tempo. Não iscuta o que eu digo. É, e o sinhô foi prefeito três vezes e manda nesse lugá desde que passo para cidade. Lá no posto do telefone aquele fresco véi tá é robano com força. Todo meis tem que cobri os rombo. Bastinho fica calado, pois a família dele é grande, e são furado na venta por nós. E tem o secretário de obras, né Seu Basto? Pela caridade. Nem me fale. Tá fazendo uma casa com o material, os pedrêro e os serventi, tudo da prefeitura. E aquele lesu num diz nada. Só num vai saí com uma mão na frente e ôtra atrás pruquê a muiê deu uma butada para ele reformá a casa. Acho que vou tê qui continuá dando a fêra deles.

Olha a tapioca saindo. Cum mantêga da terra num tem melhor, né Chico? Nem si fala.

Já pensou no candidato Seu Basto? Amaro Bebão. E é? É. Ele tá cumigo desde o primeiro voto. É um hõmi formado. Na campanha passada quando Jaime Medeiros veio aqui tentá costurá um trato para butá Bastinho como prefeito e vice o candidato desse médico nas coxa, dizendo que a Secretaria de Interiô e Justiça apoiava, eu conversei com Amaro e ele desaconselhô, dizendo que eu segurei a bandeira tanto tempo. Eu já num queria mermo. Vendi tudo o que tinha mas tomamo a viúva. E agora Amaro vai si formá em adevogado. E as cana cebosa? Tem nada não.

Seu Basto, Seu Basto. Tão chamano aí. Mariana tá no banho. Ah, é Joãozin das Aroêra. Entra hõmi. Qué qui há? Seu Basto, tou com o côro do bucho da frente bateno no das costa. E lá em casa tem a muiê, e mais cinco minino. E é? Tou sem nenhum dinheiro aqui. Você qué esse quêjo de mantêga? Seu Basto, para quem num come há tanto tempo isso é um tisôro. Brigado Seu Basto. Deus lhi abençoe, dizia o homem beijando-lhe as mãos. A todos nós.

Ôxi, cadê o quêjo de mantêga, indagava Dona Mariana, terminando de enxugar os cabelos. Eu num acredito não. Você já deu, Basto? Foi. Tô



sem dinheiro e passou um homem aqui pedindo. Tem jeito não. Acabou com tudo: sítio, apartamento na capital, carro... se não fosse a aposentadoria a gente ia era passar fome. Seu Basto só fazia era rir.

Eu queria ser o candidato. Chico: você chegou um dia desse. Tem gente comigo há muito mais tempo. Tou fechado com Amaro para prefeito e Belusca de vice. Mais pra frente você entra. Tá certo.

Eu quero falar com o prefeito, chegava um telefonema na prefeitura. Quem é? Quem tá falando, indagava Bastinho. Um conhecido seu. Eu quero lhe dar uma notícia quente. Sua mulher tá lhe enfeitando. Isso num procede não. Tou falando. Por que você não diz quem é? Vou me apresentar depois na sua frente. E é com Amaro vereador. Observa e você vai ver.

Bastinho ficava de pé atrás. A mulher ia muito na casa da mãe, que morava em frente. Também tinha o vestido novo que mandava fazer para todos os batizados que iam, mas João Minino tirava as medidas na casa deles. Amaro não tinha contato com eles. Era mais com o pai dele.

Venha aqui em casa, quero falar com você, ligava Seu Basto para o filho. Bença pai. Deus te abençoe. O que é? Amaro me falou que você num lhe dirige mais a palavra. Recebi a notícia de que ele tá tendo um caso com Helena. Cumé que é? Isso que o senhor ouviu. Isso num procedi não.

Seu Basto caía em campo. Foi arrodando para ver se apurava alguma coisa lá na Esquina da Rola Mucha, no Bar do Peido, no Pife de Pedrinho Bitico e na casa das irmãs cajazeiras. Puxou por Mané Cabrota, mais nada. Ninguém dava notícia, ou então estavam fazendo boca de siri.

O prefeito recebia outro telefonema, dizendo que todo mundo já sabia das pontas. Quem é você homem, pelo amor de Deus? Quando se encontrava com o vereador Amaro, virava a cara, mesmo nas solenidades. Pai, se o senhor apoiá aquele homem eu viro pro outro lado. Qué isso filho? Amaro tá com nós há tanto tempo e eu já dei a minha palavra. Tem conversa não. A gente bota quem, afinal de candidato? Chico Suvaçêra. Ele chegou aqui um dia desse. Mas tem mais dinheiro. Dono de uma frota de três quartos. Vou pensar.

Chico era mesmo o escolhido. Ia enfrentar o médico Dr. Paulo, que já foi gestor duas vezes, e que tinha muito serviço prestado.

E você já tá trabalhando? Indagava Chico a um jovem que estava

cursando faculdade. Não senhor, não terminei ainda. Se quiser, boto você no gabinete do meu deputado. Você só vai recebê sem nem ih lá. Meu primo, que é do outro lado, já me ofereceu emprego quando eu me formar. Obrigado. Vou votar no Doutor mesmo.

O candidato apresentado por Dr. Paulo na eleição passada e que foi derrotado, ia concorrer. Pela primeira vez o lugar tinha três candidatos a prefeito.

Chora, chora,

Arruma as mala e vai simhora... entoavam os eleitores de Seu Basto na primeira passeata deles, cada um acenando um lenço branco.

O barco tá furado,

O barco tá furado... devolviam os partidários do dotô, com um barquinho de papel na mão.

Milton, o terceiro candidato não conseguia formar nem um comício e muito menos uma passeata. Tinha anunciado que ia desistir. Vamo prá capitá, convidava Seu Basto. Foram Milton, Seu Basto, Bastinho, Chico Suvaqueira e uns dois ou três mais. Todo comício de Milton, a partir desse dia, tinha um tambozão de cana, com restos de frutas. Tinha dia que ficava até meio azulada. Quando o carro passava, era uma procissão. Era botar e em pouco tempo o tonel secava. Milton ainda arrastava trezentos e cinquenta votos. Dr. Paulo perdia por duzentos e um. Fui derrotado para um motorista, desabafava Dr. Paulo com o Padre Severo. A vida é assim mesmo. Tem outras eleições.

Poucos dias após a posse, o prefeito Chico mandava Siriaco levar Bastinho para Campina Grande. Vou lhe pedi pra você num ih mais pra na prefeitura. E precisava vir até aqui só para dizer isso? É porque naquele lugar tem muito fuxico. Ele tirava os cargos de confiança de Bastinho e da esposa.

A secretária de educação de Chico ia pedir emprego para um irmão. Ele dirigia para o dotô na campanha. Até me insultá insultou, dou nada. Sou igual a papêra. Digo logo é na cara, dizia Chico ao motorista e ao chefe de gabinete.

Tinha uma pessoa muito doente para ser tirada para a capital. Naquela noite havia um jogo do Vasco. Muita gente ligava e o motorista Jorge dizia que não iria. Quando o prefeito Chico foi lá, ele avoava foi as

chaves nos pés deste. Chico já tinha uma multa dele guardada no cofre da prefeitura. Suvaqueira fazia até uma festa com uns chalêras para comemorar a demissão. Jorge botava advogado e era reintegrado. Eu mostro como ele não fica, dizia o prefeito antes de viajar para a capital. Poucos dias depois a Corte Trabalhista mudava a decisão do Juiz.

Quando diziam que Seu Basto era a maior liderança do lugar, o prefeito respondia: foi.

Chico ia tentar a reeleição. Enfrentaria uma dentista. Chegava numa casa e tava por cima de retrato da mulher. Chico: eu voto em você, mas os minino tão tudo com a dotôra. Eu só aceito se for todos os voto. Assim pode pegá desceno. Nem mais eu voto em você. Ora se vamo deixá de votá numa muiê nova e bunita, para votâ num véi fei e fedorento feito esse.

Diziam na rua que para Amaro Bebão passar para o lado da doutora custava cento e vinte mil reais.

A propaganda da doutora estava uma beleza, e ela falava bem que só. Estranhamente, dava um problema na única rádio da cidade e não conseguiram mais gravar os programas. Consertaram, mas depois queimava tudo novamente. Isso nunca tinha acontecido em toda a existência da rádio. A dotôra dava uma surra de saia em Suvaqueira, botando mais de setecentos votos de maioria.

# LUA NÊ

Numa forma poema prosado, conto-poema ou outro molde a intitular um eixo pouco específico, Lua Nê atriz, musicista, professora, coordenadora pedagógica e escritora latinoamericana, pauta sua poética no cotidiano afetivo, como mulher, lésbica, amarela e no lugar da palavra do lúdico ao biográfico. Tem seu primeiro conto publicado em 2021 (Editora Unesp) e sua primeira obra "O arroz é o maior lugar da casa" em 2022 (Editora Multifoco).

Fale com o autor: [ln.sato@unesp.br](mailto:ln.sato@unesp.br)

## A LAVAR MEIAS

Constância,

Moça singela, vivia lá no bairro da Saúde, sabes?

A lavar meias, constância vive. Pega um balde d'água, encosta umbigo no tanque e dia após o outro, lava meias.

A mulher não lava nada além de meias. Todas elas: as mais longas, listradas, sociais, brancas: tudo cabe ao jeito preciso da constância e seu grande coração estrategicamente estável.

Muito bem quista pela vizinhança, todo mundo ama a tal Constância e leva todos os pares sujos da semana.

Meia-calça? Não. Constância tem que assumir limitações, pra que a vizinhança não volte a trabalhar segunda sem meia. Meia-calça é uma modalidade muito meia, que demanda muito sabão. E se acaba o sabão? Não. Vamos de meias-meias, tão inteiras que são.

Como haveria de se esperar que Constância espera algo? Não, Constância se encerra em si, não é meio pra nada; nem meio contente, nem meia calça.

A Constância não recebe cartas de amor pelo correio e ninguém nem pensa nisso. Recebe sim as meias sujas da semana. E lava, de bom grado. De bom grado porque não recebe os olhares fervorosos que Dona Matilde, a fabricante de serpentina, recebe. Matilde sim, não tem lá interesse pelo chulé da vizinhança, muito menos apegos com classificações precisas de meias-calças, tão meias que são.

Ah, se constância soubesse. Faria nada de bom grado não. Abriria vinho de terça e cortaria confete pra vender uma vez por mês.

Constância, quando anoitece, sente um fiapo no peito. Porque ninguém tira as roupas de Constância, o que fazem é dar-lhe meias, meias de lã, de seda, as mais longas, listradas, sociais, brancas. Ninguém olha Constância com os olhos cheios de será, porque amanhã, a lavar suas meias, constância estará.

As velhas alertam: Constância, menina tão moça, recebe só pelo que faz e olhe lá. Tão macia desse pó amaciado, inteira ali e meio só.

É que quando se lembram daquele furo na meia vinho, que constância costurou em linha de gentileza ou daquele cheiro mau que vem do

sapato de todo dia, que constância conhece com elegância, assumem uma intimidade tão banal, acontecida, que é melhor viver de serpentina.

Pegar a mão da Constância é ir se deitar com quem conhece seus cheiros menos cheirosos. E esse perfume é tão inebriante, quanto letárgico.

# AYALA GURGEL

Filósofo, Escritor e Professor Universitário. Tem interesse por ficção teológica e cultura nordestina, procurando criar uma literatura que reúna o clássico com o inovador. Autor de obras como O Livro de Caim e O Soneto do Diabo.

## BOLETIM DE OCORRÊNCIA

NATUREZA: INQUÉRITO INVESTIGATIVO

DATA DA COMUNICAÇÃO: 03 DE DEZEMBRO DE 2019

COMUNICANTE: IVALNETE MARIA APARECIDA IMACULADA E SILVA

### DEPOIMENTO

A senhora Ivalnete Maria Aparecida Imaculada e Silva, vulgo Neta, quarenta e dois anos, casada, segundo grau completo, dona de casa, residente nesta freguesia, compareceu a esta delegacia distrital em dia e hora agendados, na companhia de duas testemunhas e sua advogada, todas devidamente identificadas na forma da lei. A depoente narrou, perante mim, escritã de polícia, que se encontrava profundamente abalada com o ocorrido e estranhava as acusações que pesavam contra sua pessoa; que não passava de um mal-entendido; que nunca foi sua intenção falar mal de ninguém, quanto mais de uma pessoa morta, e, muito menos, em frente à família enlutada; que sua mãe lhe ensinou que falar mal dos mortos pode trazer bastante azar e nunca faria uma coisa dessa. Solicitada para se ater aos fatos, a depoente disse que tem ciência da acusação aberta contra ela e que tudo não passa de um mal entendido. Quando indagada, a depoente assumiu que esteve no local da ocorrência e permaneceu ali por cerca de meia hora. Reconheceu que o local a que se refere é a sala cinco da funerária central desta cidade e que foi ali que ocorreu o episódio motivo de sua oitiva; que esteve lá à convite da família de um amigo de infância que havia morrido recentemente e há muito não se viam; que foi justamente para o velório dele. Disse que convidou para irem ao funeral consigo duas pessoas, amigas de vizinhança, visto que o marido se recusou a acompanhá-la. Indagada, disse que as amigas às quais se refere são as mesmas que estão presentes como testemunhas nesta oitiva. Que tomou essa atitude para não correr o risco de ficar sozinha, pois não conhecia ninguém da família do morto além da amiga que a convidou. Que chegaram ao local por volta das oito horas da noite e não pretendiam demorar. Que nenhuma delas gosta de ficar em local onde



há gente morta por muito tempo, especialmente à noite. Que, ao chegarem à funerária, não pararam na recepção e foram direto para a sala onde acontecia o velório, a sala de número cinco, conforme sua amiga e irmã do falecido lhe informou ao telefone. Ao adentrarem o recinto, disse a depoente, percebeu que não eram as únicas a estarem atrasadas, pois a sala estava quase vazia, só haviam três pessoas no local, uma senhora e duas pré-adolescentes, todas sentadas no canto da parede. A depoente fez questão de explicar que quando disse que não havia mais ninguém não contabilizou o morto, que estava no caixão aberto no centro da sala, exposto à visitação. Disse que, chegando ao local, não viu sua amiga ou outra pessoa parecida com ela, que pudesse ser da família, nem qualquer pessoa conhecida, o que achou estranho, mas não pensou muito nisso. Que, ao entrar na sala, fez uma saudação discreta à mulher e às meninas que estavam sentadas e foi direto ao caixão, para dar uma olhada rápida no morto. Que rezou um Pai-Nosso junto ao falecido e somente depois as três foram se sentar, no lado oposto ao do grupinho que já estava na sala, para aguardarem a amiga ou outro parente. Disse que, nesse intervalo, para quebrar um pouco o clima chato de velório, ela começou a contar às amigas algumas lembranças que tinha do falecido. Indagada, disse que pode ter falado em voz alta, de modo que qualquer pessoa que estava na sala poderia ter ouvido o que ela falou. Sobre o conteúdo do que falou, disse que contou às amigas que se lembrava de poucos episódios sobre a vida do falecido, a maioria de quando eram crianças, e contou que o falecido costumava se vestir com roupas de mulher e brincar com as amigas, até altas horas; que esse hábito foi mantido, escondido dos pais, até a adolescência; quando, em mais de uma ocasião, ela o ajudou a se maquiar antes de sair, mesmo tendo ensinado-o a fazê-lo sozinho; que foi somente após o falecido começar a namorar com meninas que ele diminuiu o hábito, mas, vez por outra, passava na casa dela e os dois ficavam muito à vontade, e ele fazia questão de experimentar os sapatos e vestidos que ela tivesse. Que ele não gostava de outras coisas femininas além de vestidos, sapatos e maquiagem. Disse às amigas que, certa vez, ainda na adolescência, ele levou para ela o seu primeiro cigarro de maconha e que fumaram juntos. Por fim, que o falecido era muito divertido e que ela não sabe por qual razão os dois se afastaram.

Disse que foi somente isso que falou às suas amigas naquela noite e que não viu nada de mais nisso. A depoente, respondendo a pergunta do delegado, disse que sim, percebeu que enquanto falava do falecido a mulher e as duas meninas choravam bastante, mas ela não fazia ideia de quem eram ou por que estavam ali. Declarou que não sabia nada sobre a vida do falecido nos últimos dez ou doze anos, mas tinha certeza que ele não havia se casado e aquela mulher não podia ser esposa dele nem as meninas suas filhas, e se fossem da família deveriam saber muito bem o que ela estava falando, pois o próprio falecido abriu a boca e confessou tudo sobre sua vida sexual numa noite de natal em família. A depoente disse que se lembrava muito bem daquela ocasião, apesar de não se recordar mais do ano, pois ele teve que ir dormir na casa dela após a confissão, e levou algum tempo para a família aceitá-lo, mas acabou dando tudo certo. A família não tinha mais segredos quanto a isso e aceitava seus namorados, por isso ela se sentiu à vontade para falar o que falou. Acrescentou que não viu razão para se preocupar com a discricção sobre a intimidade do falecido, pois não acha vergonhoso ser gay, e, quando perguntada, disse que se lembrava sim de ter falado às amigas que ela havia conhecido o grande amor da vida dele. Que se lembrava de ter dito isso e na mesma hora acrescentado que não se recordava mais do nome, mas sabia que os dois trabalhavam juntos quando se conheceram. Disse que, por mais de uma vez, teve vontade de perguntar àquela senhora o que era do falecido, mas como ela estava sempre chorando, achou por bem esperar a amiga chegar, pois não sabe lidar com gente chorona. Disse que isso demorou cerca de meia hora, e, como ninguém conhecido apareceu, as três decidiram que estava na hora de irem embora. Que, ao saírem da sala cinco onde o corpo estava sendo velado, viu sua amiga no bebedouro e chamou por ela, que lhe perguntou o que faziam ali, visto que o velório estava sendo realizado na sala quinze. A depoente disse que somente naquele momento percebeu que falou do morto errado na frente de uma família que ela não faz a menor ideia de quem é e que ficou morta de vergonha, mas não teve coragem de voltar e pedir desculpas. Era o que tinha a relatar.

A publicação da Antologia de Contos Seleccionados reafirma o papel institucional da Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciências de difundir a cultura nacional e a literatura brasileira, reconhecendo, valorizando e promovendo não apenas o livro e a leitura, mas também novos autores que nos brindam e nos encantam com suas histórias.

Os Contos seleccionados nesta obra abrangem as mais diversas temáticas de forma criativa e inspiradora. Todos os textos que compõem a Antologia de Contos Seleccionados foram submetidos por seus autores ao VIII Concurso Literário Cidade do Penedo de Poesia e Conto e receberam menção honrosa por parte da Comissão Avaliadora da APLACC.

